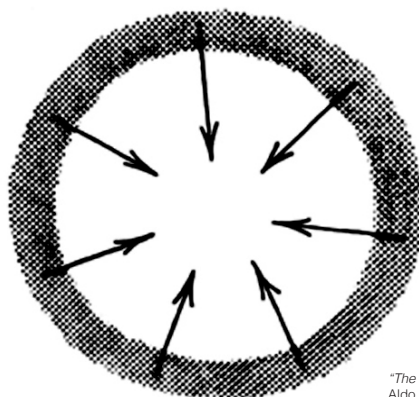




IN-BETWEEN

um mediador urbano



"The Horizon and the Shifting Center"
Aldo Van Eyck (1984)

Mariana Cabugueira Custódio dos Santos
(Licenciada)

Dissertação/Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura (Mestrado Integrado em Arquitectura)

Orientador Científico: Arquitecto Pedro Belo Ravara

Júri:
Presidente: Arquitecto António José Lobato dos Santos
Vogal: Arquitecto Nuno Mateus

Lisboa, Novembro 2014



IN-BETWEEN

um mediador urbano



RESUMO

Na inquietante aceleração de um tempo que se mantém igual, pesa a exigência da mudança e da transformação, perde-se a inércia que controla o ritmo da evolução, a sociedade altera-se feroz, deixa para trás os vínculos que relacionava o homem com os homens e o homem com a cidade. Ao centro histórico exige-se a gestão do paradoxo, procura-se o isolamento e o anonimato, a identificação e a actualização

Em ***In-Between*** propõe-se uma reflexão crítica sobre o significado do **entre**, do compromisso, do negociável, do intermédio, do limbo, do hermético e do fluído, que ganha corpo através do desenvolvimento prático de um mediador para a Colina de Sant'Ana em Lisboa. Desenvolve-se uma proposta para construir um lugar entre lugares (in) veículo na cidade e veículo para a relação entre sociedade e cidade (between). Explora-se o paradoxo e o conceito de contradição, equilibra-se o público e o privado, entre aberto e fechado, vinculam-se e contraem-se espaços, onde interagem e se abrigam as pessoas.

Sugere-se um espaço para o centro da cidade, por força relacional, intermédio no espaço urbano e intermediário no lugar cultural.

Palavras-Chave: Vínculo/Compromisso; Público/Privado; Interior/Exterior e o *interior* que é exterior; Genérico/Singular e, sobretudo, Relacional

Título

(in) *Between*
um mediador urbano

Nome

Mariana Cabugueira Custódio
dos Santos

Orientador Científico

Arquitecto Pedro Belo Ravara

Mestrado Integrado em
Arquitectura

Lisboa, Novembro 2014

ABSTRACT

In the restless acceleration of a time that stays the same, there is a demand for change and transformation, the inertia that controls the rhythm of evolution is lost, society becomes ferocious, leaving behind the foundations which related man with mankind and with the city. In the historic city centre there is the demand for management of the paradox, there is a search for isolation and the anonymous, identification and actualization.

This dissertation, ***In-Between***, proposes a critical reflection on the meaning of **between**, compromise, the negotiable, the intermediate, limbo, the hermetic and the fluid, gaining body through the practical development of a mediator for the Colina de Sant'Ana in Lisbon. The proposal is to build a place between places (in) A medium in the city and medium for the relationship between society and the city (between). The paradox of the concept of contradiction, in equilibrium between public and private sectors, between openness and closeness, in linked and contracted spaces, where they integrate and shelter people.

A space for the centre of the city is proposed, through rational strength, via intermediate of an urban space which acts as an intermediate in a cultural location.

Keywords: Link/compromise; Public/Private; Interior/Exterior and the *interior* which is exterior; Generic/Singular and, especially, Relational.

Title

In-Between
urban mediator

Name

Mariana Cabugueira Custódio
dos Santos

Scientific Advisor

Arquitecto Pedro Belo Ravara

Master in Architecture
Lisbon, November 2014

AGRADECIMENTOS

Não existe réstia de dúvida de que o documento em mãos, anexos e peças desenhadas, só aqui estão presentes com a ajuda dos que estão sentados nesta mesa (da esq. para a direita): Carlos, Pai, Mãe, Inês, Diogo Batista, Sofia Esquível, José Pedro Fernandes, bici; dos que se sentaram no dia seguinte: Maria Cruchinho, Pedro Sacramento, Maria-Inês Silva, dos que continuaram na mesma cadeira e dos que são tão importantes como estes: Catarina, António, Fátima, Renato Monteiro, Duarte D'Oliveira.

É importante dizer que o conteúdo, a pesquisa, o carácter, a persistência, a liberdade e a regra, desta dissertação e deste projecto foram inculcadas por professores como Paulo Vaz (ética, história da arte, teatro, mentor), arquitecto Alberto Caetano (a teimosia e o pormenor), arquitecto Jorge Spencer (a arquitectura), arquitecto Nuno Mateus (o inesperado), a eterna paciência e interesse do meu orientador, arquitecto Pedro Belo Ravara.

ÍNDICE

1.Introdução	2
2. (in) <i>Between</i>	8
<i>(time) Constância e Mudança</i>	13
<i>(space) Lugares de Relação</i>	24
<i>(place) no Lugar para construir Lugares</i>	35
3. (in) <i>Extremis</i>	46
<i>Inbetweenner</i>	50
4. Um mediador urbano para a Colina de Sant'Ana	54
5. Descrição de Projecto: Processo, Método e Espacialidade	75
6. Considerações Finais	134
7. Fontes Documentais	
Bibliografia	137
Anexos	145
Desenhos	
Maquetas	
Mote/Processo inicial	
Peças desenhadas	

IN-BETWEEN

ANEXOS

Anexo I- Processo de Trabalho

Mote/Processo Inicial

IN-BETWEEN

ANEXOS

Anexo II- Peças Desenhadas



2. ARCHIGRAM - Graphic Design and the City Life

fonte: <http://i.ytimg.com/vi/IMQGrF06uz8/0.jpg>

1. INTRODUÇÃO

*“In a liquid modern life there are no permanent **bonds**, and any that we take up for a time must be tied **loosely** so that they can be untied again, as quickly and as effortlessly as possible, when circumstances change - as they surely will in our liquid modern society, **over and over again**.(...)” Zygmund Bauman, *Liquid Love**

Na inquietante aceleração de um tempo que se mantém igual, a sociedade altera-se feroz, deixa para trás os vínculos que relacionava o homem com a cidade, o público com o espaço urbano. Ao centro histórico da cidade, que é centro do urbano, da identidade, centro de vínculos, pede-se a gestão do paradoxo entre a modernidade e a historicidade, a estabilidade e a destreza, o indefinido e o determinado. O espaço público que se emancipa da cidade, emancipa o centro do seu valor clássico, de um espaço de reunião e interação, de uma encenação particular da sociedade e lugar por excelência para cumprir a urbanidade.

Para o centro histórico, que depende da função do público e da coesão entre espaços particularmente sujeitos à condição temporal, a arquitectura socorre à reposição da história como prioritária para consolidar uma unidade e um pólo atractivo na Cidade. Mas os vínculos entre *passados* são tão efémeros como os vínculos da sociedade actual. A arquitectura de “símbolos” estende-se à intervenção urbana que propõe a organização do caos pela introdução de uma unidade igualmente simbólica. Entre o respeito de um e o impacto do

outro surge a hipótese de um *(in)Betweener*, para contextos urbanos intermédios (in) por cumprimento de uma vocação relacional intermediária (between).

A dispersão da cidade, que perdeu os vínculos e a mediação do *entre*, já não se trata apenas de uma cidade expandida para periferia, mas de uma dispersão de actividade extendida a um todo, e, ainda, a dispersão de um interesse comum para a reposição do seu valor. A consolidação de uma unidade no centro para que se consiga cumprir a urbanidade, depende da adesão do público ao espaço e da permeabilidade do espaço colectivo ao público. A pergunta é se o espaço público onde se constrói a urbanidade actual ainda se pode construir nos espaços do centro clássico da cidade.

A ampliação do espaço social para um plano infinito de interacção (virtual), a expectativa do novo e do emergente, do rápido e do descompromisso, deixou para trás a arquitectura que preserva o eterno e reforça a memória da tradição. Não que a sociedade tenha deixado de aderir aos espaços da cidade histórica, mas as práticas sociais do centro são actualmente passageiras e temporárias; servem-se da moda e da temporalidade da arquitectura de evento para o uso *viral* do contexto, cristalizado num cenário histórico. Hoje, o centro das cidades, enquanto espaço de lazer, apela à nostalgia pela função do espaço e à nostalgia da antiga interacção social dentro do espaço. Hoje, a urbanidade, continua a associar-se por semelhança (Daniel Innerarity 2006) mas, agora, nos *espaços fluxo (virtual)* que não precisam, nem têm, lugar na Cidade.

Que palavra tem a arquitectura na relação entre a sociedade e a cidade? Que palavra tem a arquitectura na preversão do tempo? Como se representa uma sociedade, uma actualidade e uma fundação? Será que o que queremos da cidade é o que a cidade é o que a cidade quer ser? Será a dispersão da sociedade e da cidade a condenação do final de algo?

No primeiro corpo de desenvolvimento deste trabalho, (*in*) *Between Time, **Constância e Mudança***, começa-se por esclarecer um pouco mais sobre esta Cidade *Dispersa* para chegar à problemática do centro clássico das cidades europeias. Sob a contradição do histórico em constante actualização com o actual, faz-se uma pequena reflexão sobre as ideologias para um centro em constante transformação no qual a tensão do novo com o antigo constroem e conservam a mais forte identidade de um centro histórico que também é centro da Cidade. Não se tratando de uma estratégia de aniquilação da identidade histórica, baseia-se no fenómeno de *palimpsesto urbano* e na característica transversal à história da *indeterminação*, a *complexidade* e a combinação do paradoxo, para identificar uma evolução natural no tecido urbano do centro e propôr, para a conservação do seu sentido clássico e re-activação do seu valor, uma continuidade de **tempo e de representação**.

No conceito de um centro que caminha lado a lado com a Sociedade, está em causa o equilíbrio entre *passados dispensáveis e futuros presentes*, adaptação dos espaços à sociedade e adaptação da sociedade aos espaços. Na entrada do século XXI, e uma vez constatado o actual fenómeno de *privatização*, do qual faz parte a sobrevalorização do espaço privado, questionamo-

nos se a melhor estratégia para adaptar o centro à imagem da Sociedade é a melhor estratégia para construir cidade. Assim, ao compromisso entre passado e presente, acrescenta-se o compromisso entre centro da cidade e actualidade.

No segundo corpo, *(in) Between Space*, **Lugares de Relação**, pretende-se explorar a hipótese de uma estratégia urbana que active o papel do centro da cidade, centro de vida, pela introdução do *novo no antigo*, segundo as proposições de espaço atrás exploradas, implicando na sua função um papel relacional, articulador, entre dispersões no contexto construído e a dispersão do interesse por este contexto.

Assim, parte-se do lugar relacional, de Manuel Taíinha, para conciliar espaços e práticas dos espaços, à tradição da Cidade e à actualidade da sociedade. *Entre-linhas e (inter)Actividades*, lêem-se os vínculos e as composições sub-entendidas entre os espaços da cidade histórica, e entre a sociedade e a prática desses espaços. Procura-se no centro uma continuidade libertadora e liberadora para re-encontrar nela o espaço que existe para a contradição de futuras novas descontinuidades, conciliadas e **reconciliadoras** de espaço.

Atendendo a um espaço expandido, como a unidade arquitectónica, social e temporal, que seja veículo impulsionador de relações (entre espaço e entre sociedade ao espaço), trata-se de uma continuidade espacial permeável, aberta ao paradoxo e à pluralidade, e simultaneamente fechada para cumprir as fronteiras da diferença entre eu e o outro, que por excesso de exposição, procuram ser eles próprios em espaços refugiados na cidade.

Mas que características têm estes espaços? No terceiro corpo deste projecto, *(in) Between Place*, **no Lugar para construir Lugares**, parte-se de um lugar relacional, necessariamente condicionado, no contexto físico urbano (entre entidades urbanas) e no contexto social (entre colectividades) para entender que dever tem o novo lugar para uma posição consciente entre contextos culturais (o global e o local). Assim, reúne-se o espaço livre e a continuidade aberta do capítulo anterior com a sobreposição do passado e do presente do capítulo sobre a mudança, para descobrir que vínculos se estendem, que características se recriam e que características se desvinculam entre espaços novos e antigos na Cidade.

Acrescenta-se um momento extra ***(in)Extremis*** à leitura da dissertação que extravasa o discurso do lugar e da aproximação de um sentido cultural da Cidade, para a activação do centro e do vínculo pelo impacto do programático e do plural, do colossal e do urbano, da injeção de dinâmica e de um equilíbrio entre contextos por tensão, introvertido e extrovertido, vinculado e desvinculado, mas cuja estratégia continua a ser por catálise nos espaços na cidade. Por isso, nesta dissertação estão categorizados como “*Catalisadores Urbanos*”, o que informalmente chamamos de “*Híbridos*”.

É no contexto do *lugar relacional* e do “Híbrido”, que domina o plural e se ampliam as possibilidades de transição, entre público e privado, entre características próprias e características da cidade, o espaço social do contexto e o espaço social que refugia, que se constrói a hipótese de um Inbetweener para os espaços no centro da cidade que perderam relação e desaceleram o ritmo contínuo da cidade histórica.

A Colina de Sant'Ana, entre Colinas, no eixo do centro da cidade, é uma descontinuidade no centro da cidade de Lisboa, isola-se e nela isola, o espaço colectivo, o espaço público, o espaço monumental, que co-habitam o mesmo território, mas sem se relacionar. A nascente, uma particular sequência de espaços desvinculados por escala, função e carga social, bloqueia um dos canais que introduziria a Colina à cidade do *exterior*. Entre a Avenida Almirante Reis, o antigo Convento do Desterro e o bairro que o encerra, surge o espaço que resgata um por relação aos outros. Entre símbolos e tempos vincado, entre escalas e dimensão, entre percursos, topografia, luz e sombra, em colectividade e para a sociedade, surge o Inbetweener, activador, moderador, condutor, neutro mas expressivo.

A partir desta dissertação reflecte-se outro modo de intervir no centro da cidade histórica, que cresce entre os espaços onde a urgência da solução é evidente ou está por descobrir (entre um vazio gritante ou interrupções edificadas). Procuram-se os pontos fulcrais para unir o centro da Cidade histórica e voltar a trazer a sociedade para a habitar.

Não é uma arquitectura que exija necessariamente o grande e o colosso. No caso deste projecto a sua dimensão procura filtrar o espaço e as fronteiras de privacidade do espaço, de forma mais natural e fluída. Neste projecto, grandes problemas não exigem soluções simples, e o contraditório não se resolve nem reduz o valor da complexidade, estende-se e amplia o valor do espaço. Pondera-se resolver problemas complexos com soluções complexas, e espaços grandes com soluções maiores, não se referet exclusivamente a dimensão é claro, mas em solução, trabalho e empenho.

2. (in) **Between**

A iminência de uma *Cidade dispersa, que se torna genérica* (Rem Koolhaas 2010), definida como a Cidade que se expande no território sem um sentido estrutural clássico e sem uma hierarquia de espaços, funções e significados, tem sido determinante para a orientação dos planos da Cidade, desde a segunda metade do século XX. No caso actual, o sentido de “dispersão” ultrapassa a referência da dimensão física da Cidade e inclui a dispersão quer de significados urbanos, quer da adesão aos espaços, que ameaçam a vinculação da Sociedade aos espaços e a vinculação dos espaços a um sentido coerente entre si.

Pensar hoje as condições possíveis para criar uma urbanidade já não se trata da contraposição cidade/campo, centro/periferia (Daniel Innerarity 2006). Nos planos urbanos dos últimos sessenta anos, a urgência da definição e da actualização redireccionou o enfoque da intervenção urbana para a própria gênese da urbanidade, o centro das Cidades. Do centro põe-se em questão o seu papel clássico na estrutura urbana, põe-se ainda em questão o papel de um centro só.

A dispersão de uma estrutura urbana clássica da Cidade, isto é, a estrutura que se desenvolve em função de um centro clássico (histórico), cresce em par com a evolução da tecnologia que suprime a distância por constantes novas vias mais rápidas (da auto-estrada, ao TGV, ao espaço virtual) para chegar a um fim sem a experiência do *meio*. A ampliação dos meios de comunicação entre pessoas vai reduzindo a comunicação

obrigatória entre espaços.

A libertação de uma contiguidade física no território para viver, habitar e comunicar, trouxe para a Cidade uma evolução urbana que cresce *indiferente à geografia, incluindo a geografia urbana* (Daniel Innerarity 2006). Habitar mais perto ou mais longe dos centros deixou de ser relevante na escolha do lugar para viver.

A crescente transferência da Sociedade para novos espaços *sem exigência de lugar*¹, sobrepõe à problemática da *periurbanização* da Cidade (i.e. a Cidade que se expande em volta do seu centro até perder os vínculos que a ele a ligavam) o actual fenómeno de *privatização*².

A constatada redução da vivência pública no espaço urbano e a consequente sobrevalorização da dimensão privada dos espaços a habitar, constituem a problemática da dispersão do sentido urbano da cidade e a problemática da perda de uma relação de representatividade e adesão entre a Cidade e a sociedade.

Construir a Cidade segundo a primazia das esferas de privacidade, introduziu, na estrutura urbana tradicional, novas figuras, que representam novas colectividades (Daniel Innerarity 2006) que se relacionam dentro de sistemas sociais independentes. Enquanto intensificam a segregação territorial por semelhanças sociais e pela consolidação de funções restritas, estas micro-urbanidades semi-privadas são interrupções na estrutura clássica das Cidades, a qual depende, fundamentalmente, da função tradicional do espaço público e da transição fluída até aos espaços onde descorre a vida privada.

1. AUGÉ, Marc: *Não Lugares*; p. 15

2. INNERARITY, Daniel: *O Novo Espaço Público*; p.127



3. 4. 5. 6. Redoma: sobre a experiência da cidade actual; sobre a relação com o sentido histórico da identidade; sobre a relação temporária com os centros; sobre o isolamento do indivíduo da globalização.

fonte: "Bubble Series" - Melvin Sokolsky (1963) - <http://www.sokolsky.com>

“Do mesmo modo que os lugares antropológicos criam o social orgânico, os não-lugares criam contratualidades solitárias”³.

Assim, a *privatização* dos espaços da Cidade não é só o reflexo mas, também, o reforço do conceito relacional da Globalização (a experiência da interacção e da partilha num *espaço* infinitamente público, sem lugar na Cidade, dentro de espaços absolutamente privados).

O êxito da Cidade como a conhecemos, depende das práticas de convivências espaciais e sociais, territorialmente orientadas para um Centro⁴. O modelo *periurbanizado* em que se transformou a Cidade, hipotetiza a dissolução urbana numa aglomeração trivial e reduz a *metrópole* a um círculo onde ocorrem as *deslocações*⁵.

A centralidade das Cidades tem sido um dos temas principais da Arquitectura nos últimos sessenta anos e concorre, em simultâneo com a problemática da expansão das periferias, da evolução para um modelo urbano descentralizado, e da problemática da perda de uma Identidade Local, para, o que se crê ser, a indeterminação identitária Global.

Dentro do centro histórico acrescenta-se a dispersão de usos, símbolos e de dinâmica, entre os *elementos urbanos* clássicos da estrutura da Cidade, que foram perdendo significado à medida que a sua envolvente se transformava. Enquanto estes flutuam desarticulados e dissociados da actividade que regula a dinâmica do centro, a sociedade flutua por um interesse e um uso temporário desses espaços. Perde-se um espaço que promovia a dinâmica **entre** o monumento e a colectividade, entre a sociedade actual e a Cidade tradicional.

3. AUGÉ, Marc. *Não Lugares*; p.82
Nota: Entende-se como Social orgânico as redes dinâmicas de relações sociais que caracterizam o funcionamento da sociedade. Entende-se ainda a contratualidade solitária não apenas entre pessoas mas entre espaços da Cidade.

4. INNERARITY, Daniel: *O Novo Espaço Público*; p.125

5. idem p. 128



8. “A sociedade pousada sobre a cidade”

fonte: “Project for Floating Cloud Structures: Cloud Nine” Buckminster Fuller (1960) - <http://geofutures.arch.rpi.edu/2013/06/urban-futurism-precedent-research/>

2.1. (tempo) Constância e Mudança

Ao centro histórico da Cidade, enquanto derradeira representação da sociedade, é exigido o paradoxo da capacidade de modernização e representação da sociedade actual, e a capacidade de conservação Histórica, que garanta uma estabilidade cultural e um lugar representativo entre as cidades europeias Globais . O centro deve ser **“o mais velho, o mais novo, o mais fixo e o mais dinâmico”** ⁶.

A estratégia urbana para intervir no Centro das Cidades, está directamente relacionada com o entendimento do seu valor para a estrutura da Cidade. Entre o centro e os centros, a história e a actualidade, gera-se a controvérsia para a gestão do paradoxo nos centros das Cidades europeias, pondera-se uma função exclusiva; que evoluam no sentido da preservação do seu valor central na Cidade, ou que se dediquem à conservação de uma papel representativo da identidade histórica.

Entre a hipótese da perenização e a hipótese da transformação do centro histórico, está em causa o crescimento urbano, orgânico, biológico, disperso, segundo a vontade, não normalizada, da Sociedade Actual.

Rem Koolhaas e Daniel Innerarity

*“(...)a condição de periferia é agravada pelo facto da sua mãe continuar viva, roubando o espectáculo, enfatizando as insuficiências da sua descendência.”*⁷

Sobre a insuficiência do centro clássico para criar a urbanidade



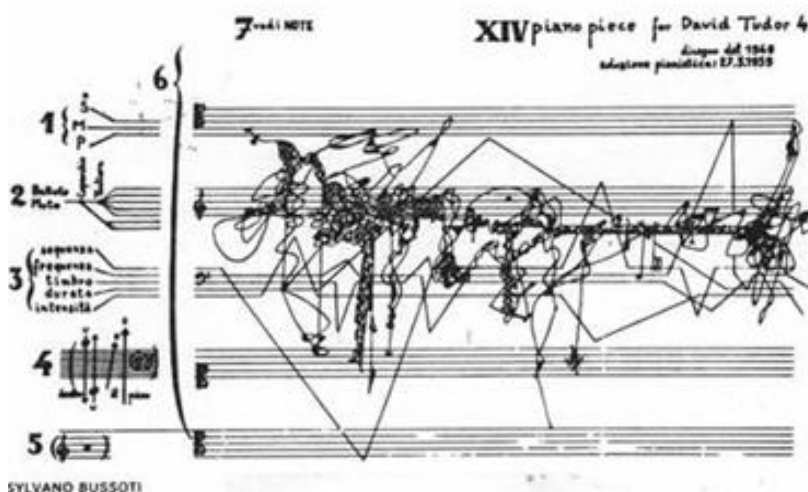
7. fonte: “City Art work for Metropolis” - Boris Bilinsky (1926-7)
<http://www.uow.edu.au/~morgan/metrojc.htm>

6. “(...)o deslizar dos centros de interesse” e a mudança das “problemáticas”(...)impedem as nossas disciplinas de serem simplesmente cumulativas” e podem chegar a um ponto de minar a sua continuidade” AUGÉ, Marc sobre L'Autre et le semblable de Martine Segalen in *Não Lugares*; p. 20

7. KOOLHAAS, Rem; *Três Textos Sobre a Cidade* p.84

e gerir uma estrutura urbana actual, surgem hipóteses para a Cidade que põem em causa o valor de um centro singular para organizar a Cidade (Rem Koolhaas) ou a capacidade de um centro histórico para continuar a representar o espaço de encenação da sociedade actual (Daniel Innerarity).

Sobre a emancipação da Cidade a uma *programação concêntrica* de Rem Koolhaas (2010) a liberdade de uma estrutura, o desvínculo a definições clássicas como “centro” e consequentemente “periferia”, constroem uma Cidade que cresce segundo uma vontade própria, expande-se num todo homogêneo em densidade, intensidade e contraste, sem o dever de uma identidade (a definição de cidade genérica do autor). A cidade livre e marginal dinamiza-se em torno de uma pluralidade de centros, em constante actualização.



9. A Cidade descentralizada e repartida mediante uma densidade imprevisível, materializa-se numa nova fisionomia, a que Foucault designa de “*Heterotopia*”, e que Deleuze ilustra mediante a configuração de um *Rizoma* (Daniel 2006), representada na imagem.

fonte: “*Rhizome*” Deleuze and Guattari (1980) - <http://www.mv.helsinki.fi/home/ptiensuu/page7.html>

“A urbanidade é mais qualquer coisa que a forma da cidade europeia e mais, até, que uma forma urbana de viver. As esperanças de libertação, realização de si e integração têm de libertar-se, por sua vez, da forma tradicional da cidade europeia.”⁸

Com a constatação de um *Novo Espaço Público* da sociedade actual (Daniel Innerarity 2006) está comprometido o valor do centro histórico, enquanto centro clássico da experiência pública. Não se tratando da problemática de uma estrutura urbana concêntrica, mas da problemática de uma estrutura urbana centrada para um *centro deficiente*⁹, no livro de Daniel Innerarity não se compromete o valor de uma estrutura urbana hierarquizada mas o valor de um espaço exclusivamente histórico para construir uma urbanidade actual. Em ambos, o centro conserva o seu valor identitário, representativo/histórico e económico, mas é destituído da sua função representativa/actual e estruturadora clássica.

Cedric Prince

O centro da Cidade histórica preservado intacto, proposto nos dois modelos anteriores, sugere uma intervenção silenciosa que reponha o que o tempo desbasta para dedicar uma parte da Cidade à simbologia e à atracção de uma história a ser contada em espaços. Pelo contrário, a Cidade de Cedric Prince (2007) começa na transformação do Centro, que se constrói no sentido da tentativa de conciliação entre sociedade e Cidade, mas a partir da mutação, subjugada, da última em função da primeira. Cedric não propõe a conservação dos símbolos nem da estrutura, propõe a conservação da dinâmica, da transformação e do intercâmbio.

8. INNERARITY, Daniel. *O Novo Espaço Público*; p.139

9. Idem p.139



10. Redoma: ilustração do centro histórico das Cidades actuais

"(...)a atitude de estima por identidades (...)considera como durável o modo de vida que já não existe ou já não se sustenta(...) uma duração que diminui margens de liberdade: os compromissos com o futuro, uma jura de eterno amor, a posse de um objecto que não nos deixar descartar a sua presença" Pedro Brandão, *O Sentido da Cidade*, p.71

fonte "Dome over Manhattan" - Buckminster Fuller (1960) - <http://geofutures.arch.rpi.edu/2013/06/urban-futurism-precedent-research/>

A nova Cidade substituíra os elementos urbanos, obsoletos, em função e adequação temporal, para se tornar numa representação sempre actualizada, directa, da sociedade actual. As ideologias institucionais, representadas nesta arquitectura que se identificava com os cânones da vida moderna, traduzia-se numa Cidade *inquieta, instável*, em constante actividade e construção, à imagem da sociedade actual. A Cidade preservava por um lado a sua principal função, enquanto representação da actualidade, e destitui-se da representatividade histórica e da arquitectura perene.

A pressão para a menor duração dos elementos urbanos, sugerida pela arquitectura efémera da Cidade de Cedric Prince, não é, evidentemente, compatível com a construção de uma arquitectura sólida que represente o abrigo, o refúgio e a estabilidade que o homem procura desde que é sedentário. Mas por outro lado, a arquitectura *falsamente eterna*, que reforça um pleonasma temporal, é *inquietante e claustrofóbica*, por sugerir a eternidade tangível¹⁰.

A dispersão do centro e a evolução de uma função exclusivamente representativa para um modelo europeu, de competitividade entre Centros históricos, conservados em redomas¹¹, extinguem a função clássica dos centros históricos e põem em causa a capacidade para a construção de uma unidade onde se concretize a sociedade actual¹².

Tanto a hipótese para o centro efémero, como a hipótese para o histórico perene, dependem de um sistema simbólico, que reduza a obrigatoriedade e o paradoxo do centro e do histórico, e que represente, ou a actualidade, ou a historicidade.

10. BRANDÃO, Pedro; *O Sentido Da Cidade*; p.71

11. Idem p. 53

12. INNERARITY, Daniel. *O Novo Espaço Público*; p.124

11. Painel das panteras, Gruta de Chauvet

Palimpsesto

As pinturas paleolíticas da gruta em Chauvet -Pont- D'arc (França). Descoberta em 1996, a gruta de Chauvet escondeu por baixo de terra, durante 27 000 anos, o registo de vida e história de uma ocupação pré-histórica datada à 32 000 anos BP.

Entre os desenhos que revestem o interior da gruta, sobrepõem-se 2 000 anos de sucessivas ilustrações de animais e episódios de caça. Enquanto se substituíam, apagavam, e sobrepunham durante 2 000 anos, as representações evoluíram em precisão, acrescentando pormenor, por acréscimo da memória e por referência à representação anterior. Tal como na Cidade, a evolução implica o antigo e o novo, que aprende com ele, acrescenta mais pistas para o seguinte evoluir.

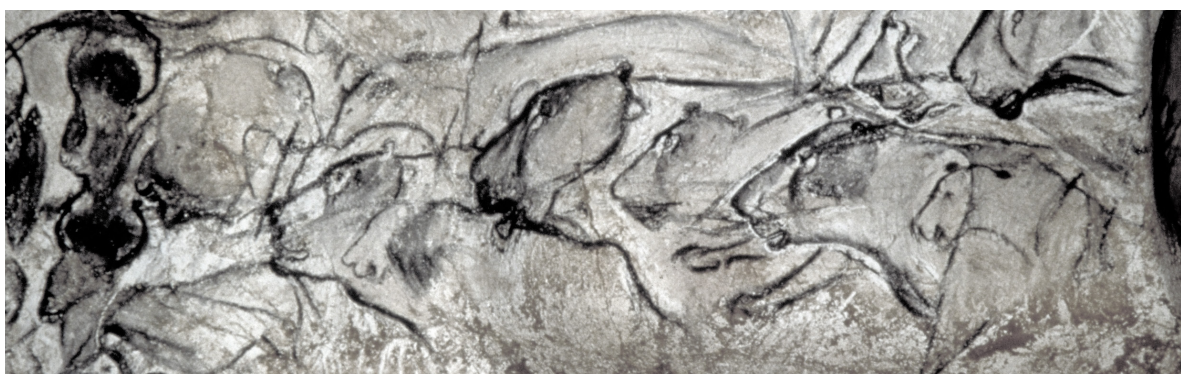
fonte: "Cave of Forgotten Dreams" - Wegner Herzog (2010) - http://www.bradshawfoundation.com/chaudet/chaudet_cave_visit.php

Entre Passados Presentes e Presentes Futuros

Palimpsesto:

"(...)we should not forget that time is not only the past, its preservation and transmission. If we are indeed suffering from a surfeit of memory, we do need to make the effort to distinguish usable pasts from disposable pasts."¹³

A hipótese de um centro histórico que evolui coerente com a história da sucessiva renovação consolida a Cidade que descreve Andreas Huyssen (2003) e decorre em analogia ao fenómeno de *palimpsesto* (i.e. escrever o novo sobre o antigo), que o autor adapta para um sentido urbano. Na Cidade que evolui num contínuo infinito de *super-imposições* temporais, não existe uma distinção clara entre passado e presente, mas uma série de contraposições que se sobrepõem num sistema complexo e expressivo, que é fiel a uma identidade coerente e que não pode ser contínua sem paradoxos:



13. HUYSEN, Andreas; *Present Pasts, urban palimpsests and the politics of memory*; p.29

14. BRANDÃO, Pedro; *O Sentido Da Cidade*; p.224

O *palimpsesto* das Cidades, que re-escreve enquanto preserva, apaga enquanto escreve o novo, é um poderoso instrumento para a sua *continuidade num enquadramento de abertura ao novo*¹⁴.

O lugar do Centro da Cidade passa a ser algo que deve ser constantemente construído e onde a introdução emergente do *novo*, na sua estrutura, deixa de ser entendida enquanto ruptura do existente, para se tornar numa estratégia intra-relacional: “***A mix of the old and the new, the creative and the timid.***”¹⁵

Assim se compreende que, para a gestão da mudança e recuperação do valor do Centro urbano, Pedro Brandão (2011) proponha um equilíbrio entre ***o que deve ficar e o que deve ser substituído no território***¹⁶, equilíbrio sustentado pelo acrescento continuado de novos espaços e de **novos sentidos**, mas consistentes com um carácter transversal, actualizado e cultural. Espaços que se “*expandem, retraem e se substituem no tecido urbano, em função de ciclos económicos, movimentos demográficos, inconstâncias.*”¹⁷

É a partir da complexidade e da abertura ao paradoxo que a Cidade consolida um sentido, uma composição *polifónica de ritmos quebrados, fragmentados*¹⁸, descontínuos, que por coerência constroem uma unidade não dissonante. A combinação e a novidade têm um lugar privilegiado dentro desta *polifonia*¹⁹, e são em si, o princípio para a transformação da Cidade.

15. HUYSEN, Andreas; *Present Pasts, urban palimpsests and the politics of memory*; p. 83

16. BRANDÃO, Pedro; *O Sentido Da Cidade*; p.222

17. Idem 223

18. LYNCH, Kevin; *A Imagem da Cidade*; p.103

19. INNERARITY, Daniel. *O Novo Espaço Público*; p.109

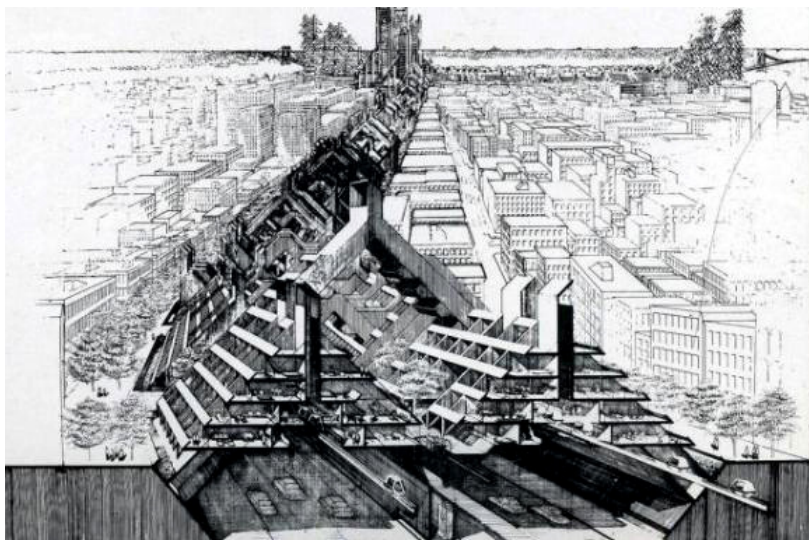
20. Idem, p. 108

Ordem aberta

A unidade do espaço numa *sequência melódica inacabada*, constrói-se na *ordem aberta* de Kevin Lynch (1970). Parte de uma *forma não comprometedora da cidade, moldável aos propósitos e às percepções dos cidadãos* ²⁰ para propôr o contínuo palimpsesto da Cidade, aberta para um *mix (de) new messages* (Andrea Huyssen 2003) futuros.

A celebração da complexidade, por oposição à redução de identidades na Cidade ou reforço de um carácter exclusivamente histórico, torna-se assim no ponto de partida para compreender a continuidade do valor do centro da Cidade, que é histórico e é actual e contraditório. O *confronto de caracteres individuais* ²¹, do contraste e do expressivo, reforçam o significado do contexto por alteridade (i.e. a definição da identidade de *qualquer coisa* na relação com outra).

21. LYNCH, Kevin; A Imagem da Cidade; p.103



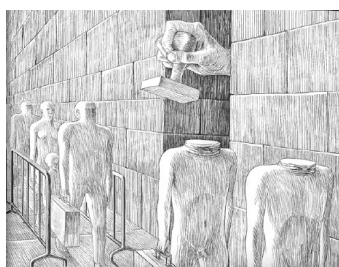
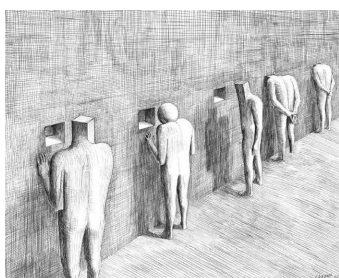
12. Cidade aberta, Cidade híbrida

fonte: "The Walking City" - Archigram [Ron Herron] (1963)

A *ordem aberta da Cidade*, a que apela Kevin Lynch (1970), alia-se à proposta dos novos significados, substitutos e acrescentados, apresentada por Pedro Brandão (2010) e À evolução natural da Cidade por *palimpsesto* de Andrea. Os três descrevem uma Cidade que, por um lado, preserva a dinâmica nas relações, de curto e longo prazo, dos seus elementos urbanos, e que, por outro lado, evolui, não em espaço territorial, mas em novos *sentidos* inter-comunicantes, dentro do mesmo lugar, naturalmente apagando, substituindo e aliando.

Nas estratégias que gerem a *Constância e a Mudança* no centro da Cidade propõe-se a preservação do valor de centro, de valor do histórico e de valor do actual, que são contínuos por se preservarem dentro das categorias contraditórias que até aqui construiu Cidade. Introduzem-se novas metáforas, em tensão com as antigas (Paul Ricoeur 1965), para construir uma unidade de significação comum, onde se cumpra a urbanidade, sem reduzir a sua complexidade. Quando a *constância é a mudança*²² e esta mudança é intermitente, o centro da cidade é chamado a procurar uma continuidade entre espaços, e tempos de espaços, aberta ao inesperado, ao temporário e ao inconstante. Mas tem ainda uma responsabilidade acrescida para manter coerente uma identidade estável e reconhecível entre espaços que evoluem por referência ao actual e ao anterior.

22. HUYSEN, Andreas; *Present Pasts, urban palimpsests and the politics of memory*; p.101



13. e 14. Entre Cedência e Resistência, Local e Global

fonte: "Untitled Drawing" - Cardon Jaques-Armand (b. 1936) - <http://cartoonists.cartoonbank.ru/?p=46>

Entre o Compromisso

A restituição de uma vitalidade actual para o Centro histórico indica o retorno da sociedade ao espaço urbano tradicional. O fenómeno, atrás descrito, de *Privatização*, expressa-se particularmente pela subversão de princípios de interacção (a experiência do convívio e partilha, num espaço público que não tem lugar dentro do espaço, inevitavelmente limitado, da Cidade) e de fronteiras de privacidade. Uma vez que a articulação entre os espaços do centro da Cidade decorre precisamente da articulação entre esferas de privacidade e a dinâmica do centro depende particularmente da afluência ao espaço público, como se adapta o território urbano tradicional à imagem da sociedade actual?

A iminente cedência da função do espaço local (o espaço que é da Cidade) para o global (o espaço que não é de ninguém), das especificidades para generalidades, do vínculo para o desvinculado, da identidade nacional para a identidade global, activaram em simultâneo um movimento de **resistência**, à *aceleração do fenómeno pelo decorrer, natural, do tempo* e da adesão em massa.

Neste contexto, surgiram na arquitectura Moderna e Pós-Moderna, sucessivos *movimentos de resistência e reacção*²³, que oferecem inércia à evolução natural da relação entre a sociedade e a Cidade, e aos *sinais de tempo* vinculados na arquitectura do Centro histórico.

A resistência vai re-orientando a evolução para o que considera ser do maior interesse da Cultura, da Identidade, da memória

23. FOSTER, Hal; *The Anti-Aesthetic, Introduction.*

e da estabilidade (Andrea Huyssen 2003).

*“The faster we are pushed into a global future that does not inspire confidence, the stronger we feel the desire to slow down, the more we turn to memory for comfort”*²⁴.

Até que ponto a forma cosmopolita deve concordar com os novos cenários globais? E até que ponto a cultura da resistência adia um cenário de Cidade e de sociedade inevitável?

Será que a resposta está entre *ceder ou resistir*?

Talvez não. *“Se o problema que hoje enfrentamos consiste em pensar cidade”, quando temos redes (virtuais) em vez de vizinhança*²⁵, e os lugares da cidade perdem a sua função a favor dos *não-lugares*, procura-se um limite fluído e negociável entre a extensão do espaço vivo, que proporcione a estabilidade e a permanência, e a introdução das características da sociedade actual, que beneficiam a vitalidade e a pertinência do centro histórico da Cidade, como o centro da vida, da Cidade e da representatividade cultural. Um compromisso *não apenas espacial mas social*²⁶.

Deste modo, a arquitectura não pretende desresponsabilizar-se da função relacional dos espaços (que contraria a dispersão social actual) nem contrariar a evolução que vincule sociedade e Cidade.



15. Redes “virtuais”

fonte: “Connecting People” Google
plus+ - <https://plus.google.com/110359184117850700540/about>



16. Vizinhança

fonte: Postal do Autor - Alfama

24. HUYSEN, Andreas; *Present Pasts, urban palimpsests and the politics of memory*; p.23

25. INNERARITY, Daniel. *O Novo Espaço Público*; p.136

26. Idem, p. 140

2.2. (space) Lugares de Relação

“A mais sólida e consistente função de sempre da arquitectura é a construção dos lugares de relação dos homens uns com os outros, com a natureza, com os outros seres e as coisas. E onde espaço, tempo, movimento não são dados como conceitos absolutos...”²⁷

Até aqui demonstrou-se que o problema no centro da Cidade é o vínculo e que a estratégia de mudança parte de um compromisso. Propõe-se assim pesquisar uma hipótese para a unidade da Cidade e da sociedade com a cidade, partindo de uma entidade urbana nova entre espaços, que transforme o centro segundo uma função de relação, *entre homem e coisas*, como refere Manuel Taíinha, e que modere o espaço entre a *ordem e o caos, o público e o privado, a indiferença e o compromisso, a alienação e a identificação*²⁸, *a diferenciação e homogeneização, a unidade e a complexidade*²⁹.

O lugar de relação procura dentro da cidade uma continuidade sub-entendida entre espaços, que relacione o geral e não apenas o particular, onde se entrelaça o contraste e o paradoxo, e assim revelado o *espaço* que existe na Cidade para combinar extremos, aparentemente opostos mas complementares - Entre-linhas.

O novo lugar relaciona o espaço urbano por adesão da sociedade à prática desse espaço, propondo o reforço de um sentido de vizinhança e pertença entre as colectividades que se reúnem num contexto construído, e a nova colectividade que lhe é proposto - (inter) Actividades.

27. TAÍINHA, Manuel; *in* *IN MEDIAS RES: no meio das coisas*; (Documentário), FINA, Luciana, Setembro 2014

28. PORTAS, Nuno; *A Cidade como Arquitectura*, p. 128

29. INNERARITY, Daniel. *O Novo Espaço Público*; p.122

IN-BETWEEN



17. Yingmei Duan "In Between", 15 minutes **Live Performance. Germany 2004**

Fotógrafo: Chengwu Luo

fonte: <http://www.yingmei-art.com/en/works/inbetween>

"Suffering, pain and isolation are all around him. His soul cries out, his spirit longs for freedom, but his body lacks the power. In all his self-portraits Schiele looks like a living corpse.

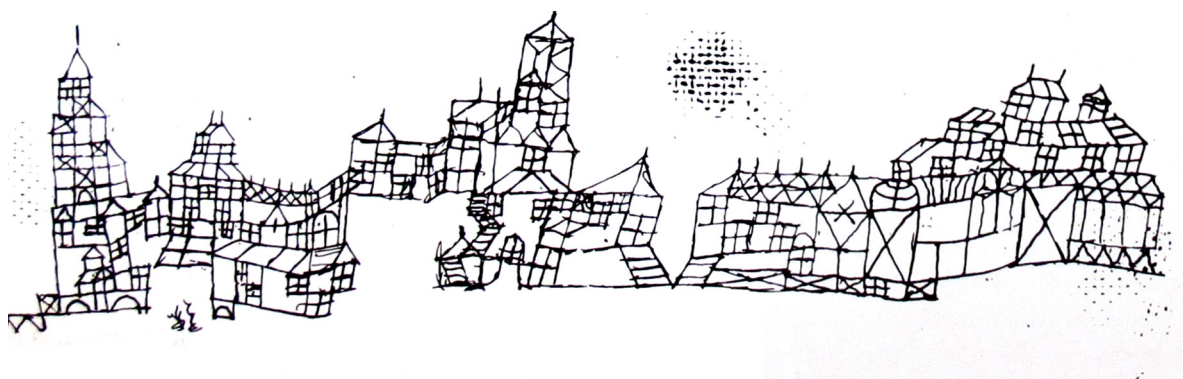
As I contemplate the paintings of Schiele, I often recognize myself in them. In my performance, *Patience*, I am experimenting with the separation of body and mind, as I am imprisoned in the shelf. I am trying to get out of her imprisonment, but I cannot change anything"

Yingmei constrói a representação da condição *inbetween* a partir do trabalho do pintor austríaco expressionista Egon Schiele, do qual reteve a impotência, a luta, o aprisionamento e o desejo do grito, que mais tarde converteu numa encenação de equilíbrio e controlo da mente e do corpo, um limbo entre o desespero e a paciência.

Entre duas prateleiras, no espaço (in)between de Yingmei, vive-se inerte, condicionado, em tensão, sentem-se os limites, demasiado próximos, demasiado rígidos, demasiado inquisitivos. Sente-se em especial a impotência para mudar. Que vínculos exige a história? Que relações pedem os espaços? Que lugar existe entre o homem actual e a *força* da obrigatoriedade da história?

3.1. Entre-linhas

Que vínculos mantêm os espaços da Cidade quando, mesmo diferentes, se lêem contínuos? De que forma se introduzem novos espaços, inevitáveis rupturas, a uma leitura contínua da Cidade histórica, e como se pode tornar esta intervenção numa estratégia de reconciliação entre descontinuidades espaciais?



18. Paul Klee, *The Medieval Town*.
fonte: Aldo Van Eyck - *Work*, p. 122

“(...) parece deduzir-se uma característica fundamental do espaço organizado: a sua continuidade. O espaço é contínuo, não pode ser organizado com uma visão parcial, não aceita limitações na sua organização e do mesmo modo que forma o espaço estão intimamente ligados que uma é negativo do outro, e vice-versa, pelo que não podem separar-se, assim as formas visualmente apreendidas mantêm entre si estreitas relações - harmónicas ou desarmónicas - mas de qualquer forma evidentes.”³⁰

27. TAÍNHA, Manuel; in *IN MEDIAS RES: no meio das coisas*; (Documentário), FINA, Luciana, Setembro 2014

28. PORTAS, Nuno; *A Cidade como Arquitectura*, p. 128

29. INNERARITY, Daniel. *O Novo Espaço Público*; p.122

Polifonia:

Sobre a hipótese da vinculação dos espaços da Cidade por introdução de novos espaços, Nuno Portas (2007), parte da percepção de uma unidade na composição urbana, para identificar nela a hipótese da continuidade espacial, que extrapola a tradicional relação edifício+rua, e se expressa



19. *The Spaces In Between.* Dan Rickwood, *London Views*. O movimento e o Contraste, a força e o vigor.
fonte: <http://www.escapeintolife.com/art-reviews/the-spaces-in-between/>

numa conciliação entre **diálogos**, contínuos e descontínuos, inter-ligados por um ritmo de sequências sincrônicas, ou sucessões diacrônicas³¹.

Sobre o papel da sincronia e da diacronia no estabelecimento de vínculos entre espaços construídos, as *séries temporais*, elaboradas por Kevin Lynch (1960), descrevem uma Cidade, lida contínua, por uma sucessão sincrônica de elementos marcantes, e uma Cidade que articula espaços a uma sequência diacrônica de elementos urbanos. Nesta sucessão diacrônica, a Cidade constrói-se coerente, numa composição *melódica* perpétua, de espaços contíguos de diferentes intensidades e registos temporais, dos quais retemos uma *ideia da sua melodia e não de notas musicais*³².

Neste sentido, vai sendo liberta a possibilidade de introduzir uma continuidade entre espaços sem a obrigatoriedade de uma forma que se *leia óbvia*, e uma configuração de espaços que se *imitam* no lugar.

Memória dos espaços:

A percepção da continuidade espacial segundo a óptica da experiência de deslocação de uma pessoa, é mais uma perspectiva para entender a Cidade heterogênea, que combina o paradoxo e a pluralidade, em formas e espaços harmónicos ou desarmónicos, mas visualmente apreendidos por uma estreita relação de continuidade.

A associação entre elementos urbanos, segundo a percepção sequencial da experiência de deambulação nos espaços, é um dos princípios de continuidade dos centros urbanos de Louis Kahn³³. Segundo o autor, as qualidades que admiramos

31. LYNCH, Kevin; A Imagem da Cidade; p.16

32. Idem

33. SMITHSON, Allison; SMITHSON, Peter; Urban Structuring, Studies of Allison and Peter Smithson, p.44

IN-BETWEEN

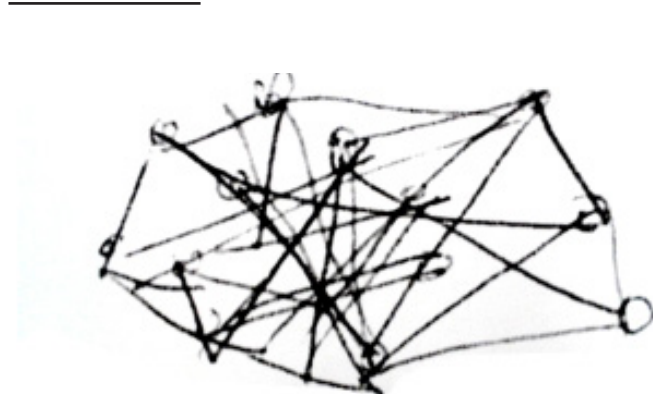
nas Cidades históricas expressam-se nesta percepção de volumetrias únicas, onde se fundem o edificado e a paisagem natural, onde se inter-ligam e se ordenam os espaços da Cidade, por uma ideia de continuidade da nossa própria experiência de deslocação dentro dela.

Em conjunto, a memória de volumetrias contínuas, a percepção de funções e a articulação com significados estruturais, constroem um **organismo único**³⁴, com um carácter próprio mas subjectivo, uma vez que é ele a representação de um *todo* que retemos de uma Cidade.

Assim combinada a diversidade de espaços e tempo, encontra-se na complexidade da Cidade histórica um outro tipo de continuidade que vincula os espaços urbanos sem uma semelhança directa de imagem, de forma e de representação. Está assim aberto o território urbano histórico para a combinação da diferença e da representatividade.

3.2. (inter) Actividade

*"there is a demand of a new attitude. And that this attitude in the architectural domain not only showed itself through forms, but above all **through content**, which is to say in the manifestation of the interior life of a **human community**."*³⁵

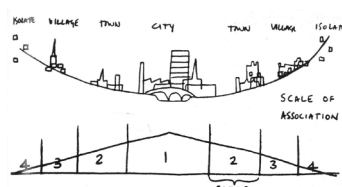


34. SMITHSON, Allison; SMITHSON, Peter; Urban Structuring, Studies of Allison and Peter Smithson, p.44

35. AVERMAETE, Tom. *Another Modern - The Post War Architecture and Urbanism of Candilis-Josic-Woods*; p.234

20. A. & P. Smithson, ideogram of a net of human relations: 'A constellation with different values of different parts in an immensely complicated web crossing and recrossing. Brubeck! A pattern can emerge.

fonte: Team X, *In Search of Utopia of the Present* 1953-81



21. Escala de Associações

fonte: Peter Smithson's Valley Section diagram from Team X's Doorn Manifesto (1954) - <http://rhetoricplatform.wordpress.com/2013/03/11/the-rebirth-redefinition-of-the-master-plan-post-wwii/>

A práticas dos espaços e o sentido de colectividade e pertença (criados pela partilha dos mesmos espaços) são condições determinantes para o sentido de unidade na Cidade. O entendimento do contexto construído, segundo as práticas de interacção e de uso do espaço, propõem uma relação de continuidade urbana que incide na reciprocidade, complementariedade e representatividade da função dos espaços da Cidade e da colectividade que se reúnem em torno destes.

Sobre a adaptação da Cidade tradicional às práticas sociais actuais e a restituição de um sentido comum de colectividade ao centro da Cidade, é pertinente referir a pesquisa do Team X, e particularmente os estudos de Alison e Peter Smith sob o tema "*Framming the Ordinary*"³⁶. Da constatada mudança da sociedade no pós 2ª Guerra, identificou-se um evidente desajuste, de uso e de *representação, entre o Homem actual e as entidades urbanas que compunham a Cidade*, e propunham os espaço de colectividade, tradicional³⁷

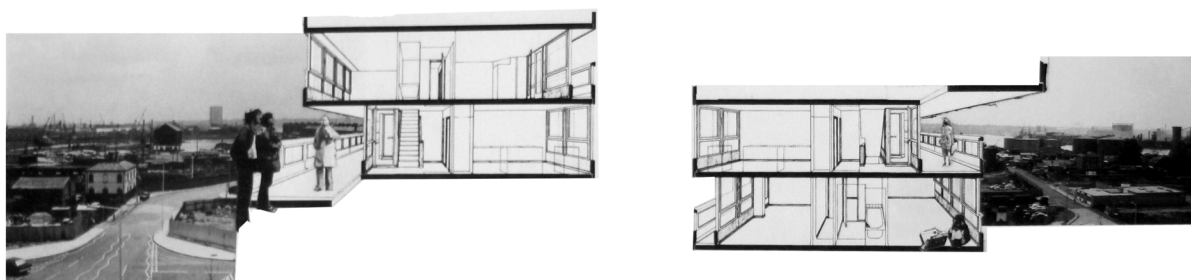
Neste contexto, Alison e Peter Smithson elaboraram o diagrama de *Escalas de Associações* (1955) que relacionava a definição do grupo social com o contexto, e a pluralidade contextual com a variedade social. Partindo desta associação, demonstrou-se que a alteração social exige um ajuste do contexto urbano construído e que este contexto é, em si, uma articulação de espaços, adaptados às práticas de sucessivas novas colectividades.

36. em CANDILIS, Joseph. Another order - The Post War Architecture and Urbanism of Candilis-Josic-Woods; p.82

37. Idem, p. 87

IN-BETWEEN

No pós 2ª Guerra, tornou-se clara a exigência de novas *figuras colectivas* urbanas na Cidade, que fossem sensíveis às novas práticas do dia-a-dia do indivíduo moderno, e que estivessem actualizadas, considerando as novas fronteiras da relação entre sujeito e sujeito; e sujeito e objecto (relações consideradas partindo do estudo de Heidegger sobre a implicação da tecnologia, no enquadramento do homem e na sua condição humana existencial. Tom Avermaete 2006).



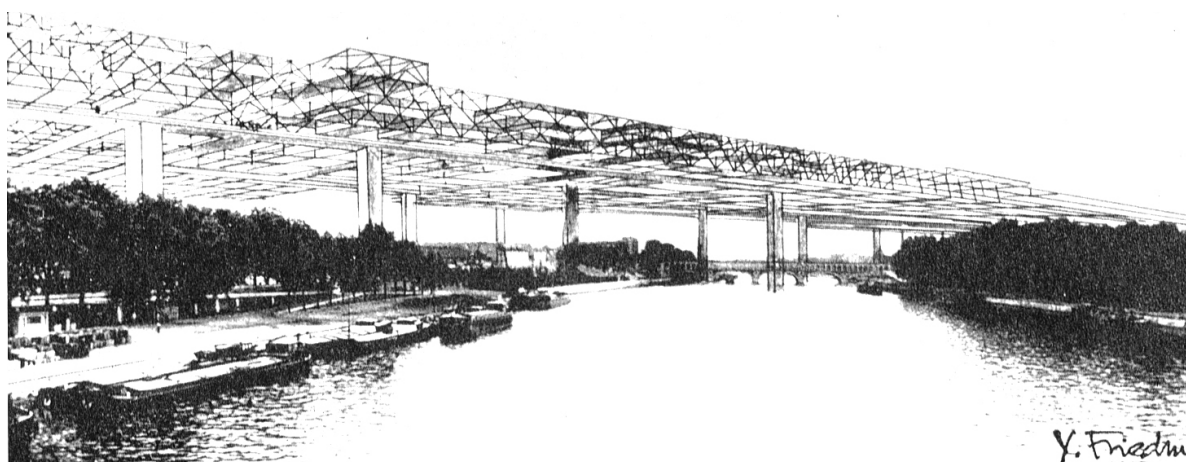
Também na actualidade (setenta anos depois), se consta a necessidade de introdução de novas *figuras de colectividade* na Cidade, que reflectam a mudança de hábitos, representação e práticas (de interacção e uso dos espaços) (Daniel Innerarity, 2006) e que se transformem quer em função da sociedade, quer em prol da dinâmica da Cidade.

As estratégias urbanas para a Cidade da segunda metade século XX e para a Cidade do século XXI reconhecem o valor da actualização das práticas sociais para a constituição da colectividade e construção urbana de uma unidade.

Mas, enquanto as práticas sociais da segunda metade século XX exigiam um espaço que as vinculasse à estrutura

22. A. & P. Smithson, Robin Hood Gardens housing estate, London (1966-72) fonte: Team X, In Search of Utopia of the Present 1953-81

da Cidade; as práticas sociais do século XXI, que tendem exponencialmente a ocorrer sem exigência de proximidade física, emancipam-se do sentido do lugar para constituir uma *figura colectiva*, que se constrói numa entidade singular, isolada, indiferente, ao contexto físico que as envolve (Daniel Innerarity 2006).



23. Analogia a novas colectividades

fonte :<http://architectonium.tumblr.com/>
"Ville Spatiale" - Yona Friedman(1958)

Assim, enquanto no século XX os novos planos urbanos re-definiam novas estruturas colectivas em função de uma aliança com a dinâmica pública da Cidade; no século XXI, as novas estruturas colectivas emancipam-se de uma dinâmica colectiva comum, simulando uma nova urbanidade privada, que introduzem dentro da própria urbanidade da Cidade.

*"O urbano é cada vez menos sinónimo de cidade, de valor urbano, de pertença a uma mesma comunidade."*³⁸

O que significa hoje a adesão aos espaços do centro da Cidade histórica?

Actualmente, a dinâmica do centro Histórico preserva-se à margem do fenómeno da privatização dos espaços colectivos

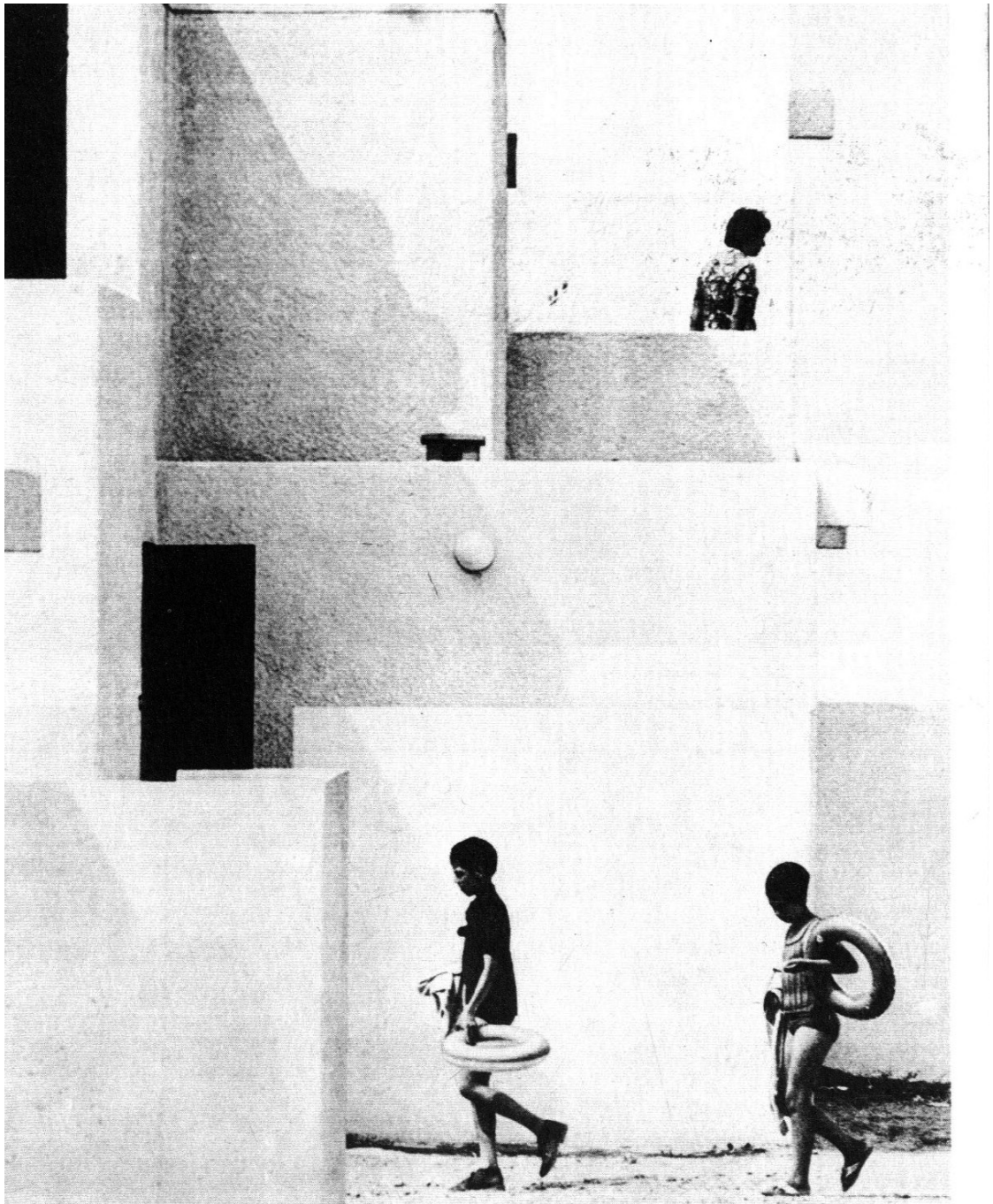
38. INNERARITY, Daniel; O Novo Espaço Público; p.132

e da reestrição dos espaços de habitar em comunidade. Reforçar a dinâmica do centro histórico significa geralmente seduzir a sociedade a mais um novo uso público dos espaços construídos. Mas é precisamente sobre os espaços colectivos e os espaços privados para habitar onde se constata o incumprimento mais evidente do centro histórico com a sociedade, e onde se constata a descontinuidade mais clara de um pulsar contínuo na dinâmica do centro, entre espaços colectivos e pequenas comunidades que nele se vão isolando.

*“O centro da cidade tornou-se num objecto de nostalgia”³⁹, no uso público dos espaços do centro procura-se a representação simbólica de algo que não se pode exprimir nos actuais espaços urbanos⁴⁰. De qualquer forma, como beneficiária esta zona, que é tão dependente da dinâmica pública, de uma estrutura colectiva nova que é procurada o mais reestrta possível, entre cancelas e espaços videovigilados? Parece que quanto mais se expõe a sociedade a uma esfera pública extendida ao globo (a *sala de estar comum* numa rede virtual, os media e as notícias à escala mundial) mais as pessoas procuram fronteiras de intimidade claras que as diferencie do “outro” e as refugie dentro das esferas privadas da cidade. Como se concilia o espaço urbano colectivo sem os princípios da permeabilidade? Que equilíbrio deve ser mantido entre o princípio de respeito pela intimidade e a prevenção contra a possibilidade de sobre-protecção do privado?*

39. HUYSEN, Andreas; *Present Pasts, urban palimpsests and the politics of memory*; p.25

40. INNERARITY, Daniel; *O Novo Espaço Público*; p.151



24. "Framing the Ordinary"

fonte: Another Modern - Candilis, Josic & Woods Cité Verticale/Horizontale 1953

2.3. (place) do **Lugar** para construir **Lugares**

*“(...) como satisfazer a necessidade fundamental das sociedades modernas de viver em formas temporais extensíveis e garantir um espaço que, embora permeável, seja o **palco da acção e da comunicação**?”⁴¹*

*“(...) como se devem assegurar, estruturar e representar as memórias locais, regionais ou nacionais? É claro que é uma resposta fundamentalmente política sobre a natureza das **esferas públicas**, sobre democracia e o seu futuro, sobre a forma mutável de **colectividade** nacional, cidadania, e **identidade**.”⁴²*

Por que características se constroem os novos *lugares de relação* que se propõem a uma ponte entre contextos urbanos e sociais e uma ponte entre a representação e a actualização temporal?

É provável que nem toda a arquitectura que se construa no centro da Cidade Histórica tenha que estar estritamente vinculada à imagem e ao sentido dos espaços da Cidade tradicional. Quando percorremos o centro histórico da cidade esperamos identificar uma combinação de espaços diferentes, relacionados por características transversais, mas, de alguma forma, damos um espaço à Cidade para a excepção de uma identidade totalmente estrangeira, que introduza uma pausa por contraste e reforce a identidade do lugar pelo impacto

41. HUYSEN, Andreas; *Present Pasts, urban palimpsests and the politics of memory*; p.24

42. *Idem*, p.25

da diferença, “A própria constrói-se e enriquece no contínuo encontro com o estranho”⁴³.

Seja ou não consensual a arquitectura que activa o lugar histórico pelo impacto de uma descontinuidade referencial, só existe espaço para a excepção na paisagem urbana se identificarmos nela um *continuum* consistente e uma coerência entre as suas partes.

Uma vez que esta dissertação tem como enfoque a problemática do desvínculo e da descontinuidade na cidade, entre espaços e *ritmos*, no centro da Cidade histórica, os novos lugares de relação, entre espaços urbanos e sociais, terão que encontrar uma estratégia para espaços e uso dos espaços que façam uma *ponte* entre a diferença e voltem a vincular o contexto construído por características que têm em comum e características que lhes são complementares.

Assim, para construir estes lugares, faz sentido *o retorno* ao *lugar* contextual para identificar os códigos e os vínculos que já propõe a Cidade consistente, estendê-los, aboli-los ou recriá-los, para os espaços e as práticas dos espaços, entre contextos urbanos que, embora sejam contíguos no território, interrompem a continuidade da Cidade pela inconciliação da sua diferença. Mesmo que, até aqui, a abordagem à continuidade entre **espaços** da Cidade tenha procurado uma perspectiva livre e flexível para a integração do *novo* na paisagem, **entre lugares** exige uma conciliação por referência e introduz a consciência de uma estratégia cultural, que reforça e estende as especificidades dos lugares, inova

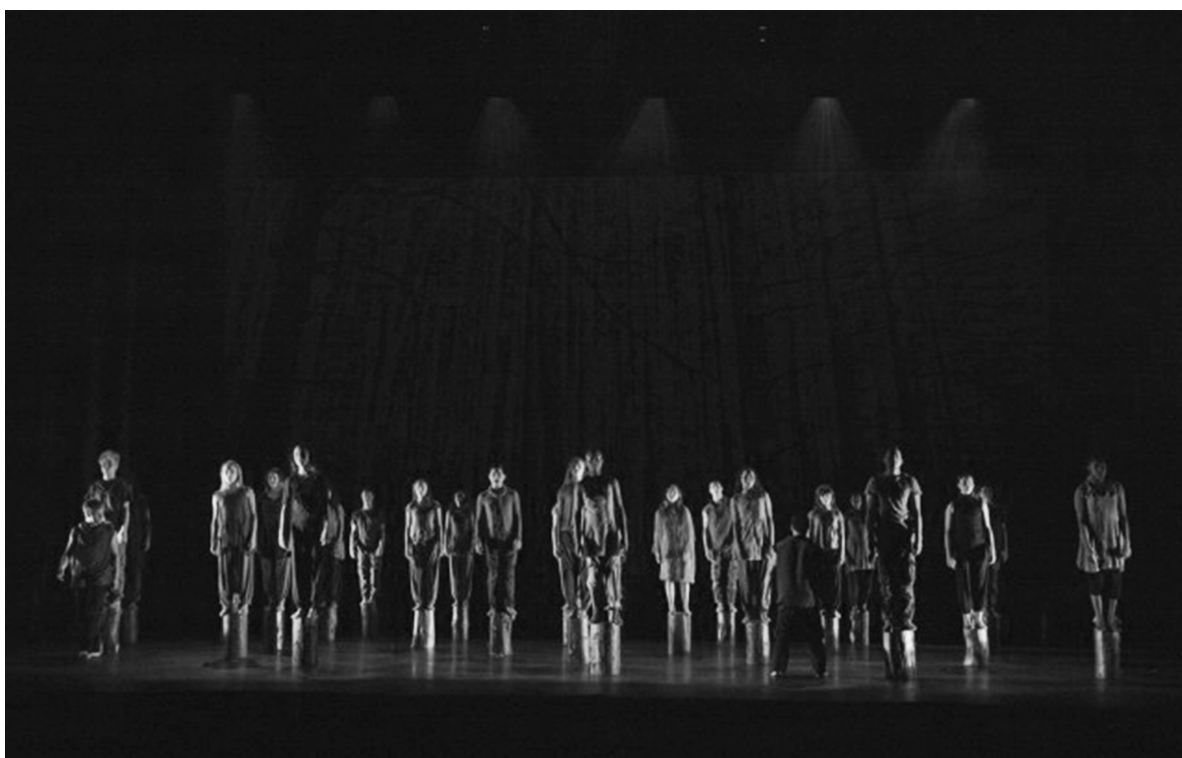
43. INNERARITY, Daniel; O Novo Espaço Público; p.166

e complemento com características e estratégias *estrangeiras* aquele lugar.

Por oposição à intervenção urbana que se cria para uma dinâmica geral da Cidade (o programa intensamente público), o sentido dos espaços e do programa dos espaços deste Projecto está estritamente ligado à sua condição **entre** contextos.

Para a condição entre **entidades urbanas diferentes** no território (seja entre entidades urbanas tradicionais diferentes em escala e função (etc), como o bairro, o monumento, a avenida; seja entre os novos e os antigos espaços) parte-se da análise dos elementos urbanos que costroem a singularidade da Cidade para propôr a sua extensão e re-definição a novos espaços e significações urbanas, coerentes a um encontro da Cidade histórica e da sociedade actual.

Para a condição entre **grupos sociais diferentes** (seja entre a colectividade que se reúne em espaços urbanos *fechados* e reforçam o isolamento por um sentido colectivo restrito; seja entre as dinâmicas sociais do contexto urbano e as novas dinâmicas que afluem ao Projecto) parte-se da análise do espaço público, enquanto espaço por excelência da interactividade social, para propôr a sua extensão e redefinição, a novos espaços colectivos, que reconciliem a diferença entre práticas sociais do contexto e as práticas de interação da sociedade actual.



25. Performance por National Youth Dance Company; *in between*, Londres 2013

Coreógrafo: Director Artístico Jasmin Vardimon

duração: 25 minutos

fonte imagem: <http://londondance.com>

fonte video: <http://www.sadlerswells.com>

O título *in between* da coreografia de Jasmin Vardimon parte da ideia de que os dançarinos estão presos entre a infância e a idade adulta, e ainda entre a força do grupo e o poder do individual. Mas mais do que isso, a coreografia, que, parece ligar os dançarinos e os troncos por uma teia em constante tensão e suspense, vive do número e da repetição, da sequência hipnotizantes de elementos sempre entre qualquer coisa, sincronizados e dessincronizados, deambulam entre espaços intermédios, entre dançarinos e troncos, criança e adulto, luz e sombra.

3.1. Entre Entidades

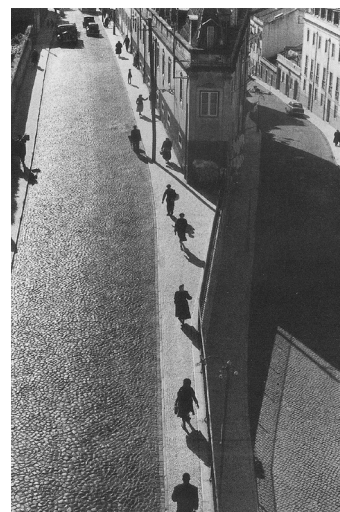
“Atitudes sociais diferentes e pessoas associadas criam contextos diferentes”⁴⁴ - “diferentes atitudes exigem (ainda) espaços com diferentes carácteres”⁴⁵.

A introdução de novos espaços num contexto urbano construído implica a introdução inevitável de novas características à paisagem urbana tradicional. Pretendida uma relação entre espaços urbanos por continuidade espacial (não se referindo apenas a configurações de permeabilidade física, como aberto/fechado), que características urbanas fazem a ponte entre elementos urbanos construídos, descontinuados, novos espaços e antigos da Cidade tradicional?

Não sendo uma questão nova para a arquitectura, as estratégias urbanas dos anos 50, que introduziam no centro da Cidade novos espaços em conformidade com a paisagem tradicional, começaram por replicar particularidades de elementos históricos da Cidade, para mais tarde evoluir no sentido interpretativo do seu significado.

Esta interpretação do sentido dos lugares da Cidade partia da análise da relação entre a paisagem natural (eg. a topografia), e a paisagem urbana (eg. a morfologia) e simultânea afectação e adaptação às práticas dos espaços e à cultura das práticas de *habitar*⁴⁶.

A continuidade proposta entre os espaços novos e os construídos recuperava a relação entre as entidades urbanas (o bairro, a rua e a casa) e os elementos naturais do contexto, que mantinham uma identidade na Cidade.



26. Rua Arco do Carvalho
fonte: Postal do Autor - Gerard Castello-
Lopes 1956

44. AVERMAETE, Tom. *Another Modern - The Post War Architecture and Urbanism of Candilis-Josic-Woods*; A Escala de Associações de Allison e Peter Smithson nos anos 50, p.230

45. SCHULZ, C. Norberg; *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*; p.14

46. AVERMAETE, Tom. *Another Modern - The Post War Architecture and Urbanism of Candilis-Josic-Woods*; A Escala de Associações de Allison e Peter Smithson nos anos 50, p.202



27. Quarteirão de Alfama
fonte: Postal do Autor - João Martins - 1940

Trinta anos mais tarde, a relação de continuidade por uma identidade cultural comum continuava a ter um papel de destaque para construir novos lugares na Cidade, mas a interpretação da Cidade tradicional partia de uma análise mais abstracta sobre o significado do lugar (o *génio* do lugar⁴⁷). As características naturais da paisagem tinham um cunho forte nesta identidade abstracta da Cidade e, assim, a resistência das suas especificidades nas novas edificações determinavam o sucesso da integração entre os novos e os antigos espaços da Cidade (Christian Norberg Schulz, 1979).

O movimento pós-moderno da *Resistência de Identidades* (Hal Foster 1998), que surge na mesma altura intitulado como *Regionalismo Crítico*, apelava a uma estratégia cultural menos abstracta e desconstrutiva dos significados históricos, para ampliar a flexibilidade da Cidade ao *espaço global*, onde se combinavam especificidades concretas, resgatadas do lugar (como a *luz*, a *tectónica*, a *natureza*, a *topografia*, o *clima*, a *janela*⁴⁸). As novas entidades urbanas, que se adaptavam ao novos códigos da sociedade, diluíam-se assim quer na paisagem natural quer na paisagem urbana, emancipando-se dela exclusivamente pelo contraste de elementos concretos, como a tectónica, ou a tecnologia do sistema constructivo.

47. SCHULZ, C. Norberg; *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*.

48. FRAMPTON, Kenneth: *Six Points for an Architecture of Resistance*, in *The Anti-Aesthetic: Essays On Postmodern Culture*, p. 29

As estratégias para a reconciliação entre espaços novos e antigos decorrem em paralelo com a consciência da perda de especificidades da identidade local para características genéricas. Até aqui os espaços são interpretados e resgatados segundo o seu valor para a identidade da Cidade. A liberdade

da interpretação do sentido dos espaços da Cidade determina a continuidade entre espaços novos e antigos. A identidade construída num sistema complexo, que não existe sem a gestão do paradoxo entre o novo e o antigo, determinado e o aberto a novas interpretações, vai evoluindo no sentido de libertação à configuração dos espaços tradicionais.

Para o Projecto, o lugar, é usado como um instrumento recreacional, tendo por “princípio reconduzir o *estranho* (i.e. o indivíduo que pela primeira vez vive o novo espaço) a uma esfera de familiaridade mas também modificar o “*nós*” a partir do qual essa prática se torna compreensível”⁴⁹. Enquanto se reconhece o espaço e o código da prática desse espaço por referência à experiência da Cidade, vai sendo feita a ponte que liga na paisagem da Cidade histórica expressões edificadas de diferentes *habitares*, de uma cultura que evolui dentro do mesmo espaço da Cidade mas se mantém idêntica por coerência a ela.

3.2. Entre Colectividades

*“(...) O espaço público, enquanto espaço físico, cultural e relacional, responde a requisitos de **uso** e, ao mesmo tempo, a requisitos de representação; é uma ‘área de acumulação’ da experiência colectiva da **urbanidade**. ”*⁵⁰

Entre Colectividades refere-se não só à condição entre contextos sociais no território urbano, mas é também a estratégia para estabelecer uma relação entre homem e espaço. A estratégia para a vinculação do urbano por vinculação do homem a ele, procura a unidade colectiva para



28. Semiramis Building, ATBAT-Afrique, Carrieres, Casablanca, Morocco, 1953, *Another Modern* p.166
- Candilis, Josic & Woods



29. Rua de S. Pedro
fonte: Postal do Autor - Lisboa Antiga (Alfama)

49. INNERARITY, Daniel; *O Novo Espaço Público*; p.122

50. BRANDÃO, Pedro; *O Sentido Da Cidade*; p.223



30. 31. 32. Alfama, Lisboa, Postais do Autor,
Fotógrafo: Estúdio Horácio Novais.

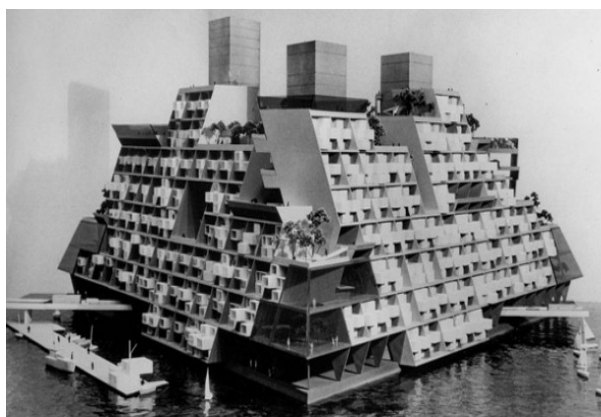
cumprir uma unidade urbana. Assim, entre espaços sociais contíguos, isolados pela inconciliação social e por limites de reestrição de espaço, pretende-se a extensão de um sentido de colectividade (pertença, vizinhança). É entre os espaços sociais do contexto construído que se traçam as **fronteiras de privacidade** que limitam os espaços e gerem a experiência da interacção com o “outro”.

*“The structure of cities lies not in their geometries but in the **activities** within them. These activities are expressed and materialized by buildings and spaces, by ways and places, by the **articulation of the public and the private domains**”⁵¹.*

Está subjacente a este tema, a reconciliação, por reencontro, complementariedade e compromisso, por intermédio do programa dos espaços; das práticas de interacção e partilha, no uso comum do espaço; da definição de espaço públicos, e a sua função enquanto elemento articulador; e sobretudo, da gradação entre esferas de privacidade dos espaços, que mantêm um pulsar contínuo entre a dimensão pública e a privada da Cidade, e equilibram a experiência, a partilha, e a exposição, à diferença com o *outro*.

51. EYCK, A. Van; Another Modern - The Post War Architecture and Urbanism of Candilis-Josic-Woods; p.290

Sendo certo que é sobre a experiência da interacção pública que reconhecemos a mais abrupta subversão de hábitos entre a sociedade da cidade tradicional e a sociedade actual⁵², questionamo-nos se a melhor estratégia para a reconciliação entre colectividades urbanas do centro da Cidade é a melhor estratégia para a reconciliação entre os espaços urbanos e as práticas da sociedade.



Actualmente, a precariedade da distinção entre o que é considerado público e o que é considerado privado, das novas experiências de interacção social, afastam cada vez mais o tipo de colectividade que a sociedade actual procura do tipo de colectividade que a Cidade Tradicional oferece. Quanto mais privado pode ser o espaço para viver, mais alto é o preço para neles habitar. Assim, reúne-se nos condomínios e nos aldeamentos privados, que simulam uma urbanidade, a classe social *mais alta* da Cidade e cria-se o estímulo para procurar viver em figuras colectivas semelhantes.

A continuidade por colectividade já não se trata da extensão das esferas públicas e privadas dos espaços urbanos da Cidade tradicional (o bairro, a rua, a casa). A indeterminação do sujeito colectivo actual, que *está sempre num estado de contínua autoconstituição*⁵³, procura um espaço público que por princípio nunca deve estar encerrado. Por outro lado, os espaços colectivos permeáveis, de alguma forma ilimitados, devem promover o encontro sem conduzir necessariamente

33. "Triton City" - Buckminster Fuller (1967) fonte: <http://geofutures.arch.rpi.edu/2013/06/urban-futurism-precedent-research>

52. INNERARITY, Daniel; *O Novo Espaço Público*; p. 134

53. Idem, p. 132

à abolição das fronteiras da intimidade (uma vez que poder continuar anónimo é uma das condições da cidade⁵⁴). A gestão das fronteiras de intimidade entre os espaços da Cidade tradicional e a competição com um espaço público ilimitado, que se constrói fora dela, exigem às novas estruturas colectivas uma tomada de consciência sobre o valor do público e o valor do privado para a Cidade, e a revisão dos limites que separam um do outro para adaptar o espaço urbano aos novos espaços sociais.

Para recuperar a dinâmica e o sentido colectivo de urbanidade, torna-se urgente resgatar o significado da Cidade enquanto espaço **vivo, por excelência relacional**, que é inteiramente dependente da interacção e do uso público dos espaços.

A intervenção duplamente condicionada *entre colectividades* (com o contexto construído e com a sociedade e cidade) começa por *examinar as formas substitutivas da interactividade actual social⁵⁵* para as recriar em novas entidades urbanas que criem um compromisso entre o desejo do privado da sociedade e o desejo do público da Cidade.

54. INNERARITY, Daniel; *O Novo Espaço Público*; p.122

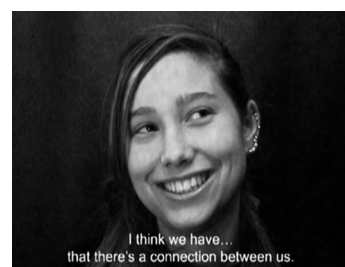
55. Idem, p. 128



34. 35. Instalação por: Zuzanna Janin. *In Between (Mothers and Daughters)* 2006; Elizabeth A. Sackler Center for Feminist Art. Brooklyn Museum. Video 3x4. 3min em loop.

fonte: <http://zuzannajanin.blogspot.pt>

Durante 3 minutos três pessoas (mãe e filhas) falavam em separado e em simultâneo, na mesma tela, sobre a relação forte que tinham entre elas. Enquanto as três mulheres interagiam, em grupo ou isoladas, ia-se revelando a identidade que as distingue. Construídas por afinidade e por contraste, as três identidades construíam uma imagem só. **Nelas e entre elas** (*in between*) constrói-se uma quarta entidade. Indeterminada, sem forma, a nova entidade, justapõe traços e características, que se apagam e se substituem e se distorcem no mesmo rosto até darem vida a um outro novo ser. Não tem contorno, nem *tempo*, nem nome. **Mas tem apelido.** É múltiplo e complexo, cria o rosto abstracto de uma identidade comum, onde as três interagem, e a identidade de um novo *ser estranho e disforme* mas vincado, onde as três se reconhecem sem se identificarem. Ele é as três e não é nenhuma. Está no limbo entre o **reconhecimento, a pertença e a identificação**. “aquela é a minha boca mas aqueles são os olhos da minha mãe, não sei onde um termina e o outro começa, mas reconheço a minha família e sei que estou aqui algures representada”, tal como o centro deve ser para a sociedade.





36. Museo territorio de las migraciones.
fonte: <http://www.mansilla-tunon.com/>

3. (in) *Extremis*

Catalisadores Urbanos

Denominam-se *por catalisadores urbanos*, nesta dissertação, o tipo de intervenção urbana que se propõe reconciliar e activar a cidade por intermédio significativo da introdução da diversidade e do contraste, do colosso e da pluralidade, a que informalmente chamamos de “*Híbridos*”.

A característica espacial comum a esta *classe de edificados*

é sem dúvida a função (híbrida) e dimensão (grandeza) uma vez que a diversidade requer uma articulação particular de espaços. Embora partilhem algumas características espaciais e funcionais, é pelo tipo de *catálise* que propõe o *catalisador* para o contexto construído, que se determina a configuração dos espaços e a extroversão da sua expressão (Mozas 2008), e claramente onde se traça a nossa afeição e tolerância ao seu contraste.

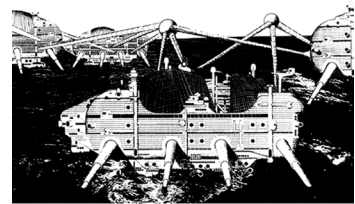
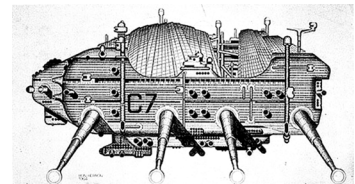
(def. científica) **Catálise**: *aumento da velocidade de uma reacção devido à adição de uma substância*:

catálise heterogénea: ocorre próximo ou na superfície entre duas fases

catálise homogénea: o catalisador dissolve-se no meio em que ocorre a acção

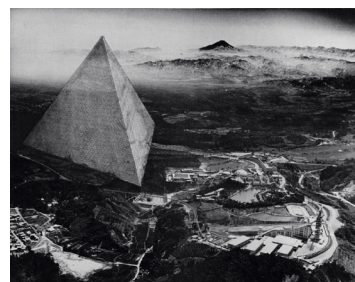
MegaStructure 1964⁵⁶

O *catalisador* da **paisagem urbana**, pretende orientar o espaço e re-organizar o caos da paisagem em torno de uma única figura referencial *catalítica* (Mozas 2008). Parece-nos operar à superfície da Cidade uma vez que depende quase exclusivamente do poder da sua imagem. É muitas vezes uma estratégia iconoclasta, por considerar pertinente para a *re-activação* da Cidade, a introdução de um ícone na imagem da paisagem neutra, enfraquecida ou dispersa - o **Landmark**.



37. Archigram, Walking City

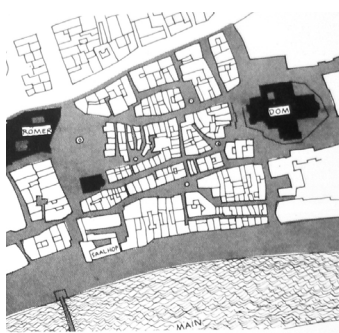
fonte: <http://openbuildings.com/buildings/walking-city-profile-39003>



38. Buckminster fuller, Tetrahedron City, Yomiuriland, Japan

fonte: <http://www.pinterest.com/pin/507429082987506183/>

56. BANHAM, Reyner: Megastructure. Urban fetures of recent past, Thames e Hudson: 1976



39. 40. 41. Frankfurt Competition, Frankfurt, Germany, 1963. Georges Candilis

fonte: Team 10 - in search of 1953_81 utopia of the present

57. MAKI, Fumihiko: Investigations in Collective Form, St. Louis: 1964, p8

Não se trata necessariamente de uma estratégia para a afluência aquele lugar concreto da Cidade, mas para um panorama geral de representatividade e afluência à própria Cidade.

Assim, o *free-stand building*, que não tem por princípio um diálogo com o lugar construído, emancipa grande parte dos espaços e funções híbridas num esqueleto estrutural complexo, onde se relacionam independentes e interdependentes. Constitui muitas vezes *um simulacro introvertido de urbanidade* (Mozas 2008).

MegaForm 1964⁵⁷

O *catalisador* da dinâmica dentro do **território urbano**, por afluência às zonas da Cidade que foram perdendo o *ritmo* da convivência, desassocia-se da estratégia por impacto de uma imagem na paisagem, começando a incluir o tema da forma para introduzir ao programa dos espaços, a dimensão doméstica e as práticas de habitar em colectividade. Por oposição à *megaestrutura*, a *megaforma* propõe introduzir uma nova colectividade no contexto urbano. É pela criação desta colectividade que surgiu a necessidade de uma composição urbana, para a criação do grupo (Stan Allen 2008), e assim sobrepôr à primazia da estrutura, a primazia da forma.

A função dos espaços continua livre da associação a uma forma, e *hibridizam* o edificado não só pela variedade do programa mas pela variedade de esferas possíveis de privacidade. A catálise culmina assim pelo pulsar contínuo da actividade dos espaços da *megaforma*. Entre a dinâmica pública que mantém com a cidade e a vida privada do seu *interior*, combina num edifício cosmopolita uma actividade entre espaços articulados, num *edifício cosmopolita que vive a full-time*⁵⁸

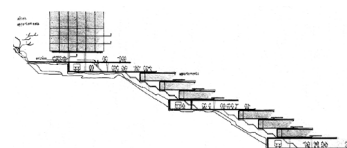
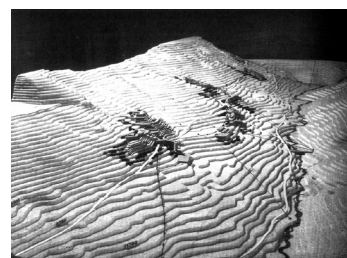
Megaform as Urban Landscape 1999⁵⁹

A variação da forma do catalisador determina o tipo de integração dos novos espaços com os espaços já construídos. A *megaforma* que simula uma paisagem urbana integra-se por continuidade espacial, social e cultural.

As práticas do lugar sugerem a função dos novos espaços e uma composição urbana à semelhança do *palimpsesto* de espaços, funções e significados, em que constrói a Cidade.

O catalisador integra-se não só pela continuidade de configurações espaciais mas pelo reconhecimento dos mesmos códigos entre os espaços.

*"In-laying the building into the site"*⁶⁰ (1983) diluí o edificado na paisagem para compensar nos espaços da Cidade o défice de função e de actividade. Distingue-se pela *primazia da forma topográfica em oposição à articulação estrutural*⁶¹ para a integração no contexto urbano- **Landform**.



42. 43. 44. Vallee de Belleville winter resort, 1962, Candilis-Josic-Woods

58. ALLEN, Stan. & MCQUADE, Marc, Landform Building: Architecture's

59. FRAMPTON, Kenneth: Megaform as Urban Landscape. p 34.

60. FRAMPTON, Kenneth: Six Points for an Architecture of Resistance. p. 29

61 ALLEN, Stan. & MCQUADE, Marc, Landform Building: Architecture's

Esta *megaforma*, que **não ocupa a paisagem mas se constrói dentro dela**⁶², articula e configura novos espaços à imagem do *palimpsesto espacial e funcional* da Cidade.

A sua concretização em planos horizontais é imprescindível para estender o sentido de colectividade a um plano contínuo de interacção e convivência social (Stan Allen 2008).

A *MegaForm as Urban Landscape* de Frampton, contextualiza-se na emergência de uma preservação cultural na construção de novos lugares. As especificidades dos lugares da Cidade e as práticas de um *habitar cultural*, são transversais aos espaços novos e antigos da Cidade.

Inbetweener

Denomina-se por *Inbetweener*, nesta dissertação, a intervenção urbana que se propõe entre contextos urbanos contíguos, espacial e socialmente desvinculados, cuja relação é chamada para cumprir uma unidade urbana e colectiva coesa na Cidade. A reactivação do espaço **entre** qualquer coisa cumpre-se na diversidade do plural e na ampliação da possibilidade relacional, na função híbrida, na profundidade da grandeza, na catálise por impacto e por conformidade entre características de espaço e uso comum do espaço.

Não se trata de um free-stand building uma vez que tem por princípio a interacção entre lugares. A colectividade que propõe introduz o discurso da megaforma e a gestão das fronteiras entre o público e o privado que constroem um organismo que vive a full-time, mas a permeabilidade física que pede a articulação entre contextos equilibra o simulacro urbano,

62. FRAMPTON, Kenneth: *Megaform as Urban Landscape*. p 37.

introvertido, com a necessidade da diluição na paisagem urbana e natural. Por isso e por compôr características do lugar cultural e do lugar colectivo entre novos espaços e novas funções dos espaços, aproxima-se da proposta Landform, *urban landscape*.

O *inbetweenner*, que se vocaciona para o vínculo entre situações urbanas do centro histórico, temporalmente, espacialmente e socialmente, inconciliadas, constrói-se no paradoxo de uma identidade neutra que flua entre espaços, e uma identidade forte que lhe é exigida dentro de uma paisagem histórica, onde a descrição corre o risco de subverter o efeito da activação.

Por isso, o *inbetweenner*, *que não ocupa a paisagem mas se contrói dentro dela*, contraria a dissolução do *landform* e a catálise por silêncio dentro das *teias subterrâneas* da Cidade, para assumir a tensão da condição *in between* e edificar um limbo, um intermediário dentro de um espaço intermédio, que procura o equilíbrio entre tensões urbanas pelo impacto de uma tensão acrescida diluída, anulada.

O encontro de espaços urbanos centrais, desvinculados entre si, e a sociedade desvinculada destes, tornou-se na principal problemática para a arquitectura que opera no centro da Cidade. Procura-se um limite fluído e negociável, entre a integração e o argumento, a resistência e a cedência, a constância e a mudança, o paradoxo e o estabilidade, o introvertido e o extrovertido, neutro mas expressivo (*between*), dentro do contexto urbano, histórico, social e central (*in*).

As valências da indeterminação flexibilizam-no ao instável e ao interminante, à transitoriedade, à mutação por apropriação. Desvinculam-no do lugar onde se constrói, para incluir uma

realidade alternativa onde abriga uma nova colectividade e constrói a sua própria identidade. Em simultâneo, a sua vocação para o lugar construído, para o lugar cultural, exigem um argumento sólido no espaço e no tempo que não o deixam evoluir sem contexto e sem referência. Funde-se assim a escala da cidade e a escala do edifício num novo *organismo* que cresce em simbiose com a dinâmica do centro da Cidade, para a qual se vocaciona, e com a qual se integra e se emancipa, em espaços intermédios dentro dos quais é intermediário.



45. Somewhere in between the *active and the still*,
the imagined and the real,
between light and shade, truth and tale, and of
course
hope and defeat...
Between resting and at flight,
and somewhere between *duty and desire*,
that is where he stands,
this is where we find him.

fonte: Todd Fuller - on the edge (somewhere in between)
2011 http://www.brendamaygallery.com.au/enlarge_stock.php?workID=36853&artistID=208#sthash.HJqTkcaz.dpuf



46. Tracejado - limite proposto por Jose-Augusto Franca - Linda Continua - limite proposto no PDUL
fonte: Jose-Augusto Franca, Estudo das Zonas ou Unidades Urbanas de Caracter Historico-Artistico em Lisboa p.54

4. Um mediador urbano para a Colina de Sant'Ana

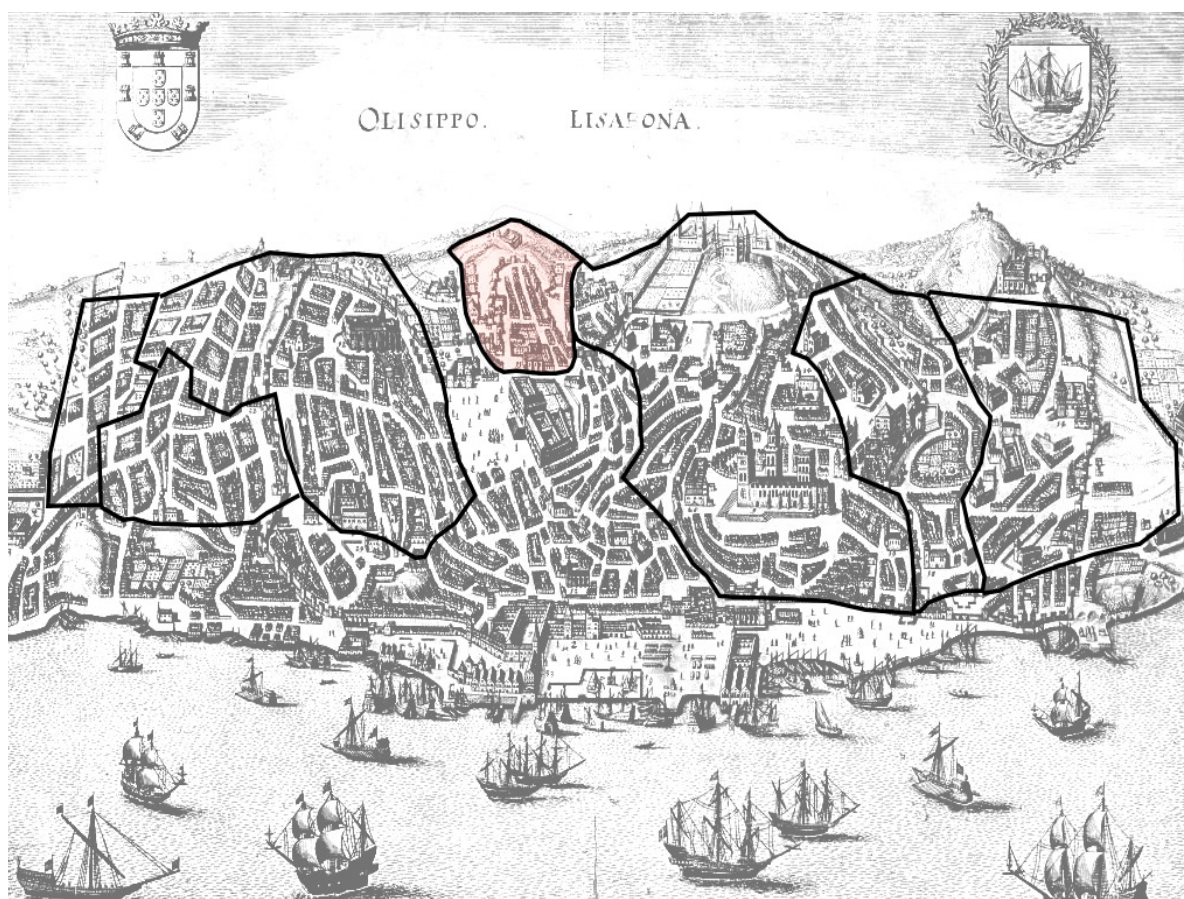
Neste capítulo faz-se a introdução ao lugar, onde se propõe o projecto que dá corpo a esta dissertação.

A abordagem do lugar será feita segundo uma lógica sequencial, a partir do contexto territorial mais abrangente, para se chegar ao mais específico - onde se considerou a emergência de uma intervenção. Considerando o enquadramento teórico apresentado no capítulo anterior, para cada uma das sequências, que representam partes territoriais integrados num todo, serão abordados as fronteiras, concretas e relacionais, entre as entidades que constroem os caracteres; e os caracteres que constroem uma singularidade. Parte-se, assim, da Colina de Sant'Ana e da sua relação com a Cidade, para se chegar ao Desterro e à relação entre a *Avenida*, o *Monumento* e o *Bairro*.

Colina de Sant'Ana: a Colina entre Colinas

Das Sete Colinas que dão nome às entidades topográficas características do Centro da Cidade de Lisboa, destaca-se a Colina de Sant'Ana como a geograficamente mais central, e a mais precisa, nos limites urbanos que traça a Este e Oeste com a Cidade.

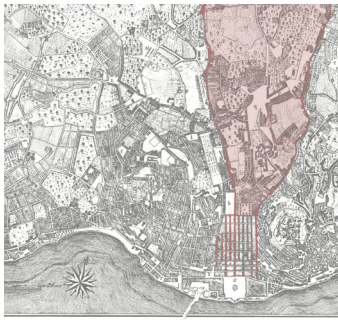
Apesar das Colinas de Lisboa constituírem inevitavelmente parcelamentos do território urbano central, a imprecisão dos limites das restantes seis Colinas acaba por diluí-las nas teias comuns ao centro da Cidade, atenuando o contraste que as poderia desvincular de uma dinâmica urbana contínua.



O contorno vincado por transições altimétricas abruptas distingue, entre elas, a Colina de Sant'Ana.

A evolução da Colina de Sant'Ana é coerente com a sua condição geográfica central e com a sua confinação a limites herméticos. Ambas (centralidade e hermiticidade) tiveram um papel decisivo para a construção do carácter singular da Colina de Sant'Ana, que será essencial para o Projecto que dá corpo a esta dissertação.

47. As Sete Colinas de Lisboa: Santa Catarina, Chagas, Sao Roque, (a vermelho) Sant'Ana, Castelo, Santo Andre, Sao Vicente
fonte: Olisippo Lisabona
Matthäus Merian (1593-1650)



48. Franc de Milient, Lisboa 1785

O estudo da relação entre a forma e sentido (Kevin Lynch 1960) que definem a Colina de San'Ana, começa na relação dos seus limites com a Cidade; nos percursos e na matéria a eles confinada; nas relações de vizinhança dos bairros dispersos; na pontualidade de antigas Estruturas Conventuais e mais tarde Hospitalares, que no seu conjunto dão nome à Colina de Sant'Ana e, a partir de determinado momento na História, um sentido singular para a sua evolução.

A Colina preserva os mesmos limites territoriais desde o século XII, altura em que era periferia da Cidade de Lisboa e se refugiava entre dois esteiros do Rio Tejo, a Poente e Nascente, ambos convergentes a Sul.

Os dois esteiros converteram-se mais tarde nas duas mais movimentadas Avenidas do Centro da Cidade: a Avenida da Liberdade a Oeste e, a mais pertinente para este projecto, a Avenida Almirante Reis a Este. Caracteristicamente monumentais, ambas são o primeiro obstáculo urbano para a permeabilidade da Colina de Sant'Ana que, caracteristicamente residencial, se incompatibiliza com estas Avenidas, quer em função, quer em dinâmica. A sua serenidade termina na intensidade dos fluxos das Avenidas, cujo desenho se orienta imperativamente para o centro pombalino do centro histórico da Cidade. Aliada à topografia pressionada pelo curso natural da antigas linhas de água, a impenetrabilidade na Colina de Sant'Ana exclui-a assim da dinâmica do Centro da Cidade de Lisboa numa micro-urbanidade compacta relativamente homogénea.

A transposição dos limites periféricos da Colina de Sant'Ana anuncia-se na dissipação do som das Avenidas nos íngremes percursos que cortam a acentuada topografia e que confinam o edificado residencial. Para o seu interior, as volumetrias urbanas alteram significativamente de escala e distribuem-se pelo território em funções fragmentadas, justapostas pela aceleração temporal, mas consolidadas numa volumetria compacta que de alguma forma se confunde com a topografia natural do lugar. Os percursos, viários e pedonais, parecem irrigar quase aleatoriamente este território; confluem a certa altura nas veias principais da Colina, que a cortam numa orientação precisa em direcção ao seu centro e ponto altimétrico mais alto, o Jardim Braanchamp Freire.

Quando percorremos a Colina sentimos que os percursos e a topografia se aliam numa entidade única e que a esta se foi subjugando a morfologia do conjunto edificado residencial. A imposição desta entidade urbana, que parece decorrer com particular livre arbítrio na Colina, sobre o planeamento do edificado, foi determinante para criar limites entre os bairros, que, mesmo estando espacialmente contíguos, acabam por não partilhar um sentido de vizinhança comum.

A verdade, embora não evidente durante esta caminhada pela Colina, é que os percursos começaram como pontes entre as várias estruturas monumentais que dão nome a esta Colina (de Sant'Ana) e que nela se destacam: pela escala, pelo valor Histórico e pela actual inércia funcional.

Cruzando as citadas características geográficas e a evolução Histórica da Colina de Sant'Ana, referem-se as qualidades da sua centralidade urbana e a sua afirmação na paisagem topográfica da Cidade de Lisboa, enquanto principais promotores de uma disputa territorial na Colina.

O seu afastamento da dinâmica da Cidade e o simultâneo domínio na Paisagem urbana, sugerem, na Colina de Sant'Ana, uma micro-urbanidade, que tira partido desta dualidade entre o distanciamento do caos citadino, sem que, no entanto, deixe de o ver, ou de ser vista.

A disputa por uma interioridade urbana no Centro da Cidade é transversal aos 1200 anos da História da Colina de Sant'Ana. Nas apropriações e expropriações da história da Colina surgiam novas temáticas que re-apropriavam e re-construíam novas figuras monumentais. Articuladas entre si, estes monumentos iam partilhando o mesmo sentido e uso, constituíam um pólo, um espólio.

No entanto, o registo da evolução da Colina de Sant'Ana, tem vindo a contrapor-se a uma orientação de temática predominante. As sucessivas intervenções em busca de uma função singular para a Colina acabaram por se mostrar inviáveis, obrigavam a flexibilização e mutação territorial numa proliferação de funções e sentidos que se foram sobrepondo na paisagem. A pluralidade funcional acaba por ser mais forte vocação da Colina de Sant'Ana e a mais recorrente durante a sua História.

A história da Colina de Sant'Ana começa no século XII com uma estrutura hospitalar que se articulava por multiplicidade de espaços e funções e que actualmente, curiosamente, classificaríamos como uma estrutura híbrida: o Hospital de São Lázaro (Célia Pilão 2013).

Na altura em que a Colina estava *“fora dos limites da cidade, como convinha”*⁶³ descreve-se o Hospital de São Lázaro como *“um conjunto harmonioso de construções: igreja, cruzeiro, casas de lázaros, logradouros para recreio de doentes, enfermaria, casa dos preços, o matadouro de S.Lázaro, casa dos provedores e famílias dos trabalhadores do hospital, curral, lagar e terrenos agrícolas”*⁶⁴.

É a partir do Hospital de São Lázaro que se repartem funções para novas estruturas construídas na Colina, e que se aliam às principais estruturas monumentais do território, que partilhavam uma função Religiosa predominante até ao século XVIII (Luiz Damas Mora 2013). Com o fim da Ordem Religiosa, estas estruturas adaptaram-se ao cumprimento de funções militares e, pouco depois, expandiram-se em território, para uma vocação predominante Hospitalar e de Ensino Médico, que perdeu significado no século XX (Luiz Damas Mora 2013).

A história das estruturas Monumentais da Colina de Sant'Ana decorreu em simultâneo com a expansão, nas suas imediações, da esfera privada, residencial, da Colina de Sant'Ana. Ao conjunto edificado residencial associavam-se, temporariamente, espaços públicos e programas colectivos que reuniam a vizinhança do bairro da Colina. *“Matadouro no*

63. PILÃO, Célia; TACÃO, Sandra; *Lisboa, Colina de Sant'Ana*; p.293

64. ARAÚJO, Norberto; *Peregrinações Em Lisboa, vol.4* 1938:59

*século XVI, Praça de Touros no século XIX, Feira da Ladra, Mercado de Hortaliças, etc*⁶⁵ os espaços, *ambiciosamente* públicos, foram-se substituindo, reduzindo em escala e significado, à medida que ajustavam a sua morfologia ao grau de privacidade que, na realidade, viabilizava a Colina.

O desequilíbrio entre a esfera privada e a esfera pública ditaram parte da desintegração social da Colina de Sant'Ana em sistemas de sociabilidade independentes, dentro do mesmo território.



50. Elementos marcantes da Colina de Sant'Ana

Actualmente os Elementos Marcantes da História Conventual/Hospitalar/Militar que resistiram na Colina de Sant'Ana, dissipam-se no enredo urbano complexo e identificam-se na paisagem por um tímido contraste com a escala do bairro.

Perante uma área extensa com uma intensidade de imagens relativamente iguais, neutralizadas por um caos espacial homogeneamente distribuído, a falta de clareza destas

65. PILÃO, Célia; TACÃO, Sandra;
Lisboa, Colina de Sant'Ana; p.297

estruturas dentro de uma massa densa de figuras residenciais, impossibilitam a criação de símbolos fortes na Colina que, não construam apenas uma imagem representativa, mas oriente no espaço vivo.

A imagem da Colina de Sant'Ana vai-se construindo pela memória de uma sucessiva emersão e submersão da experiência dos seus espaços internos, um intercalamento entre sombra e claridade, um sucessivo enquadramento e isolamento com a Cidade exterior. A topografia é talvez a mais forte característica da Colina e interfere, nessa mesma medida, no sentido de orientação, indispensável ao estabelecimento de percursos no espaço vivo da Colina.

De tal forma que, na Colina de Sant'Ana, tal como Alfama e o Rio Tejo, o Bairro Albaicín e o Castelo de Alhambra, só se está seguro de um percurso, se estiver presente a relação referencial que tem com as Colinas da Cidade a Este e Oeste, e o Tejo no horizonte a Sul.

A topografia reconstitui ainda a trama relacional entre os elementos urbanos dispersos no território, e combina-os numa sequência não temporal nem funcional mas cénica, de volumetrias associadas e enquadramentos visuais.

A identidade da Colina de Sant'Ana prende-se precisamente com o seu carácter introvertido, que a excluí do centro da Cidade e simultaneamente agrava as suas problemáticas urbanas.

Se até ao sec. XVIII esta introversão servia o propósito

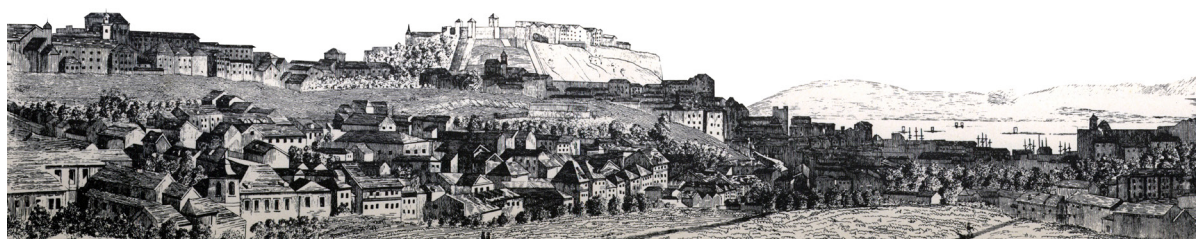
religioso das estruturas predominantes da Colina (Luiz Damas Mora 2013), o mesmo não acontece quando esses espaços adquirem uma função de domínio público e estão dependentes da permeabilidade da Colina com a Cidade.

A Colina esgota-se, assim, dentro dos limites físicos dos seus contornos topográficos e a sua imagem esgota-se na neutralidade da composição dos seus elementos urbanos, que por não se renovarem, perderam o fresco contraste de tempo e escala, construindo uma *imagem compacta de obra característica relativamente homogéna que se dilui na neblina urbana*⁶⁶.

Por constituir um importante conjunto Patrimonial da Cidade de Lisboa e uma figura geograficamente central para a reconciliação entre as partes que repartem o Centro, entendeu-se a emergência de uma intervenção urbana que revitalize a Colina de Sant'Ana. Não por precisar de responder a uma procura específica de espaço dentro dela, mas porque, e, por enquanto, os espaços que oferece não estimulam esta procura. A imparcialidade da Colina na dinâmica do Centro da Cidade constitui uma ruptura no *continuum* espacial e social da Cidade. Não sentimos falta, mas precisamos dela enquanto parte activa num espaço tão central do território urbano.

66. PORTAS, Nuno; *A Cidade como Arquitectura*, p.87

Entre a Colina de Sant'Ana



51. Quando a Colina era periferia, 1871

“Mas para que destino trouxe para esta área poente da cidade tanta escola, tanta instituição cultural hospitalar? A resposta é simples e aceitável: a largueza dos terrenos e a facilidade, nuns casos, de adaptação e noutros casos, de expropriações.”⁶⁷

Para intervir na Colina de Sant'Ana considerou-se fundamental começar pela identificação dos elementos naturais e urbanos que constroem a sua singularidade, para encontrar neles as pistas da evolução de uma vocação para a Colina e criar um compromisso entre o que ela “quer ser” e o que “tem que ser”.

O que criar de novo? o que preservar? qual a sua singularidade? serão os limites que a separam da cidade? a sua introversão? será a História das apropriações? entre o Património e o sentido de colectividade? serão conciliáveis?

As propostas urbanas desenvolvidas actualmente pela Câmara de Lisboa partem da identificação de um carácter singular da Colina de Sant'Ana que se centra no seu predominante sentido histórico. Partindo da valorização do Património da Saúde,

67. ARAÚJO, Norberto;
Peregrinações Em Lisboa, vol.4
1938:59

que deu função e sentido aos antigos Conventos/Hospitais do século XIII, estas propostas vocacionam a Colina de Sant'Ana para uma temática singular e propõem-se a activar a dinâmica da Cidade de Lisboa por intermédio de uma só função.

“A Colina da Saúde” ou a “*Colina do Conhecimento*”⁶⁸ partilha precisamente da mesma ambição que tentou re-organizar o território da Colina há um século e meio atrás.

As propostas recentes pretendem re-criar um sentido para o uso das estruturas hospitalares e conventuais, desactivadas na Colina de Sant'Ana, partindo do sentido que já tiveram para a História da Cidade para criar uma função representativa desse mesmo sentido. Em alguns casos propõem-se como museus, noutros mantêm um papel público (a própria dimensão não sugere o contrário) mas um programa para espaços privados, como um hotel. Ambas as situações pretendem reavivar a memória de uma história hospitalar que passou pela Cidade de Lisboa.

Esta dissertação e respectivo Projecto não procura destacar um sentido dominante, nem uma esfera de privacidade singular, que simplifique o valor da complexidade da Colina, nem reforçar o valor da História monumental para resolver a problemática do seu isolamento face à Cidade.

O Projecto centra-se na conservação da combinação dos significados característicos de situações espaciais e sociais diferentes, que se foram sobrepondo no território urbano da Colina de Sant'Ana, tirando partido do seu sentido para os re-interpretar, actualizar e unir numa estratégia que concilie a diferença, sem a reduzir.

68. SALGADO, Manuel; *Colina de Sant'Ana, Documento Estratégico de Intervenção*, 2013

Conservar a pluralidade e a diversidade no centro da Cidade torna-se determinante para manter a sua imagem e ordem, abertas à combinação no território de futuras, de novas, transformações e, assim, reforçar a viabilidade do centro histórico como centro da representação e da vida em sociedade. Esta intervenção na Colina de Sant'Ana vai para além do sentido da conservação das antigas estruturas conventuais que alertaram para a emergência de um plano depois do anúncio público da sua desactivação nos últimos anos.

A Colina de Sant'Ana deve à Cidade uma revinculação espacial que suprima a descontinuidade experiencial entre o espaço do lado Este e o espaço do lado Oeste, do centro histórico da Cidade. E deve a si mesma, o reforço e flexibilização das suas identidades, seja a identidade pública (predominante sentido histórico), a identidade urbana ou a identidade social.

É importante referir que, na análise do lugar para construir este Projecto, se identificou como urgente, para a Colina de Sant'Ana, o reforço do sentido de colectividade e a revinculação entre espaços que descontinuam a dinâmica quer intra Colina, quer entre a Colina e a Cidade.

Considerou-se que a problemática da Colina reside no contexto urbano e não no contexto temático.



52. (da esquerda para a direita) Um bairro da Colina de Sant' Ana, o antigo Convento do Desterro e Av. Almirante Reis

fonte: Jose-Augusto Franca, Estudo das Zonas ou Unidades Urbanas de Caracter Historico-Artistico em Lisboa p.54

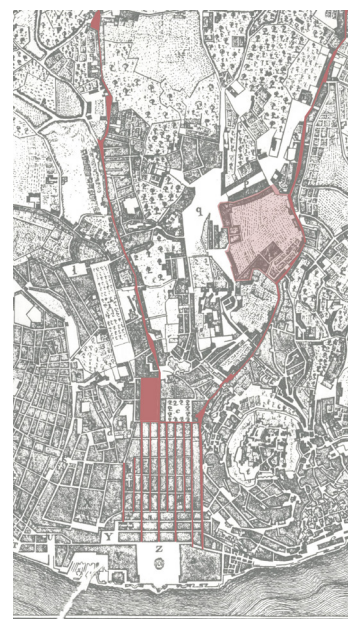
Entre a Avenida, o Monumento e o bairro

“Tal como as pessoas, as instituições também morrem; e essa morte pode ser o desenlace esperado de um processo de degradação progressiva, e aceita-se como natural, ou, pelo contrário, pode colher umas e outras em plena vitalidade ou laboração, e não é fácil entendê-la.”⁶⁹

No lado Este da Colina de Sant’Ana, na linha limite do seu contorno com a Cidade de Lisboa, confronta-se excepcionalmente a sucessão quebrada de três elementos urbanos, contíguos em territórios, característicos da estrutura urbana clássica do centro histórico: a Avenida, o Monumento, e o Bairro.

Estas três entidades urbanas, que se poderiam potenciar por uma relação recíproca que mantivesse uma actividade simultânea, acabam por se isolar e assim sobre-carregar no território esferas exclusivamente públicas e exclusivamente privadas, quando, pelo contrário, precisariam de estabelecer uma intra polivalência.

A sequência destes espaços é um dos primeiros obstáculos à permeabilidade deste lado Este da Colina de Sant’Ana à Cidade e é, ao mesmo tempo a oportunidade com o maior potencial e interesse para a estabelecer.



53. Desterro

fonte: Franc de Milient, Lisboa 1785

69. MORA, Luiz Damas; *Desterro: vida e morte de um hospital*; p.11 e 12



53. e 54. A Avenida entre o lado Este e o lado Oeste da Cidade; O antigo Convento do Desterro entre

Entre a Colina do Castelo e a Colina de Sant'Ana rasga-se de Norte a Sul A Avenida Almirante Reis, uma das artérias urbanas mais antigas da Cidade de Lisboa.

A sua identidade geográfica no território, vocacionou-a, naturalmente, para que seja um dos elementos urbanos responsáveis pela estrutura do centro da Cidade.

Contrariamente à Avenida da Liberdade, que se dinamizava pelo Passeio Público, a Avenida Almirante Reis vocacionou-se para a facilitação da deslocação e acessibilidade viária entre o Centro Histórico e as Periferias da Cidade.

Actualmente, é nesta função que a Avenida encontra o seu maior significado e que determina a sua identidade predominante. A identidade criada por uma função de transição, sobrepôs-se à identidade por características de espaço e valor histórico, indeterminando assim na Avenida uma orientação social e um carácter espacial, o que acaba por ser determinante para a problemática do desvinculamento e da indeterminação de uma identidade dos bairros a ela contíguos.

Foi só a partir do final do século XIX que o antigo Hospital do Desterro transitou para um limbo territorial entre a Avenida Almirante Reis e a Colina de Sant'Ana.

Desde 1591, data da sua edificação, a estrutura que deu corpo ao antigo Hospital do Desterro fazia parte da rede conventual integrada no interior da Colina de Sant'Ana.

Durante a evolução da cidade, enquanto se alteravam as direcções e as dimensões da Avenida Almirante Reis, redesenhavam-se os limites da Colina e a antiga estrutura hospitalar aproximava-se cada vez mais dos seus contornos.

Quando no final do sec. XIX, a que era, na altura, a Rua Direita dos Anjos, se desviou para o alçado frontal do antigo Hospital, estabeleceram-se os limites de uma nova Avenida, uma reconfiguração espacial do Hospital do Desterro e uma relação dupla, com a escala pública da Almirante Reis, a Este, e a escala mais privada da Colina de Sant'Ana, nas suas costas a Oeste. A identidade do Hospital do Desterro prende-se precisamente a esta característica geográfica entre escalas sociais diferentes⁷⁰.

A História do antigo Hospital do Desterro conta-se nos espaços transformados e acrescentados a uma estrutura principal original, que se foi flexibilizando para responder às exigências das funções dos espaços que, por não se conseguirem otimizar na antiga estrutura conventual, iam variando, activando e desactivando o antigo Hospital.

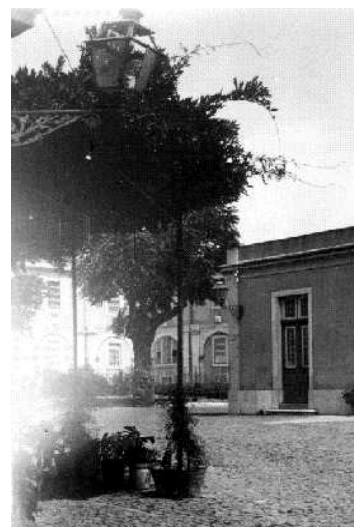
A relação eternamente inconciliável entre a função e o espaço, que explicam a História do Hospital do Desterro, e o palimpsesto de espaços que sobrou da tentativa de hibridização a múltiplas funções, são a sua mais forte característica e a condenação para o seu fim.

Actualmente, o volume desalinhado com a Avenida Almirante Reis, isola-se dela sobre um pódio comercial independente. Dá-lhe um alçado e confina os seus limites espaciais, mas recuado para um plano secundário.



55. O quarteirão do Desterro entre o antigo bairro da Pena, a Oeste, e a Freguesia dos Anjos a Este.

70. uma "aura bairrista" como descrece Norberto Araújo; *Peregrinações Em Lisboa*, vol.4 1938:59



56. Antigo Hospital do Desterro **57.** Claustro (interior do quarteirao) **58.** Av. Almirante Reis - Intendente (1928) **59.** Convento do Desterro, claustro, Eduardo Portugal, 1944, Arquivo Municipal de Lisboa **60.** Vestibulo e Igreja no alcado sul **61.** Traseiras no interior do quarteirao.

A evolução das estruturas residenciais, pelo território disponível na Colina de Sant'Ana acabou por suprimir o limite que conservava um intervalo soberano, entre o Monumento e o Bairro. Na paisagem urbana, o edificado residencial da Colina sobrepõe-se à sua volumetria, reduzindo o significado do monumento Conventual a um quarteirão residencial comum.

A contextualização na Colina de Sant'Ana e a associação ao corpo do antigo Hospital do Desterro, não foram, de qualquer forma, relevantes para a evolução da construção do quarteirão do Desterro: ele cresceu independente do significado dos espaços do antigo Convento, que foram ficando no seu interior. Estas decisões, de planeamento territorial, de forma e função, acabariam por isolar não só a vida doméstica do quarteirão, numa esfera excessivamente privada, como se tornariam num dos maiores obstáculos para o cumprimento da função pública do antigo Hospital.

Adensidade exclusivamente residencial, inibem a possibilidade de interacção entre a vizinhança. A excessiva presença viária, pública, destitui os espaços exteriores, também de domínio público, da sua função relacional, e reduz a possibilidade de um sentido identitário colectivo entre os Bairros da Colina de Sant'Ana.

Do bairro à Avenida Almirante Reis, sente-se o contraste sonoro abismal entre o caos e o silêncio. O antigo Convento não podia estar mais alienado do tecido urbano, os bairros que cresceram à sua volta têm apenas em comum com ele partilhar o mesmo território. Vêm-se co-habitar só na paisagem e à distância.



62. Antigo Convento do Desterro
fonte: Fotografia do autor

3.3. Construir no Desterro: O *Inbetweener*

A sequência destes três elementos urbanos (i.e. a Avenida Almirante Reis, o antigo Hospital do Desterro e o bairro da Colina de Sant'Ana) que evoluíram em conjunto na História mas acabaram por se emancipar para ambientes sociais isolados, sugere uma intervenção reconciliadora e catalisadora, entre a dimensão pública da Avenida, a indeterminação do antigo Convento e as colektividades dos bairros adjacentes.

Embora seja um exercício pontual no território, o Projecto desenvolvido pretende desbloquear os espaços urbanos e sociais que são contíguos no território, mas não comunicantes, articulando-os numa dinâmica comum que atenua o seu contraste e, assim, introduzir no Centro da Cidade mais uma possibilidade de permeabilidade de espaços no território.

Intervindo entre aquelas três estruturas urbanas, o novo conjunto de espaços dilui as esferas públicas e privadas, relacionando-as por uma função de espaços que interesse a todas, propõe-se uma estratégia de acréscimo de espaços novos que são intermédios, num contexto físico, e, simultaneamente, intermediários para o seu relacionamento: o *Inbetweener*.

*“Em Ersília, para estabelecer as relações que governam a vida da cidade, os habitantes entendem fios entre as esquinas das casas, brancos ou pretos ou cinzentos ou pretos e brancos, conforme assinalem as **relações** de parentesco, permuta, autoridade, **representação**. Quando os fios são tantos que já não se pode passar pelo meio deles, os habitantes vão-se embora: as casas são desmontadas; só restam os fios e os suportes dos fios. (...)*

*(...)viajando no território de Ersília encontramos as ruínas das cidades abandonadas, sem as muralhas que não duram, sem as ossadas dos mortos que o vento faz rebolar: **teias de relações intrincadas que procuram uma forma.**”*

CALVINO, Italo *As Cidades Invisíveis* (1972) p.86 cap. As cidades e as trocas

5. Descrição de Projecto: Processo, Método e Espacialidade

Neste capítulo faz-se a descrição dos espaços urbanos do Projecto proposto para esta dissertação. Por se tratar de um projecto que *nasce do lugar* e em algumas das suas partes se torna estritamente independente dele, pareceu pertinente descortinar, em simultâneo com a descrição da organização e ambiência dos espaços, o processo e o método usados para a análise do contexto e para a própria criação dos novos lugares.

A descrição deste Projecto começa na descrição do vazio urbano a construir na Cidade, para a descrição da *forma* mais rudimentar do novo edifício proposto. Nas fases que se seguem, o *objecto estranho ao lugar* vai-se transformando segundo uma dialética de espaços com a paisagem urbana envolvente e de acordo com a relação entre as práticas e as características das colectividades vizinhas.

Criada uma composição urbana com a paisagem envolvente e dentro do próprio Projecto, os lugares urbanos já construídos são activados por um estrutura programática *hibridada*, que por intermédio da variação vai graduando as esferas de privacidade e conciliando os elementos urbanos que são incompatíveis neste lugar (i.e. a dimensão pública da Avenida; o público e o privado de um Monumento; a dimensão doméstica do Bairro).

A gradação e contraste entre espaços colectivos e espaços

individuais pretende reaproximar a escala urbana da escala doméstica, sem no entanto continuar a distinguir a estrutura pública da estrutura habitacional.

A evolução do projecto centrou-se especialmente nos espaços domésticos e no sentido de comunidade. Considerando a alteração de conceitos nas práticas de habitar da actualidade, são exploradas no Projecto proposto as decisões tomadas relativamente a: articulações da unidade habitacional; lógica de distribuição e acessos; distinção de espaços colectivos e individuais dentro do habitat; e principalmente a subordinação dos três aos novos espaços públicos. O equilíbrio de conceitos entre flexibilidade e rigidez são determinantes para a nova figura de colectividade que se propõe alternativa entre os espaços e sociabilidades perenes na Cidade.

Antes de se proceder à introdução dos novos espaços e volumes no lugar, para a criação deste projecto é necessário entender que tipo de intervenção urbana é proposta para este lado da Colina de Sant'Ana.

As fragilidades urbanas da Colina de Sant'Ana estão fundamentalmente dependentes do seu característico isolamento, imposto pelas duas mais importantes veias urbanas do Centro de Lisboa. Para a re-activação desta zona da Cidade entendeu-se, nesta dissertação, a necessidade de uma intervenção urbana que extrapule a intervenção intra-quarteirão. A intervenção que se anuncia *Inbetween* transita entre conceitos de permeabilidade e interioridade, ruptura e fluidez, união e fragmentação, entre relações inter-dependentes com o contexto e intra-dependentes com a sua própria lógica interna.



53. O intervalo entre o Convento e a Colina e de Sant'Ana.
fonte: Fotografia de autor

Para compreender este projecto construído num lugar de tensões urbanas sequenciais (i.e. a Avenida; o Monumento; o Bairro) é importante considerar a estratégia *Inbetween* não só para as questões até aqui anunciadas na dissertação, mas para as próprias relações entre espaços.

Procura-se uma estratégia intermédia para um lugar intermédio entre três fortes elementos urbanos (i.e. a Avenida Almirante Reis, o Convento do Desterro, o Bairro da Colina), debate-se, durante o processo de criação de espaços, fundamentalmente configurações espaciais duplas, determinadas ou indeterminadas, entre permeabilidade e flexibilidade, desenho aberto e fechado, articulações rígidas e flexíveis.

É fundamental entender nesta proposta a construção de espaços que não são nem totalmente permeáveis e mutáveis, nem totalmente herméticos e introvertidos, estão articulados pelo intermédio de cada pólo.

Este novo *objecto* que se encontra no epicentro de tensão entre *entidades urbanas* divorciadas entre si e da Cidade, como é o caso do Desterro, terá que construir um discurso paradoxal, entre o plurívoco e o determinado. O *Inbetween* pretende chegar ao compromisso entre uma geometria limada imposta nos conflitos do lugar e um encadeamento de espaços diluídos na *dinâmica ecológica da Cidade*.

Propôr o vazio

Como mencionado na página 85 desta dissertação, a evolução das estruturas residenciais pelo território disponível na Colina de Sant'Ana acabou por ultrapassar os limites de um intervalo soberano que separe o Monumento do Bairro.

Para criar as condições onde se possa cumprir a dualidade das características espaciais atrás enunciadas, a primeira abordagem ao lugar terá que inicialmente integrar um processo de *construção de um vazio*, que torne o lugar permeável, e só depois passar à proposta de um *cheio* matérico.

A transposição de barreiras urbanas para o re-desenho do vazio urbano a construir oferece a possibilidade de uma reconciliação mais significativa entre uma maior extensão de espaços urbanos. Neste caso tornou-se fundamental resgatar o intervalo que separa as entidades urbanas do Desterro, ligando-o com a Cidade, uma vez que se considera neste Projecto a “reconciliação”, a “activação” e o “*re-link*” como o principal objectivo e a pertinência desta intervenção.

Demolir para construir cumpre a dinâmica entre Constância e Mudança que revitaliza o Centro. Entre passados dispensáveis e indispensáveis, constrói a ordem aberta de Lynch, é coerente ao fenómeno contínuo do *palimpsesto* das cidades de Andrea; para o qual propõe a criação de novos significados, substitutos, sobrepostos, acrescentados, de Brandão, e garante uma margem flexível da evolução da Cidade (comum a todos os autores).

Por isso, na *construção do vazio* no quarteirão do Desterro fez parte a ponderação da substituição de significado e matéria,

DESCRIÇÃO DE PROJECTO PROCESSO, MÉTODO E ESPACIALIDADE



64. Planta de edificios a demoler.

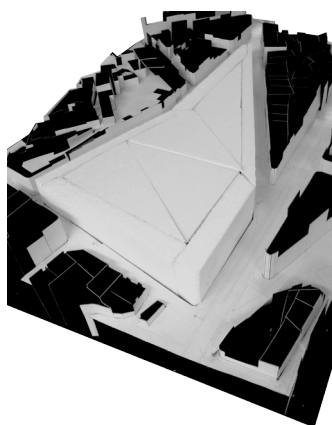
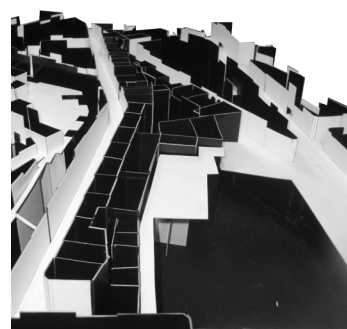
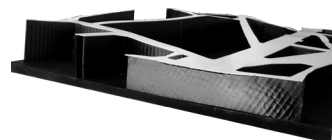
tanto do Convento como das construções residenciais que fecham o quarteirão, em separado ou simultâneo. A ausência de ambos vai informando a condição existencial para o sentido deste lugar ou, neste caso, para o sentido do Património.

Propõe-se no projecto, a demolição de obstáculos em pontos urbanos chave para a ligação entre as entidades urbanas, sem no entanto alterar o seu sentido da paisagem, entre elas: o conjunto edificado residencial construído por último no quarteirão do Desterro da Rua Capitão Renato Batista, que, embora seja o edificado mais estreito no lugar (12 metros largura) assume-se como a barreira mais clara entre o bairro da Colina e o Convento; o edifício residencial devoluto no lado Este, a norte do Convento, determinante para a permeabilidade do quarteirão com a Avenida Almirante Reis; e, por fim, propõe-se a devolução da figura limada, original, do antigo Convento do Desterro, a partir da demolição dos acrescentos construídos em torno da figura principal.

Propôr a matéria

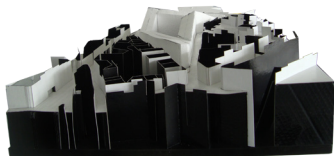
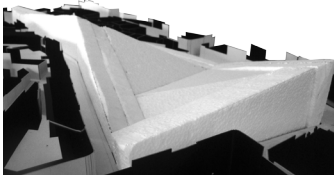
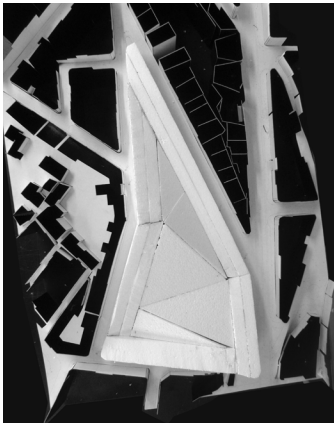
Entre a construção existente e a nova ausência dela, surge inevitavelmente a *imaginação material* ⁷¹. Ainda sem qualquer reestrição, o novo vazio re-cria-se em matéria, começando por completar a sua dimensão bidimensional total e acoplando as pré-existências entre si, acaba por se extrudir num novo objecto tridimensional, cuja altura se estabiliza por bom senso ao lugar.

Embora seja conceptual e abstrata, esta matéria surge-nos com uma sugestão de sensação ao tacto, de côr, de atrito. A imaginação de uma condição *mole ou dura* deste objecto



65. Paisagem Natural **66.** Paisagem construída **67.** Novo objecto entre ambas
fonte: Maquetas do autor

71. BACHELARD, Gaston. A Terra e os Devaneios da Vontade ensaio sobre a imaginação de forças. p.51 sobre a Matéria íntima das Coisas



68. 69. 70. 71. e 72 - A experiência do espaço simula uma sequência rítmica na paisagem, em volumetrias que se entendem contínuas, e que relacionam numa única dinâmica a topografia natural e a topografia artificial.
fonte: maquetas do autor

72. BACHELARD, Gaston. A Terra e os Devaneios da Vontade ensaio sobre a imaginação de forças. p.55 sobre a Matéria Íntima das Coisas

73. Idem p.55

74. "a matéria é um centro de sonhos" Ibidem p.55

é curiosamente determinante para a criação de um carácter comum aos espaços mais tarde criados.

Sobre a imaginação inevitável das características de um objecto abstracto que antecipa o edifício é interessante evocar o ensaio de Gaston Bachelard (1948) sobre a *construção da obra de arte* onde se relaciona a condição de *moleza ou dureza*⁷² imaginadas e a expressão dos traços que nelas surgem das investidas do criador.

Do que poderia parecer inocente da metaforização do vazio tridimensional (*a massa/o pudim*)⁷³ vai depender a resposta que imaginamos desta matéria às nossas vontades, da qual resulta o próprio carácter do traço e o *tom* do diálogo que mantém com a paisagem envolvente.

"O carácter da dureza que provoca o desejo de domínio sobre a geometria da massa, a sua imagem não pode permanecer tranquilamente nas coisas, começam os devaneios da vontade humana e exercício da sua força"⁷⁴.

Do carácter duro imaginado no novo objecto entre a Avenida Almirante Reis, o Convento do Desterro e o bairro da Colina, surge o traçado, entre cortes longos e profundos, de percursos, espaços públicos e volumetrias contínuas, e os recortes fortes e irregulares de cantos e recantos, mais ou menos expostos, com mais ou menos sombra, de um habitar mais privado da cidade tradicional. Um cenário irregular mas fluído, vivido em profundidade ou à superfície, de encontros e desencontros mais ou menos surpreendentes, nos percursos que se cruzam, fluem ou terminam abruptamente. Faz assim parte da descrição do centro da Cidade de Lisboa e da própria Colina, e imagina uma Cidade construída num sólido só, lacetado para se esculpir numa paisagem natural.

***(in Between Space)* Lugar de relação**

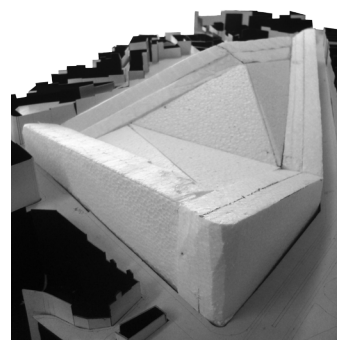
O objecto que se deixou heremético tem por obrigação evoluir para uma solução que cumpra o dever básico de integração num contexto urbano, e ainda o dever existencial de se tornar numa solução para o reconciliar, seja em forma, seja em sentido, social ou espacial.

Nesta fase do projecto o processo de transformação da matéria orienta-se para a criação de uma leitura contínua entre formas novas em espaços antigos.

A integração plástica do novo objecto depende principalmente de uma perspectiva da paisagem não estática ou analítica, *mas dinâmica*⁷⁵. A experiência do espaço simula uma sequência rítmica na paisagem, em volumetrias que se entendem contínuas, e que relacionam numa única dinâmica a topografia natural e a topografia artificial. Por se tratar de uma perspectiva subjectiva da experiência do espaço, deduz-se na sucessão de imagens pulsionais que moldam este Projecto à paisagem, uma orientação de construção de espaços fortemente intuitiva.⁷⁶

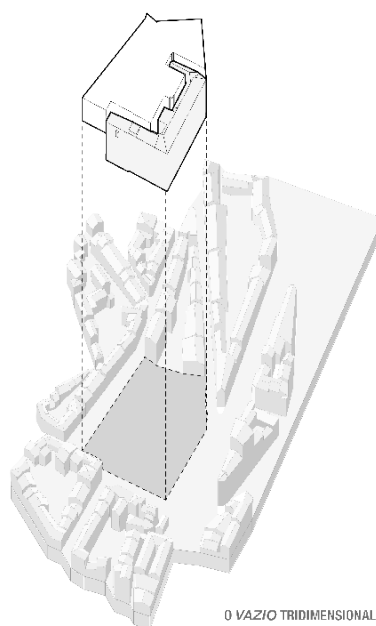
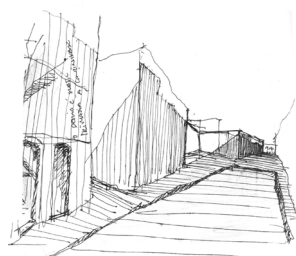
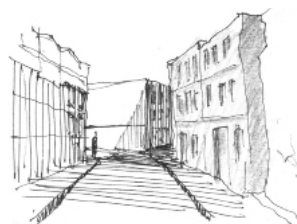
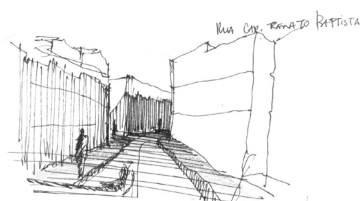
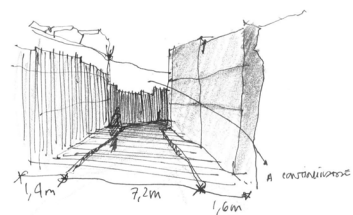
Contraindo-se ou expandindo-se, o volume começa por se libertar da inicial forma extrudida do *limite máximo de ocupação*. Enquanto liberta o espaço que se acrescenta à envolvente, criam-se os primeiros espaços públicos partilhados com o contexto, sugerem-se os pontos da estrutura mais permeáveis à paisagem e os principais acessos para os espaços do seu *interior*.

No redesenho dos limites do Projecto criou-se um intervalo entre o novo volume e o antigo Convento. Tratando-se do percurso

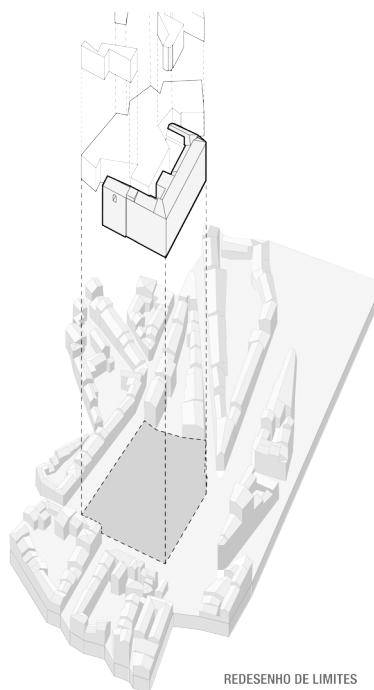


76. "Intuition is the undoubting conception of an unclouded and attentive mind, and springs from the light of reason alone; it is more certain than deduction itself in that it is simpler" René Descartes <http://plato.stanford.edu/entries/rationalism-empiricism/>

Nota: É importante esclarecer que esta intuição não é determinante imediata das decisões espaciais. Os espaços têm uma função e a adequação simultânea de um a outro implica o ajuste, o re-dimensionamento, o domínio de um *drive* intuitivo para a racionalização e um compromisso interessante entre expressão e função. De facto existe a procura de harmonia e equilíbrio segundo noções de subjectividade, mas das proposições adquiridas pela experiência sensória no lugar - intuição - vão decorrer as respectivas conclusões lógicas - dedução - para construir espaços de habitar (elaboração do conhecimento científico segundo Descartes). Sobre arte e arquitectura, está claro onde diverge o processo e a intenção.



O VAZIO TRIDIMENSIONAL



REDESENHO DE LIMITES

73. 74. 75. 76. 77. - Estudos para a Rua Capitão Renato Batista: o contacto com as pré-existências e o novo espaço de convívio.

fonte: desenhos do autor

principal que conduz o exterior ao interior do quarteirão, este espaço faz a transição entre a Avenida Almirante Reis e o claustro do Convento, cujas cotas altimétricas distam 12 metros de diferença.

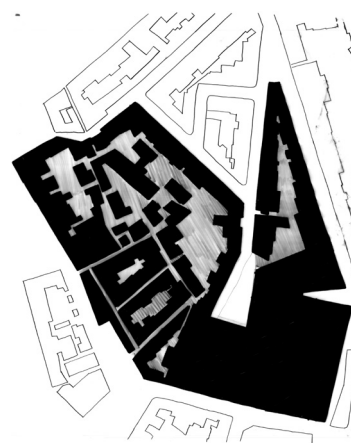
Em torno da antiga estrutura conventual, *descola-se* ainda o novo volume do vestíbulo do Convento identificado por um volume independente a Sul. O intervalo entre ambos torna-se no acesso Sul do bairro ao interior da *megaforma*, no momento de chegada e antecipação para começar a entrar dentro das teias da nova proposta.

A Oeste, a substituição do edificado da Rua Capitão Renato Batista possibilita um novo espaço livre comum às casas vizinhas, que sirva de reunião e partilha de práticas. Assim, o espaço entre as duas frentes de rua é ampliado até configurar uma *bolsa* que incite o convívio entre os dois quarteirões.

No contacto a norte entre o volume novo e a pré-existência traçou-se ainda um percurso axial no projecto, que o corta e o sub-divide segundo um eixo norte/sul, desenhando um percurso que transita entre a cota mais alta do bairro da Colina e a cota inferior da Avenida Almirante Reis.

Este eixo distingue no Projecto duas sub-estruturas, a Este e Oeste, que se relacionam com duas realidades urbanas distintas no contexto: a vida pública da Avenida a Este e a vida doméstica da Colina a Oeste.

A permeabilidade à dinâmica pública da cidade de uma das estruturas dilui-se na privacidade da vida doméstica da outra, acoplando assim as três entidades urbanas principais (i.e.



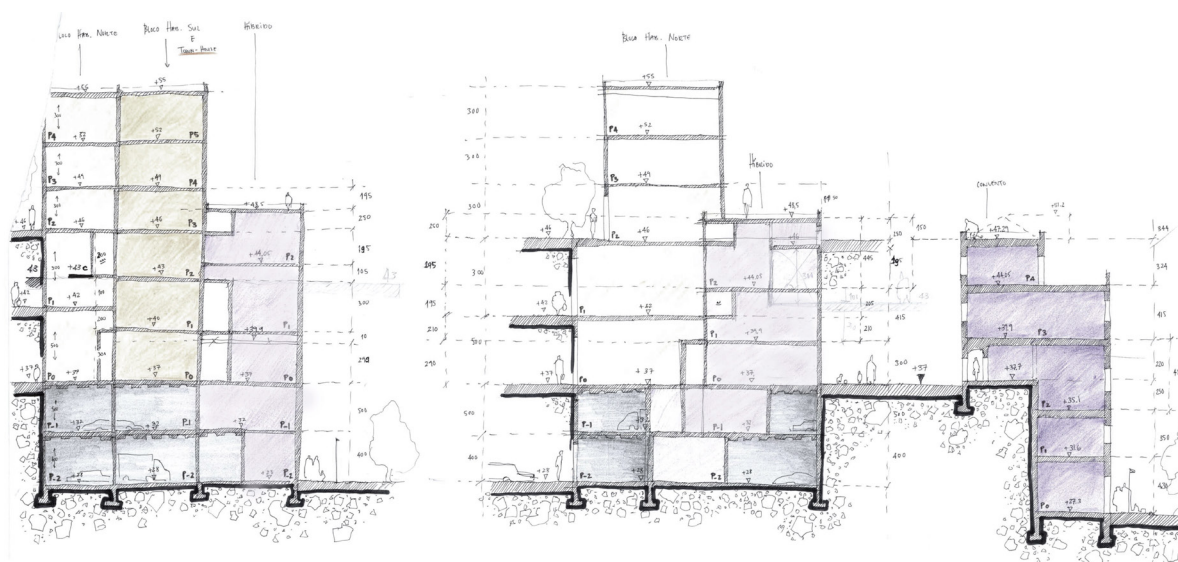
78. Estudos para a Rua Capitão Renato Batista: uma *bolsa* entre os dois quarteirões

fonte: desenhos do autor



79. Estudos para as duas sub-estruturas a Este e a Oeste.

fonte: desenhos do autor



80. Estudos do contacto entre as cotas do Convento (roxo), a sub-estrutura pública (violeta) e a sub-estrutura habitacional (amarelo e branco).

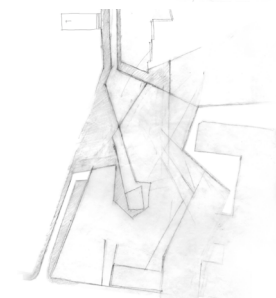
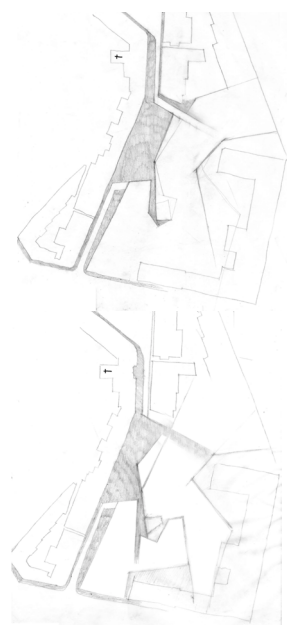
fonte: desenhos do autor

Avenida, Monumento, Bairro) e fundindo a escala urbana da cidade com a escala de um mega *edifício cosmopolita*.

Para além de diferenças entre esferas de privacidade, os pisos da *sub-estrutura* mais pública (que estabelecem uma dialética directa com a estrutura conventual) coincidem com as cotas dos pisos do Convento mas não são coincidentes com as cotas da estrutura de *habitar*, a Oeste. No contacto entre as duas realidades encadeia-se assim um choque vertical de acessos, interditos e/ou só visuais, que não comprometem os requisitos de privacidade das distintas funções, diluindo-se através de elementos que anunciam a transição, seja por re-configurações espaciais, seja por transições de luz e sombra ou pelos degraus que, mais curtos e rápidos ou lentos e contemplativos, vencem a diferença de cotas.

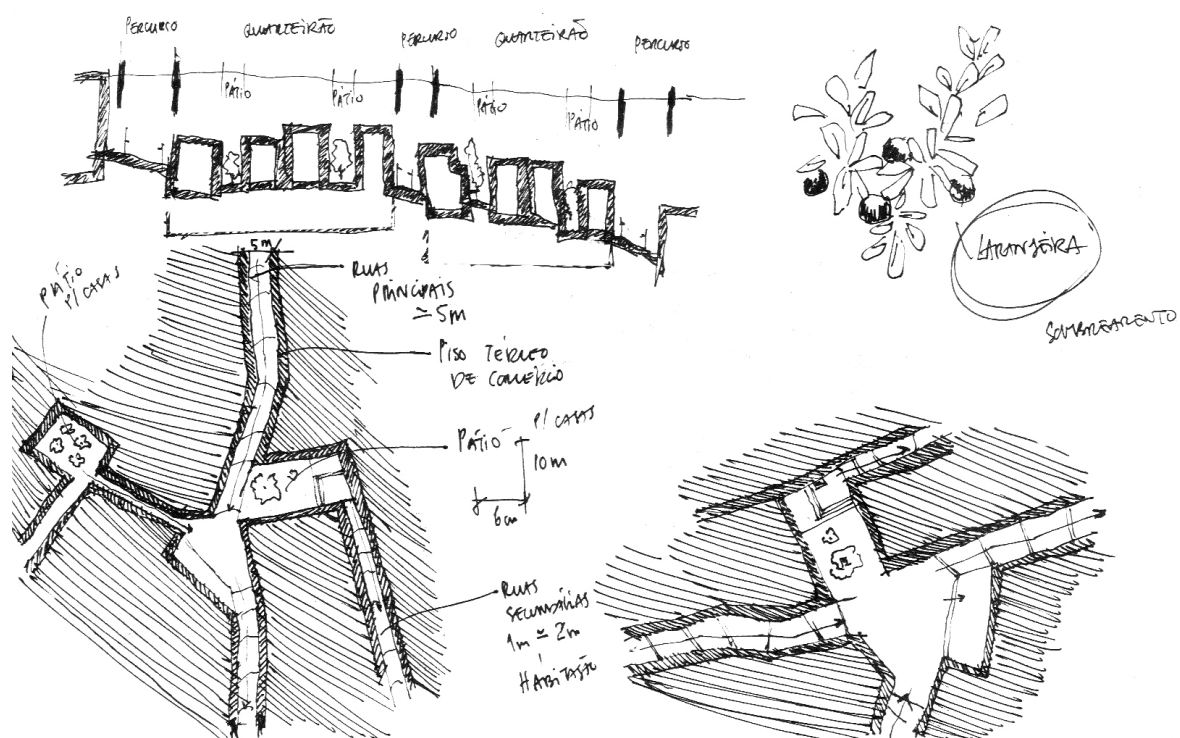
Ainda sobre a transformação dos limites da forma para a reconciliação entre espaços, constatou-se na estrutura que se relaciona com a escala doméstica da Colina de Sant'Ana a Oeste, uma particular exigência de reciprocidade entre os novos espaços e os espaços construídos, e uma incidência maior de trabalho sobre estas formas.

Criou-se então uma estratégia de transformação dos espaços que, por um lado, se aplique ao conjunto dos novos espaços e sub-entenda um encadeamento lógico entre eles (sobre *inflexão em arquitectura*, Robert Venturi 1995), e que por outro lado ofereça diferentes graus de permeabilidade espacial entre o volume do lado Este, mais público, do projecto e o volume do lado Oeste, mais privado.



81. 82. 83. e 84. Estudos da deformação sobre a *sub-estrutura* a Oeste.

fonte: desenhos do autor



85. (Alhambra, Bairro Albaycin) Identidade: a relação entre a paisagem natural e o espaço construído; a topografia, os percursos e os largos, a luz e a sombra, a casa, a morfologia e a laranjeira.

fonte: desenhos do autor

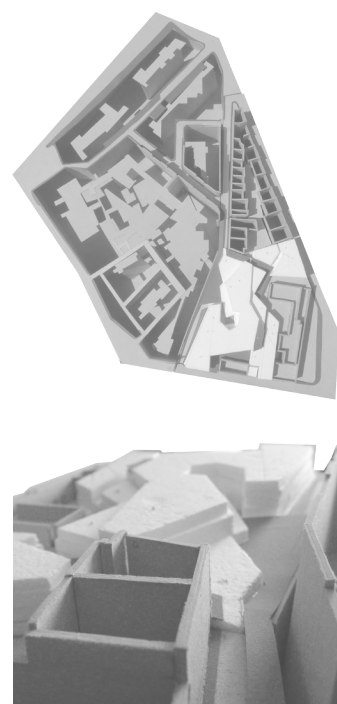
A *deformação*, a *inflexão*, provocada na geometria dos novos espaços, tornou-se num instrumento para provocar uma simultaneidade e uma reciprocidade espacial neste Projecto. Os espaços que se relacionam e se moldam por o que parecem ser deformações por reacção à tensão entre eles, “*transitam entre uma geometria imposta no lugar e uma cedência (geométrica) à dinâmica das formas*”⁷⁷ do contexto”. Embora se destaque na paisagem, o Inbetweeneer molda-se assim a um ponto de equilíbrio entre os quatro elementos urbanos que os relaciona em diferentes graus de deformação. Descontextualizado perderia o sentido do seu traçado. Isolado seria anómalo.

(in Between Place) no Lugar para construir Lugares

Entre Entidades Urbanas

Até aqui fomos procurando uma dialética que relacione o contexto espacial construído e a nova estrutura proposta, transformando os limites dos novos espaços da última em função da integração espacial com a primeira.

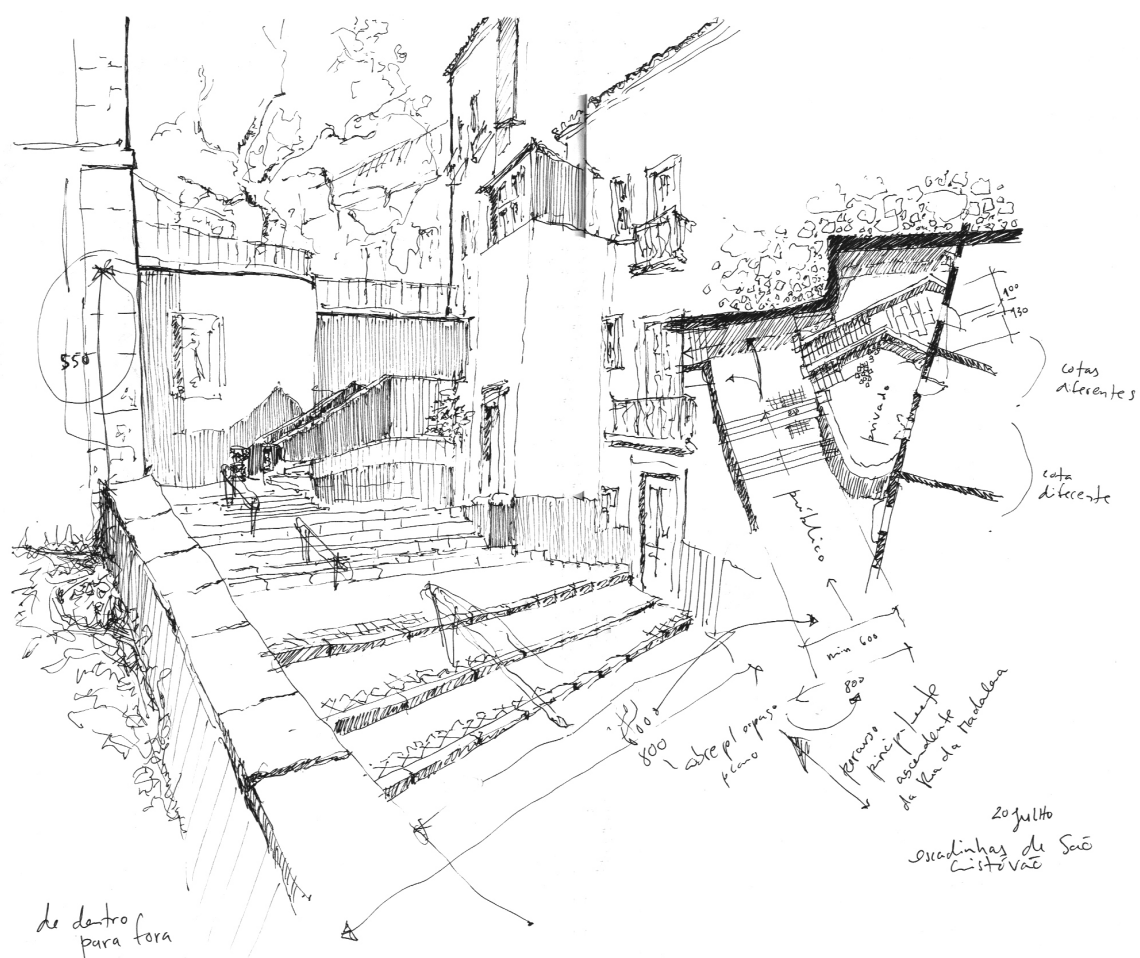
Nesta fase o Projecto evolui para um encontro com o contexto cultural. Dentro do novo objecto ainda impessoal, começam-se a introduzir os elementos urbanos que compõem os espaços sociais⁷⁸ e as identidades da Cidade. Nesta fase os espaços são lugares de práticas e de interacção social, recriados segundo novos programas que activem o lugar, e segundo as novas fronteiras de privacidade que concilie tanto o desejo da sociedade actual como o desejo da Cidade clássica.



86. e 87. Dialética de espaços e formas, entre o *Inbetweeneer* e o contexto construído.
fonte: maquetas do autor

77. BORIE, Alain; MICHELONI, Pierre; PINON, Pierre; *Forma y Deformación de los objetos arquitectónicos y urbanos* p.55

78. *L'espace (social) est un produit (social)* LEFEBVRE, Henri *La production de l'espace* (Paris: Anthropos 1974) pp 35 e pp 48



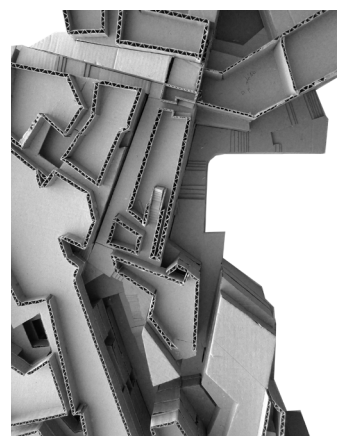
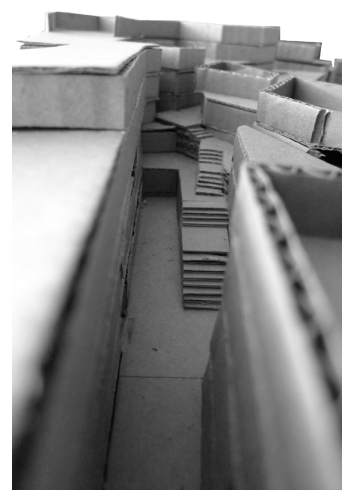
88. Articulações entre espaços de convívio e de passagem. Escadinhas de São Cristovão: do espaço de circulação ramificam-se pequenos espaços irregulares que, por degraus ou uma linha quase invisível, começam a introduzir no espaço público uma esfera mais privada. Antecipam e servem a porta de casa.

fonte: desenhos do autor

- Os Percursos

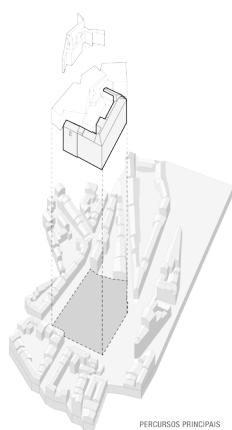
Entidades urbanas protagonistas na leitura da Cidade, têm um papel particularmente relevante na Cidade mediterrânea, onde os próprios ordenam o território enquanto desbravam a acentuada topografia. Os percursos não são a característica mais recordada da Colina de Sant'Ana mas são os principais intervenientes no seu carácter singular. Seja na dissipação do som, seja nas transições de luz e sombra, na volumetria compacta, ou nas relações de proximidade com a paisagem, os percursos constroem uma percepção de continuidade em simultâneo com a topografia que cortam segundo uma orientação precisa ou num traçado irregular.

A rua, que na Cidade tradicional não servia apenas como um meio de circulação e acesso mas servia uma arena para expressões sociais, são no novo projecto um dos principais veículos para o encontro e interacção. São recriadas para a actualidade como espaços em *rede* de inter-comunicações cruzadas, onde o relacionamento se faz por contacto directo, em movimento e pausa. Estes percursos que vão variando em dimensão são propostos como os actuais espaços públicos de partilha onde se combina a velocidade, a inquietude, a exposição e a surpresa de encontros fugazes inesperados, característicos dos espaços actuais de interacção social. O espaço público torna-se assim numa construção edificada à medida que, sobre uma topografia edificada se vão escavando estes espaços sociais.

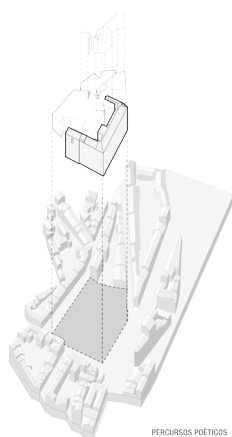


89. O percurso axial 90. O percurso axial e extensões para percursos que atravessam os volumes 91. Os espaços de transição para o *cluster*.
fonte: maquetas do autor

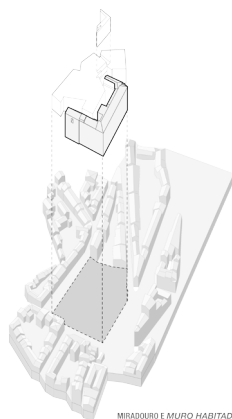
DESCRIÇÃO DE PROJECTO
PROCESSO, MÉTODO E ESPACIALIDADE



PERCURSOS PRINCIPAIS



PERCURSOS POÉTICOS



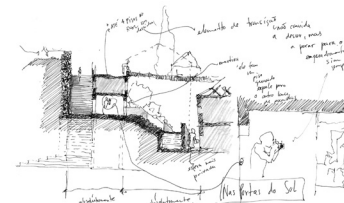
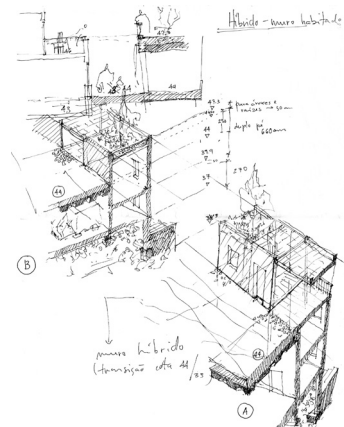
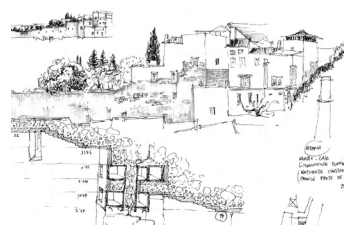
MIRADOURO E MURO HABITADO

Também para a nova proposta de percursos se considera a distinção entre o traçado de orientação precisa e o traçado irregular identificados na Colina, identificados respectivamente como, estratégicos e poéticos. Os percursos estratégicos, que cumprem o vencimento directo de distâncias, são subtraídos no volume em toda a sua altura. Por seu lado, os percursos poéticos, permitem a transição entre espaços, que, subordinados à dinâmica das formas, orientam dentro do projecto, num caminhar mais lento e surpreendente, enquadrando o Convento e a Cidade em fugas para o exterior.

-A Topografia e o Miradouro

A definição de uma arquitectura *Landform* pressupõe a fusão da volumetria do contexto natural com uma topografia artificial acrescentada, onde se esconde um *organismo vivo* e se articulam os espaços urbanos para o *habitar*. Estes espaços escavados em toda a profundidade constroem uma interioridade urbana em *layers* topográficos que sobrepõem os espaços com volumetria desencontradas. Tal como noutras Colinas de Lisboa, deambulamos sobre uma paisagem construída, confundimos edifícios com muros, fundimos o natural e o artificial e habitamos os topos.

O percurso axial do projecto onde comunicam as duas *sub-estruturas* a Este e Oeste materializa-se neste **muro habitado** de uma topografia edificada. A sua imponente e simultânea descrição orienta o percurso principal que parte a Este, estreitando-o entre a sua verticalidade monumental e o ponto de charneira entre o Convento e o claustro. No topo do *muro* estende-se em todo o seu comprimento um espaço livre



92. 93. 94. e 95. O miradouro; a topografia e o muro habitado descoberto em corte

fonte: desenhos do autor

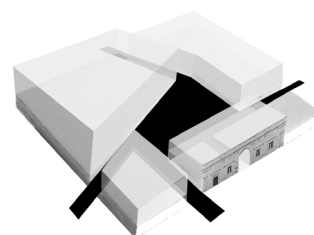
DESCRIÇÃO DE PROJECTO
PROCESSO, MÉTODO E ESPACIALIDADE

público confundido com o percurso que o atravessa. Sendo um dos pontos mais altos, debruça-se sobre o Convento e estende-se para a Cidade, como um miradouro se estende ao Tejo. A nova proposta com o lugar vai-se identificando cada vez mais com a Cidade onde se constrói.

-Praça

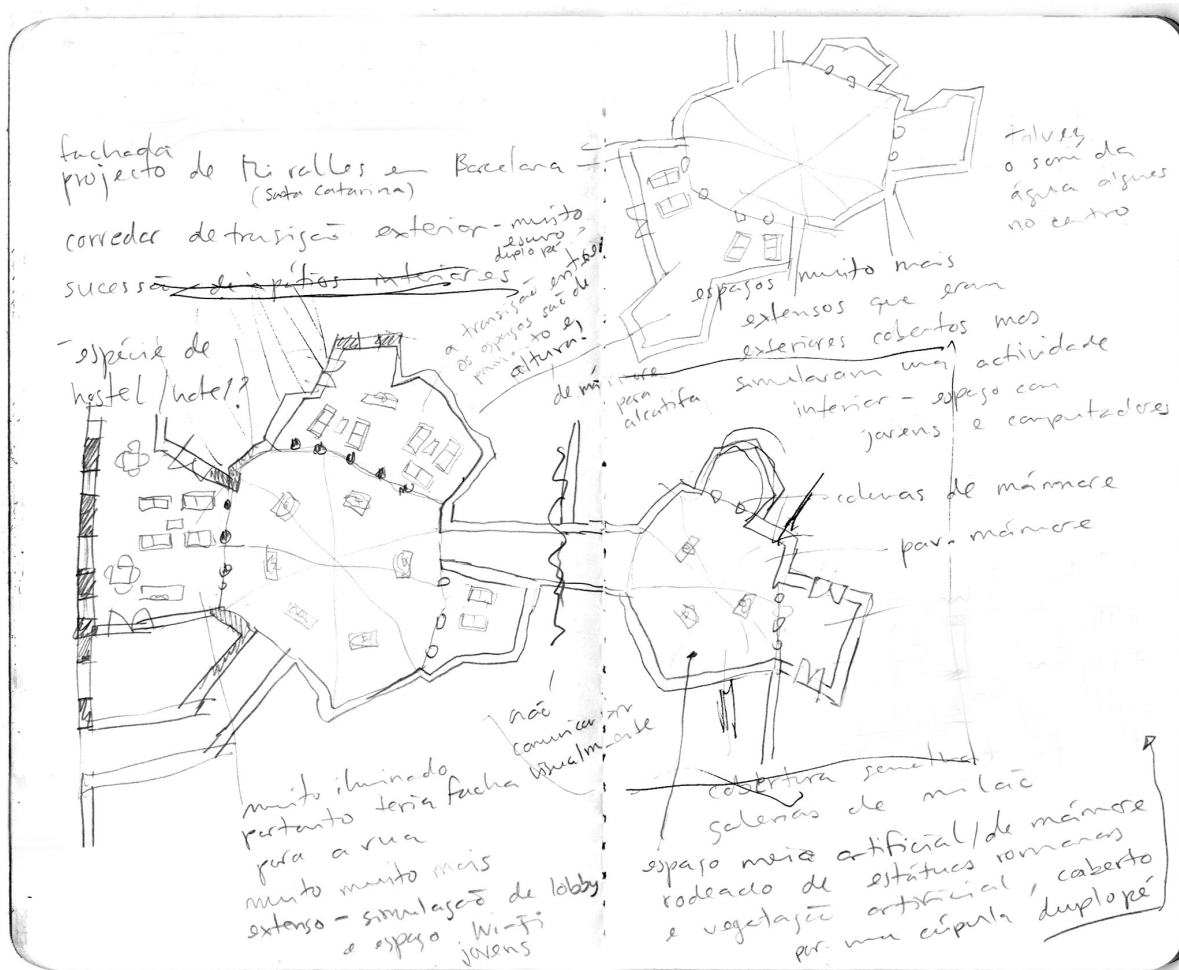
A praça no seu significado tradicional perdeu sentido para actualidade. A praça fazia sentido quando se associava a uma prática específica, a interação pública decorria destas actividades em comunidade. Sem significado de uso a praça deixa de conseguir manter-se um lugar de interacção e clássico palco de cidadania. A praça é uma tipologia demasiado pública, demasiado óbvia, demasiado exposta, e simultaneamente intimidante para cumprir-se enquanto veículo de expressão pública da sociedade actual que sobrevaloriza a esfera privada para a experiência da expressão pública. A praça ou o pátio aproximam-se mais do espaço que se procura hoje na Cidade, a praça é de passagem, do ordenamento urbano clássico do território, para o turista e para a esplanada impessoal.

Talvez se assemelhe a uma praça o espaço que sobrou a Sul entre o vestibulo do Convento e a *sub-estrutura* do Inbetweeneer, cumpre as configurações da *tipologia Praça* de Rob Krier (*Town Spaces. Contemporary Interpretations in Traditional Urbanism 2003*) mas nem o uso nem a área nem a relevância urbana a definem como tal. É um *nártex* que antecipa a dinâmica do *catalisador*, um trampolim para os espaços articulados em rede da nova urbanidade. Tem banquinhos e esplanadas, vitrines e árvores esguias em canteiros, mas trata-se de uma pausa urbana, um meio para chegar a vários fins e não o contrário.



96. O espaço que se desenhou a Sul entre o vestibulo do Convento e o novo edificado.

fonte: diagrama do autor



97. O cluster: relação entre a morfologia dos espaços, fronteiras entre espaços exteriores/ interiores/ semi-interiores; em planta

fonte: desenhos do autor

-O Cluster

Neste projecto denomina-se por *cluster* um novo espaço urbano e social, recriado para a lacuna espacial e social entre a rua e a porta de casa - o flagrante contraste entre a gradação de esferas de privacidade dos espaços da Cidade tradicional e a imposição de esferas da Arquitectura actual.

O *cluster* introduz-se dentro da nova composição urbana como um novo elemento urbano catalisador entre a escala urbana e a escala privada, acrescentando um filtro espacial que os re-aproxima por gradação da esfera de privacidade e reciprocidade de práticas entre interior e exterior.

Infligido directamente na matéria, a ela subordinado e articulado a seus semelhantes, o *cluster* não tem uma configuração tipológica. O espaço (ou o conjunto de espaços) varia segundo esta relação de proximidade entre *clusters* e a relação de reciprocidade entre configurações exteriores, como o contexto ou a composição geral da mega-estrutura.

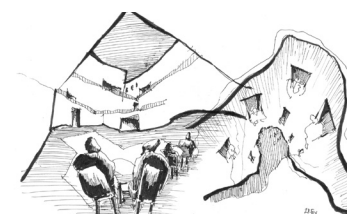
Por promover um estado de permanência no seu *interior*, o *cluster* não é considerado um espaço de transição. As diferenças entre dimensão, acessibilidade e práticas não o classifica como uma praça. O **significado** das suas configurações varia entre o pátio e a praça que reconhecemos na cidade tradicional; de forma alguma se identifica com um saguão, uma vez que por princípio o seu piso térreo é o espaço central de encontro e interacção entre vizinhança.

O *cluster* faz parte de uma estratégia reconciliadora entre a Sociedade actual e a Cidade tradicional, a rua e a porta de casa, provocando um intervalo intencional onde as duas se



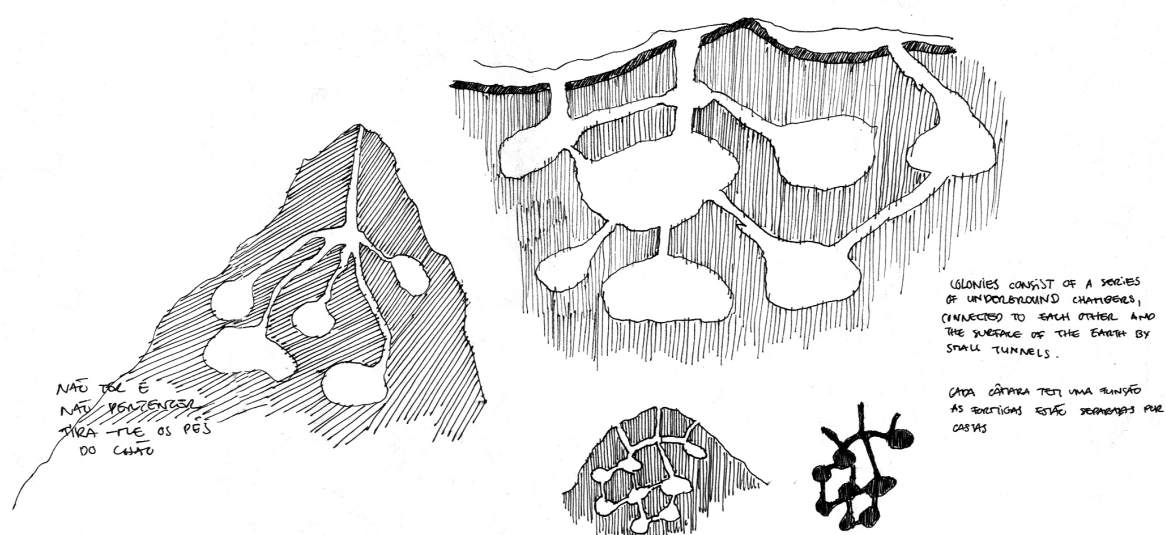
98. Entre a rua e a porta em Alfama. Nos espaços da Cidade que consideramos tradicionais convergem-se as antigas cenas de práticas e interacções sociais de uma comunidade cristalizada no tempo.

fonte: desenhos do autor



99. Entre a rua e a porta de casa. ESpaços da Cidade Tradicional e ESpaços onde vive a Sociedade na actualidade.

fonte: desenhos do autor



100. Analogia entre a estrutura de espaços do formigueiro e a articulação entre espaços de *cluster*. Entre o desenho do espaço interior vazio e o seu reverso para o espaços construído (em preto) percebe-se a diferença entre o *cluster* do Team X para a sociedade do pós-guerra e o *cluster* para a actualidade.

fonte: desenhos do autor

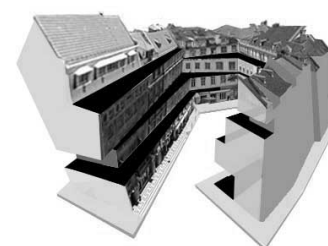
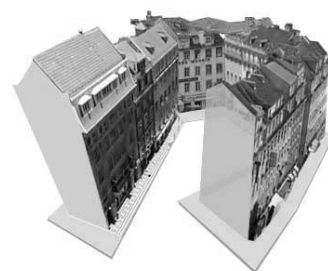
relacionam. É de uma estratégia catalisadora, introduzindo um novo elemento urbano no Centro da Cidade tradicional e um novo ritual para as práticas actuais de *habitar* em sociedade.

O conjunto de novos espaços cria uma nova figura de colectividade, intercalam e indeterminam o que poderia ser uma definição pública e privada da esfera dos espaços, reunindo dentro dele as expressões da vida doméstica privada partilhadas com a vida colectiva do bairro.

A expressão do *Cluster* para o contexto urbano foi introduzido pela primeira vez enquanto proposta para uma nova *figura de colectividade* nas estratégias para o habitar no pós-guerra, desenvolvidas pelo Team X (1953-1981). Este *cluster* era proposto como o oposto positivo ou matérico do *cluster* re-inventado actualmente. Nestes *clusters* as células do *habitat* reuniam-se em pequenas comunidades como bagos de uvas segundo os mesmos *caules*, o *stem*.

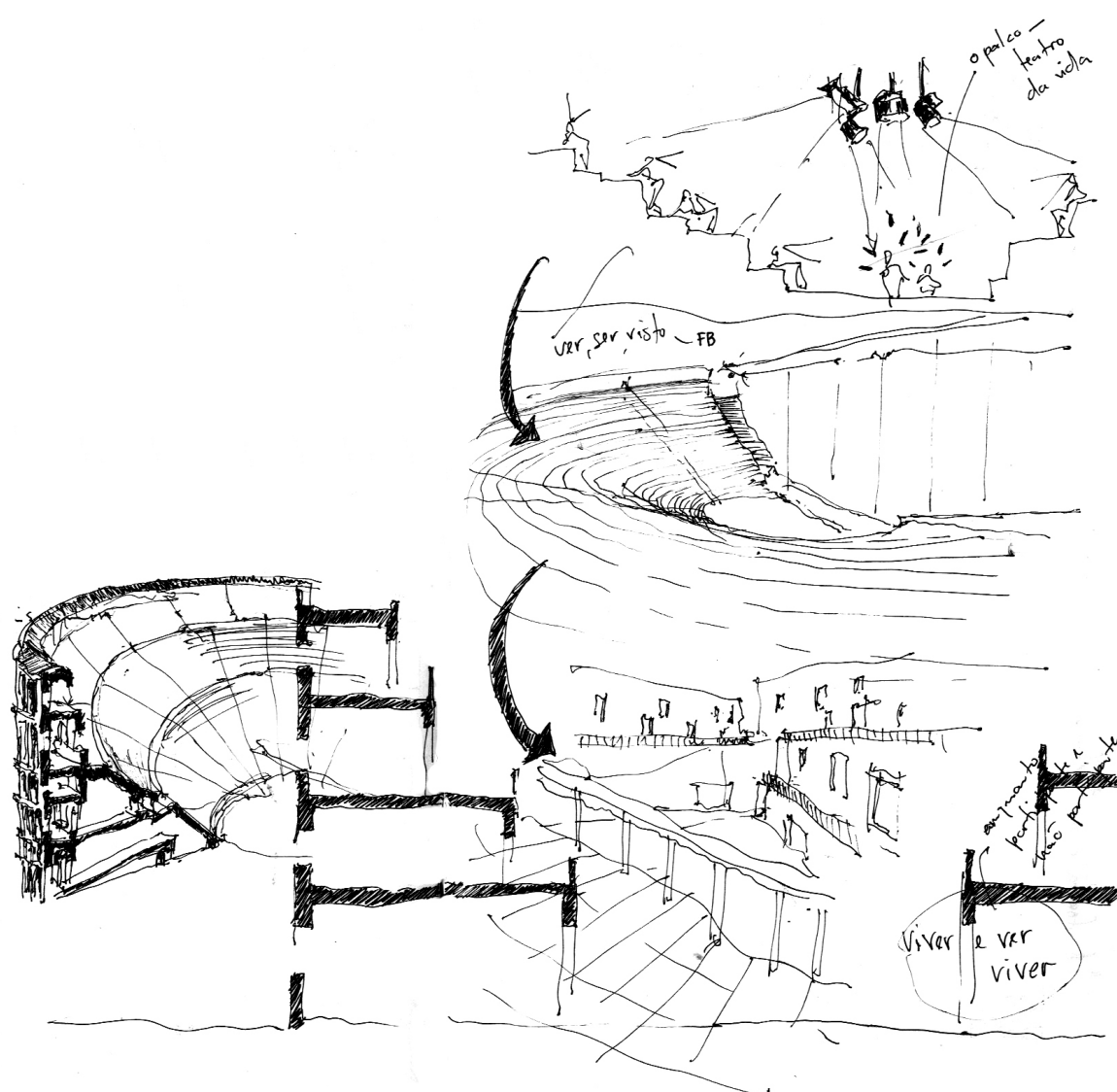
Embora sejam materialmente o oposto, os novos *clusters* que agora re-inventam os espaços de sociabilização da cidade tradicional para a nova emergência de um **vazio** urbano sociabilizante da sociedade actual, têm em comum com estes *clusters* materializados o sentido subjacente à palavra “**gather**” e a sua tradução para uma nova colectividade urbana que se reúne em torno de um núcleo comum.

O *cluster* re-cria a estrutura e dinâmica das novas sociedades organizadas segundo *clusters* de interesses e semelhança, dentro de redes sem urbanidade, e a estrutura e dinâmica da cidade tradicional organizada em torno de *clusters* de



101. e 102. Varandas comuns e um espaço entre portas.

fonte: diagramas do autor



103. "O cluster adaptado a um projecto *Landform*" - "onde se encena a confrontação pública"; "colectividade e individualidade" - O Auditório e a *Sociedade Encenadora*.

fonte: desenhos do autor

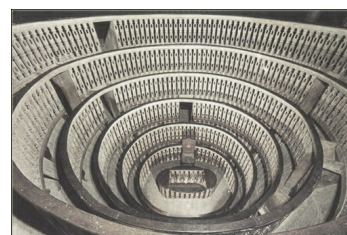
expressão social. Ambas constroem colectividades segundo princípios hierárquicos curiosamente semelhantes mas em espaços absolutamente diferentes. O novo *cluster* concilia as duas colectividades, adaptando-se às novas fronteiras de partilha entre eu e o outro. Tem, assim, por princípio, recuperar o espaço inter-relacional dos lugares inscritos na cidade e devolver a responsabilidade da arquitectura na promoção da interacção e partilha entre comunidades sociais. O *cluster* é por definição o espaço urbano, social e cultural mais representativo de uma estratégia articuladora, *inbetween*, no centro da Cidade tradicional.

O *cluster* adaptado a um projecto *Landform* desconstrói-se gradualmente em *layers* desencontradas numa sucessão vertical, diluindo o seu espaço vazio útil na expressão fluída e horizontal da *megaforma* e ampliando simultaneamente a exposição solar no seu *interior* ⁷⁹. Nos espaços sobranceiros de cada *layer* sobreposta surgem largos corredores que parecem re-criar as varandas comuns contínuas dos pisos superiores dos edifícios pombalinos e a sua versão privada, recortada por separadores quase imperceptíveis ao longo de toda a sua extensão.

Os emergentes espaços públicos da nova *Sociedade em Rede* (Manuel Castells, 1996) onde se encena a nova confrontação pública, enquanto se partilha a vida privada (Daniel Innerity, 2006), têm lugar nestas ruas/varandas/corredores que se reconfiguram a estas formas (que não têm forma mas têm ritual) substitutivas da interactividade, partilha e interesse social.



104. Pieter Bruegel The Elder, *The Tower of Babel*, 1563, Rotterdam, Kunsthistorisches Museum, Vienna
(invertido por autor)

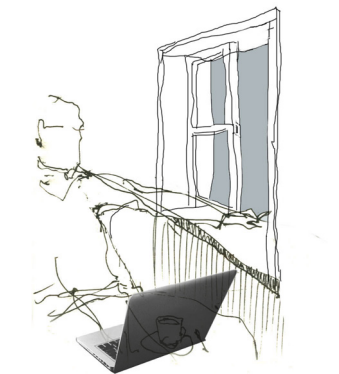


105. Teatro Anatómico, Pádua, Girolamo Frabici D'Acquapendente, 1594 (o centro em análise; o palco; o objecto de estudo)

79. "(...)a interrupção da matéria - somados ao modo como se sucede e serve o dentro - o espaço encerrado que, com a luz que o serve, conforma, alegra e anima o dentro - são a escrita do construído a sua razão de ser." Graça Dias, Manuel, *Arte Arquitectura e Cidade* p.95



Entre preversões actuais e tradicionais, ver e ser visto dentro do *cluster* reforça o sentimento colectivo da partilha entre janelas e varandas vizinhas. Entre este núcleo e o alçado exterior da estrutura, estende-se a casa e desenvolve-se a realidade privada do *habitat* onde o indivíduo habita à margem da colectividade. Tal como as novas colectividades sem cidade e a antiga cidade sem colectividades.



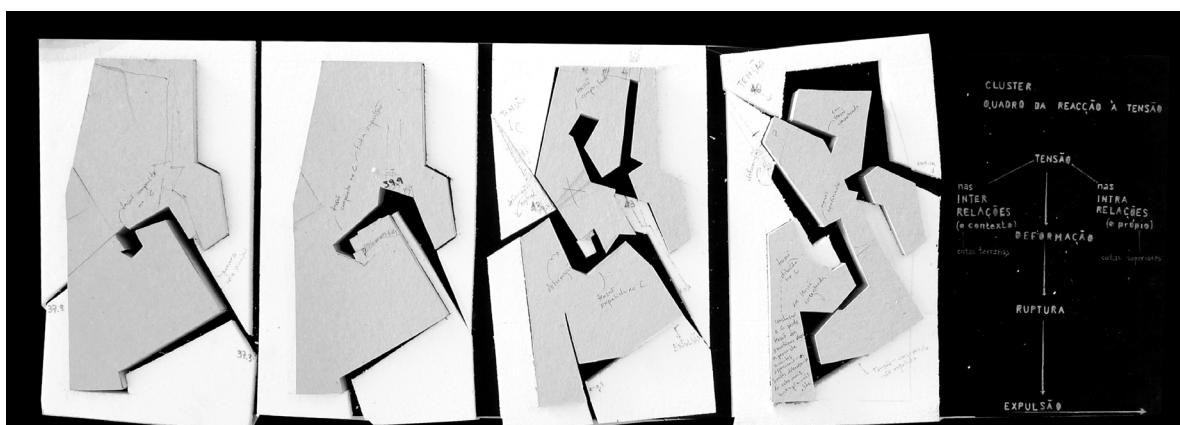
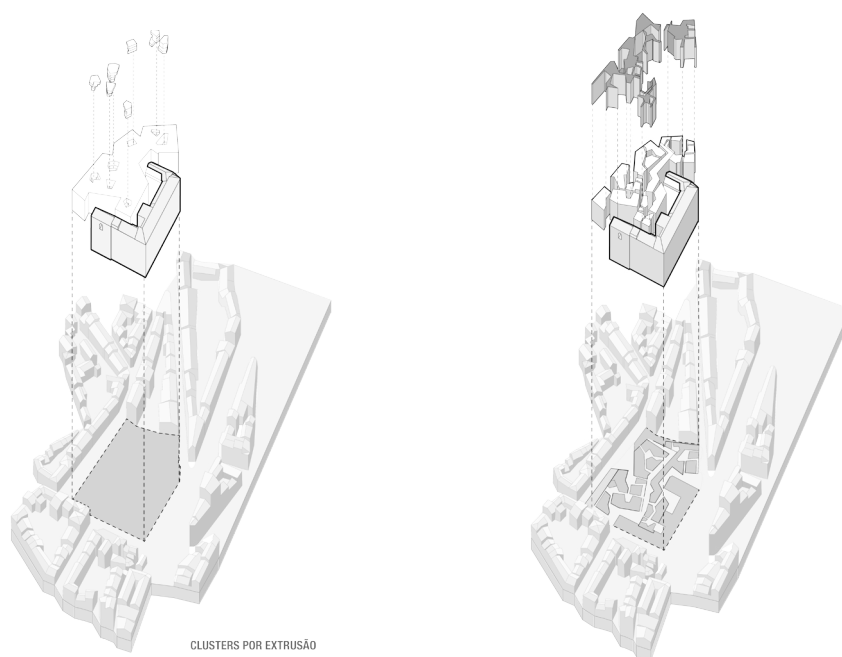
Os *clusters* dentro desta *megaforma*, articulam-se numa lógica interna independente do contexto mas subordina-se às configuração dos limites exteriores criadas no projecto até aqui.



107. 108. e 109. Entre a Sociedade em Rede e a Cidade Tradicional: os *Clusters* e as fronteiras de privacidade.

fonte: fotografia e desenhos do autor

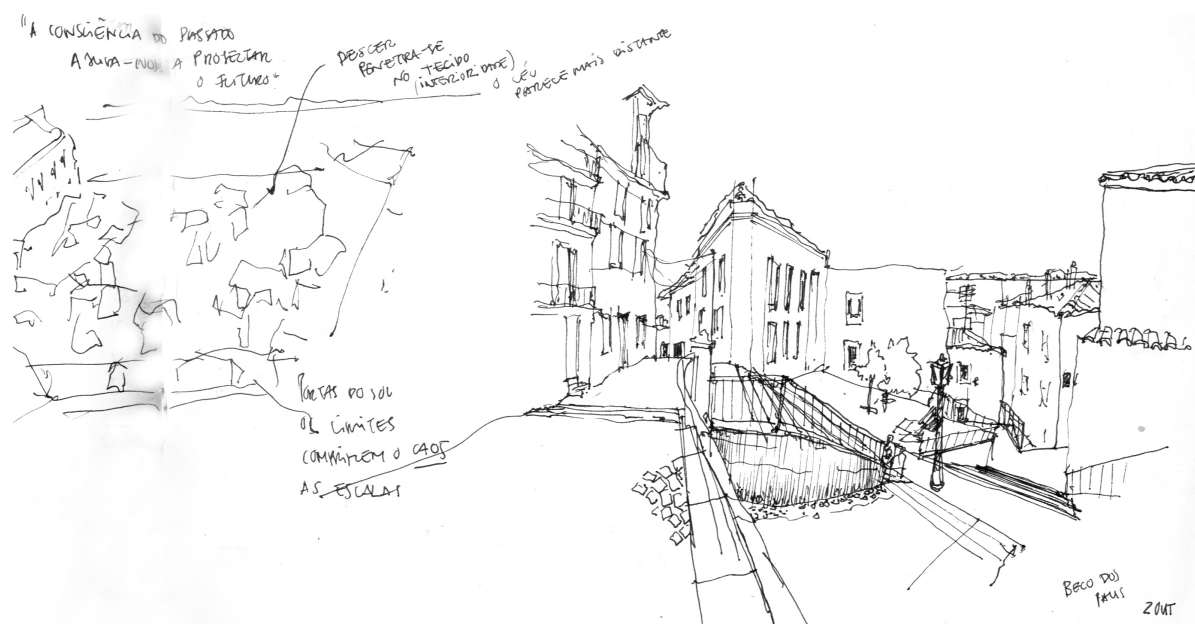
O encadeamento de deformações *intra-relacionais* e *inter-relacionais* (imagem 110) neutralizam a tensão destas imposições espaciais dentro do volume. A geometria destes espaços vazios internos expandem-se até ao limite da matéria, articulando os *clusters* a uma espécie de *organismo vivo* acabando por *expulsar* esta tensão por rupturas criadas nas fachadas e equilibrando os espaços de *habitar* no exterior. Volta-se a deformar o volume com o impulso para o exterior e estabelecer uma comunicação com ele. Assim as fachadas terminam numa composição de rupturas pontuais *deslizadas* por deformações recíprocas da *megaforma*, de acesso interdito mas sugestivo do interior para o exterior, de um *organismo simbiótico*.



110. Estudo da relação entre interior e exterior dos *clusters* na *sub-estrutura* habitacional a Este, segundo a cadeia de transformação do espaço entre: Tensão/ Deformação/ Ruptura e Expulsão nos pisos: +37; +40; +43; +46 e +49.

fonte: maquetas do autor

"(...) la amplitud (de uma cadeia de deformações) depende ante todo del grado de coherencia interna de la forma, es decir, de la intensidad o de la resistencia de las **obediencias** y de las **subordinaciones** que jerarquizan los niveles constitutivos de una forma. (...) Recíprocamente, la amplitud de una deformación permite apreciar la coherencia del sistema formal. En efecto, cuanto mayor es la coherencia, más profunda repercusiones tiene el impacto de una deformación en el interior de la forma." . BORIE, Alain; MICHELONI, Pierre; PINON, Pierre; Forma y Deformación de los objetos arquitectónicos y urbanos p. 99



111. Beco dos Paus, Alfama. "(..)entre espaços, emerge-se e submerge-se numa interioridade urbana, por vezes mais exposta e contextualizada na Cidade em seu redor, por outras vezes refugiada (..)"

fonte: desenhos do autor

Os percursos, a topografia e os *clusters*, percorrem-se numa leitura contínua de características reconhecíveis do centro da Cidade, articulados numa composição urbana emancipada dela ou em simbiose, complexa e paradoxal mas coerente com uma polifonia urbana comum.

Estes espaços adicionam-se e subtraem-se à *megaforma* horizontal, articulando-se segundo permutas de espaços e sociabilidades, constroem uma colectividade extendida por relações contínuas num plano paralelo ao solo, como sucessivos pisos térreos.

A complexidade de espaços relacionados à superfície e no interior é a génese da Cidade tradicional e simultaneamente da *urbanidade* recriada fora do espaço real. A necessidade de refúgio e distanciamento é proporcional ao aumento da complexidade e do caos, não é só uma característica da Colina de Sant'Ana mas de qualquer colectividade que se crie dentro ou fora da Cidade.

Assim, **entre espaços**, emerge-se e submerge-se numa interioridade urbana, por vezes mais exposta e contextualizada na Cidade em seu redor, por outras vezes refugiada e enredada na escala de um edifício que se funde com a Cidade.

O *Inbetweener* cria-se assim numa narrativa com o lugar e com a sua própria estrutura, para chegar a uma espécie de escultura natural que nasceu do sítio⁸⁰, cresce dentro dele, reconcilia-o a um objecto neutro comum, e simultaneamente mantém-se coerente a um carácter próprio, o qual acrescenta à paisagem. "A própria paisagem torna-se um carácter"⁸¹.



112. Analogia ao Formigueiro, às Corralas em Madrid e à colectividade refugiada dentro das dinâmicas de um só organismo.

fonte: desenhos do autor

80. ALLEN, Stan; *Landform Building; The megaform revisited* p.196

81. BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade* p.67

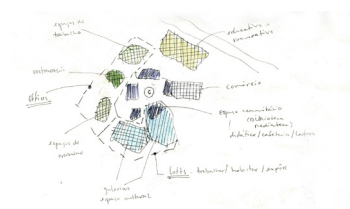


113. Corte longitudinal pelo *muro habitado* no projecto.

Entre Colectividades

Estrutura Programática - do espaço público ao espaço doméstico:

Para a estrutura programática do novo Projecto catalisador propõe-se uma poliferação de programas interligados e interdependentes, que activem o lugar por oferta de variação, mas que se devem *encontrar a meio caminho* com as práticas e os usos do contexto já construído, uma vez que o seu objectivo é a reconciliação entre os espaços e as comunidades entre contextos.

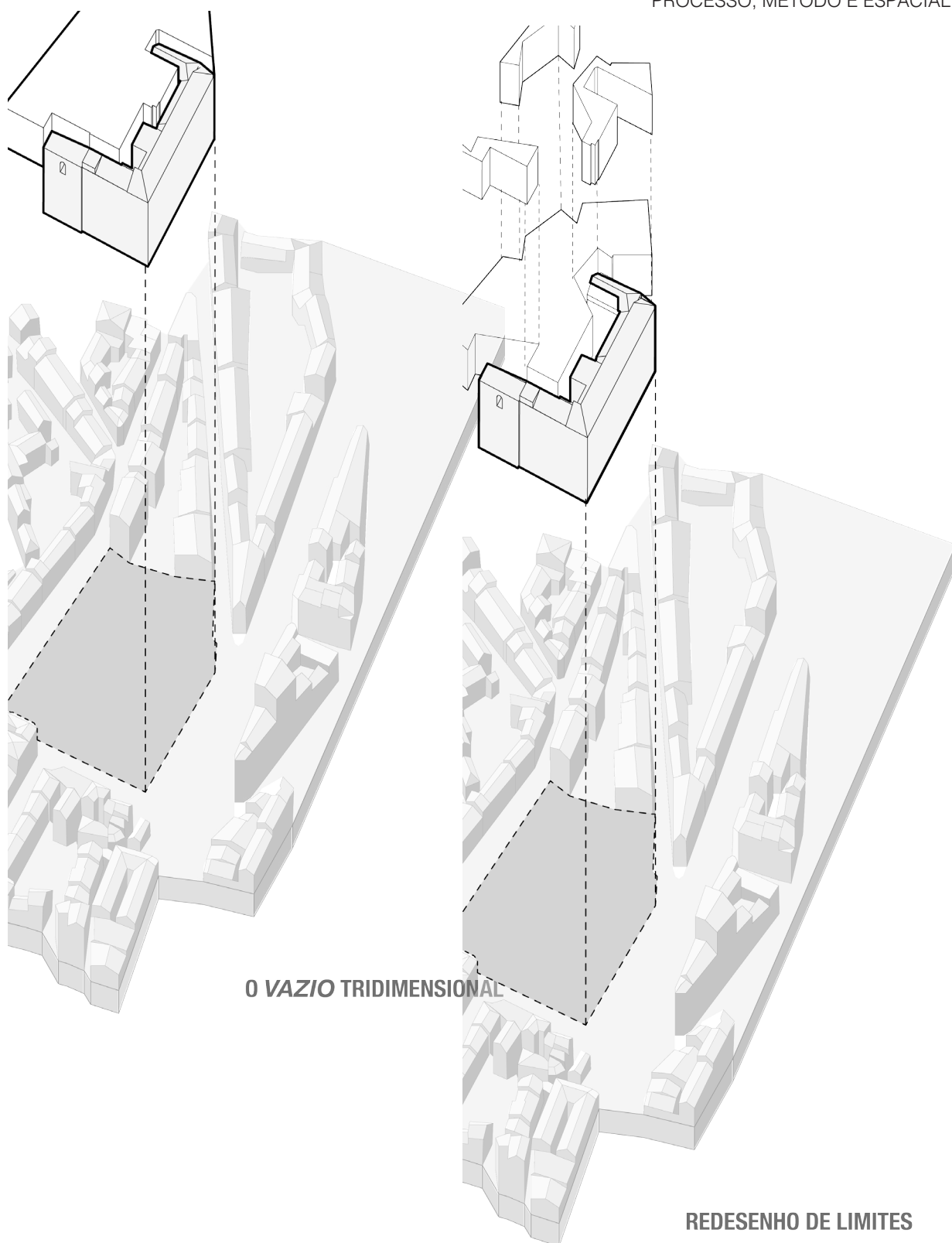


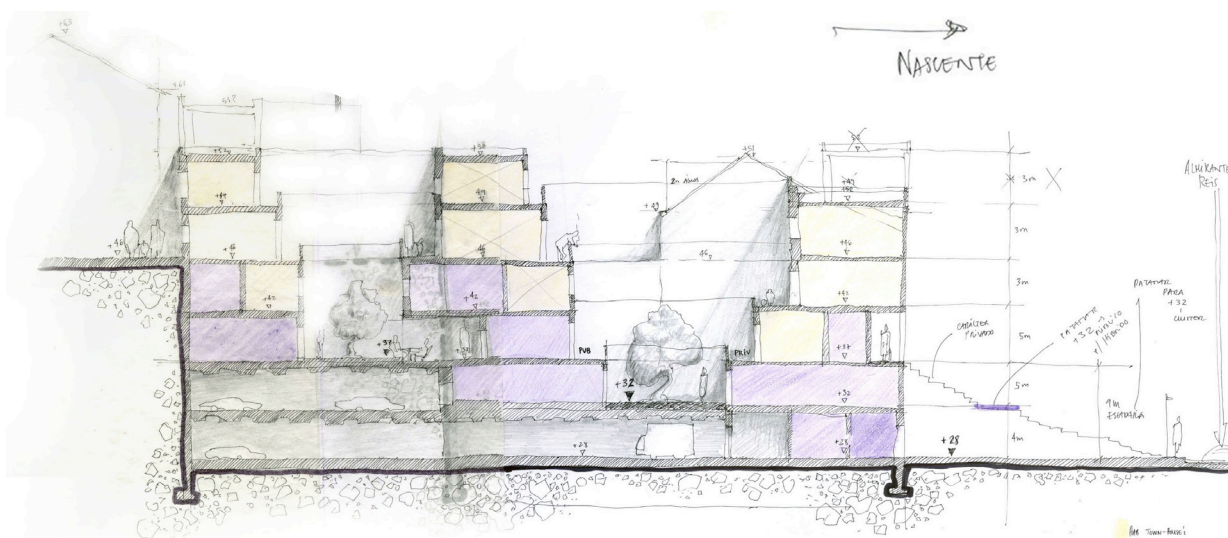
Como no jogo do mikado, o edifício depende da articulação coesa entre os programas que mantêm uma dependência simbiótica de estabilidade entre eles. Os espaços interdependentes garantem uma constante actividade e uma densidade variável de usos que vão activando sucessivas partes encadeadas no edifício que vive a *full-time*.

114. Entre o Cluster, o Espaço comunitário (roxo), o espaço de Trabalho, o Educativo, o Expositivo, a Restauração e Lojas.

fonte: desenhos do autor

Embora até aqui se tenha feito uma distinção entre a esfera de privacidade da *sub-estrutura* a Este e a privacidade da *sub-estrutura* a Oeste é transversal à organização programática de ambas, o papel do *cluster* enquanto agente catalisador das relações de proximidade entre os espaços urbanos e os espaços domésticos; e os programas comunitários enquanto espaço motor do *cluster*, de livre acesso, comum a todos os pisos, relacionados verticalmente, que remata ambas as estruturas nas cotas superiores.





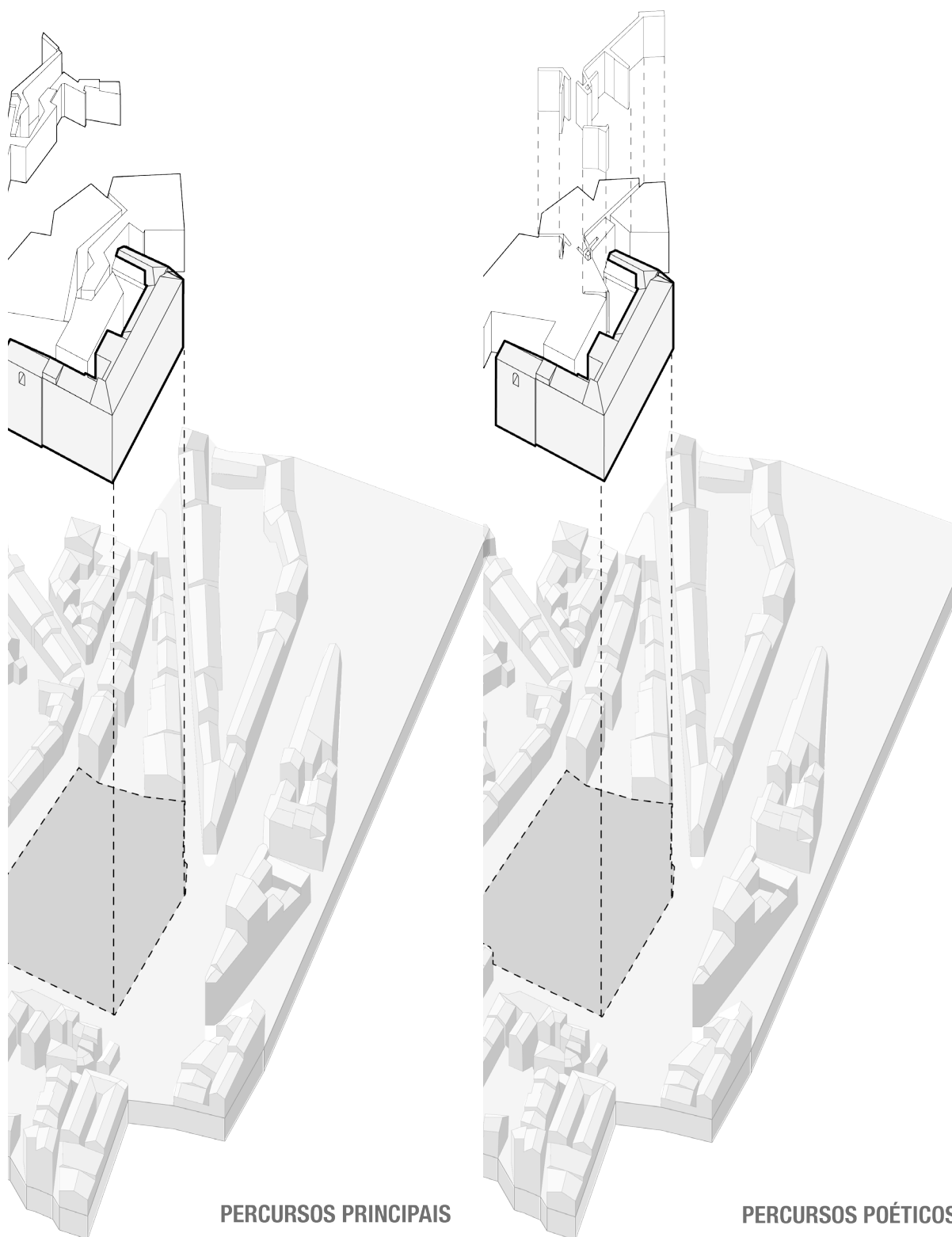
Assim, a estrutura a Este, debruçada sobre a Avenida, ligada com o Convento e assim com uma orientação de usos mais públicos, articula espaços de trabalho, restauração, programas recreativos e didáticos co-relacionados com espaços expositivos, lojas nos pisos térreos e os espaços comunitários transversais a todos os pisos.

115. Entre o Cluster, o Espaço comunitário (roxo) e a Habitação (amarelo).

fonte: desenhos do autor

A sub-estrutura, descontinuada pelo percurso principal, define-se em três momentos (estando o primeiro e o segundo dentro da mesma estrutura): o *cluster* a Norte; o muro habitado; e o *cluster* a Sul. Respectivamente: os espaços que começam nas cotas da Avenida, os espaços que conduzem a transição da Avenida para o Convento e estendem um miradouro na cota do Bairro; e os espaços que se fundem com o corpo do Convento a Este, se relacionam com um pequeno claustro em paralelo com o *cluster* e se acrescentam à Igreja a Sul.

Dentro da mesma sub-estrutura a função do espaço comunitário varia entre *clusters* por se relacionar com dois tipos diferentes de *comunidade*.

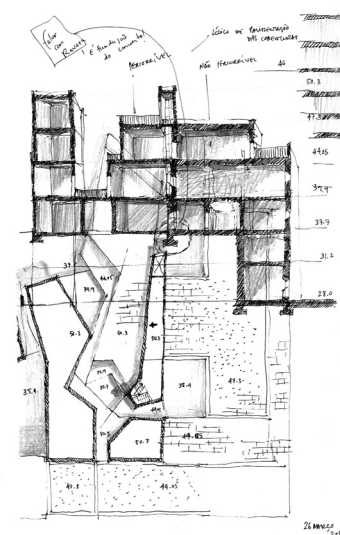


A Norte, os programas dos espaços comunitários determinam-se em função da relação que mantém com o bairro. São pequenos espaços de leitura, de estudo, de daycare, no piso térreo do *cluster*, e de convívio, nos pisos superiores, onde fazem uma ponte na cota do miradouro, com uma Cafeteria no limite a Sul.

No *cluster* a Sul os espaços desenvolvem-se sobretudo em função do Convento. Por isso os espaços comunitários são mais extensos e menos programados. O piso de *cluster* é exclusivo da cafeteria criada no Convento embora mantenha contacto visual com o espaço interior de entrada de um auditório proposto para o piso principal da Igreja (cota +35.4 - 1,4 metros a baixo da cota +37 do *cluster*) que é simultaneamente a cota do pequeno claustro do Convento a Sul. A extensão vertical do espaço comunitário prolonga-se para o interior dos espaços do Convento, continuando a cafeteria do piso inferior e terminando num espaço de leitura com duplo pé-direito expandido para uma biblioteca, já no piso que remata o antigo Hospital.

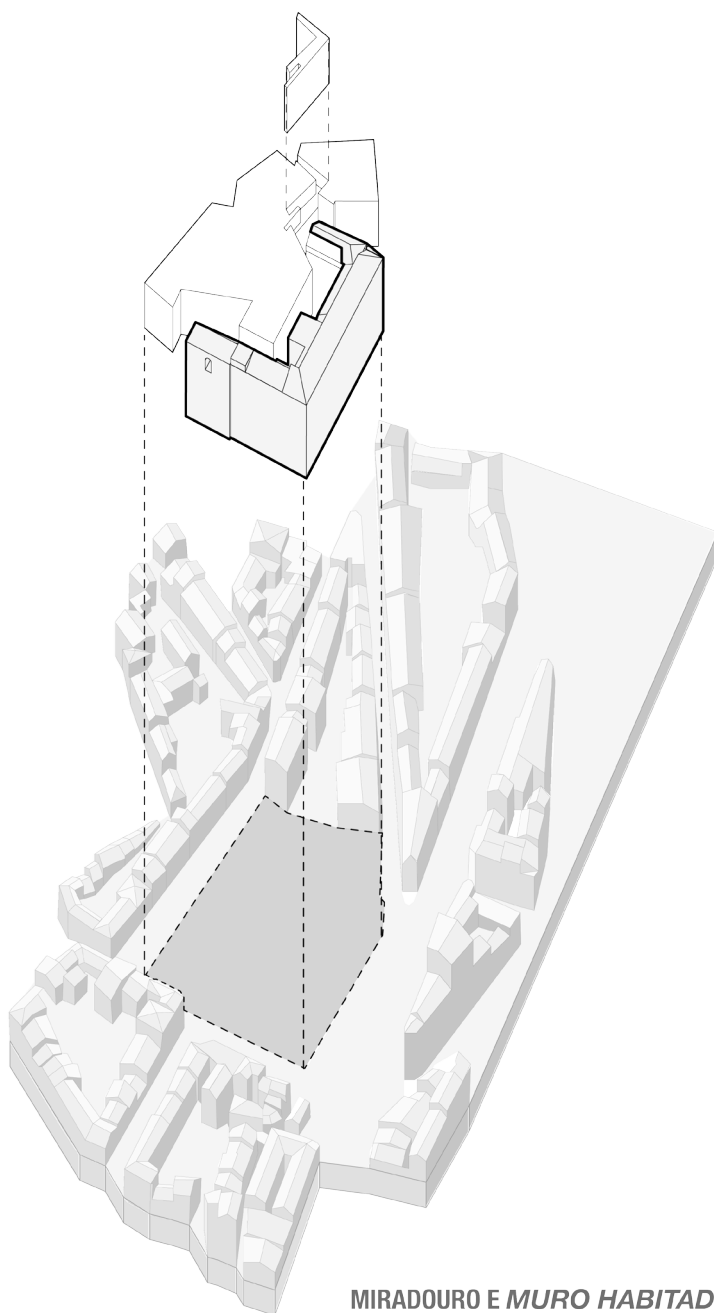
A estrutura a Oeste, com uma orientação de usos mais privados, relaciona os espaços comunitários, transversais a todos os pisos, com as galerias comuns que articulam os *clusters* e em torno dos quais se agregam os espaços domésticos do *habitat*. Pelos corredores exteriores e interiores desta estrutura os espaços domésticos co-habitam com estes espaços de reunião e interacção, catalisadores da dinâmica entre as várias células do *habitat*.

Também nesta sub-estrutura se identificam dois momentos



116. Relação entre os espaços interiores que confinam o espaço de *cluster* da estrutura pública a Sul e os espaços internos do antigo Convento.

fonte: desenhos do autor



MIRADOURO E MURO HABITADO

que se distanciam por uma diferença altimétrica: o *cluster* a Norte, que começam numa cota intermédia da estrutura (+44), e o conjunto de *clusters* a Sul, que partem da cota mais baixa do bairro (+37) a Sul e se vão emancipando segundo uma lógica própria entre *clusters*.

No cluster Norte, o volume que envolve o *cluster* começa em simultâneo com a estrutura programática do *muro habitado*, onde intercala salas recreativas e expositivas, acabando por emergir na cota de circulação e do *cluster*, lado a lado cortados pelo percurso axial.

O espaço motor, que à cota do *cluster* o envolve num espaço contínuo aberto de uma cafeteria extendida para livraria, mantém um programa social, espaços de convívio e de restauração. Estende-se sobre a galeria exterior que parte da cota do bairro e transpõe o espaço de *cluster* até um espaço livre aberto a Este, à cota do miradouro em frente. Os pisos que se sobrepõem, independentes do bairro, intercalam espaços de aluguer para ateliers grandes e pequenos articulados a um espaço comum.

No volume que envolve o conjunto de *clusters* a Sul, pousado sobre dois pisos de estacionamento subterrâneos, o espaço motor intercala serviços e salas de convívio com o habitat articulado, duplicando a dinâmica de *pisos térreos* para aéreos. Começa por entre-cruzar no piso térreo principal (+37) programas públicos, como os espaços de lojas e de restauração que se debruçam sobre as entidades urbanas exteriores, com os espaços espaços comunitários, que mesmo sendo públicos destinam-se a reunir um grupo específico de moradores em torno dos *clusters*.

À medida que se sobrepõem os pisos, a estrutura vai perdendo o contacto físico com as cotas do bairro envolvente e a organização programática vai-se emancipando de uma relação contextual. Assim, entre os pisos, perdem-se gradualmente os programas de uso público, para se relacionarem pontuais espaços comunitários em pisos profusamente habitacionais. Nestes ambientes controlados, os moradores isolam-se da Cidade para partilham um **micro-organismo** que combina o urbano e colectivo (a rua, a galeria, o cluster) com o doméstico e privado (a casa) numa única estrutura.

Estrutura Habitacional - do usuário ao morador

*"A primeira consequência do propósito de habitar não é a habitação mas o hábito. Habitar cria hábitos e os hábitos constituem um princípio de habitação: habitar é habituar-se. Hábito e Habitação jogam assim um jogo dialético."*⁸²

A procura de privacidade na actualidade pede uma arquitectura na Cidade que reduz cada vez mais a possibilidade de interacção entre eu e o outro. Também a Arquitectura dos espaços domésticos se confronta com a redefinição da fronteira entre o público e o privado para determinar a relação entre espaços na unidade habitacional. Desde a morfologia à própria separação entre espaços colectivos e individuais do *habitat*, a alteração de hábitos determina a necessidade, a procura e a exigência do cumprimento para um *habitar* actual.

82. ARNAU, Joaquín. "72 Voces para un Diccionario de Arquitectura Teórica". Ed. Celeste. Ediciones. Madrid, 2.000. citado por Jorge Sarquis *Arquitectura y modo de Habitar* p.16

No Centro das Cidades a procura actual da casa aponta cada vez mais para a solução complexa, pequena, compacta e

ecómica, que exija o menor compromisso e facilite a transição em situações de mudança (Jorge Francisco Liernur 2006). A imprevisibilidade e o descompromisso subestimam as valências relacionais de um edifício colectivo. Não existe uma exigência real de conhecer a vizinhança e constituir uma colectividade, como na cidade tradicional ou no campo, não nos vemos co-habitar os mesmos espaços durante muito tempo.

Na evolução das *figuras de colectividade*, a condição de temporalidade e a desvinculação do morador à unidade social de um espaço real comum, intensificam a *separação clara entre espaços de intimidade e o mundo exterior, público e privado*.⁸³ . Está assim comprometida a experiência da interacção entre vizinhos de um espaço real e a vinculação social entre estes e espaços de colectividade.

A Unidade Habitacional vai perdendo os elementos tradicionais que faziam a transição entre esferas públicas e privadas dos espaços, à medida que responde aos actuais requisitos básicos da porta - elevador - casa, com a menor interacção possível entre moradores.

Torna-se assim claro que o *habitar* actual está cada vez mais afastado do tipo de *habitar que propõem* os espaços da Cidade tradicional, cada vez mais desinteressado de uma Arquitectura de colectividade.

Numa Unidade Habitacional a casa não é desenhada para uma família concreta, é desenhada para uma *família tipo*. Para esta *família tipo* identifica-se um *modo-tipo* de habitar, e assim determinar um leque de tipologias que generalizam os hábitos de habitar dos grupos e se dedicam a um número concreto

83. ARNAU, Joaquín. "72 Voces para un Diccionario de Arquitectura Teórica". Ed. Celeste. Ediciones. Madrid, 2.000. citado por Jorge Sarquis *Arquitectura y modo de Habitar* p.18

de pessoas. O mercado imobiliário, que destina tipologias a uma *família tipo*, vai alterando a oferta segundo o número de pessoas a habitar por m2 e vai assim *promovendo um produto criado à imagem de um usuário intemporal*⁸⁴.

*Hoje a família clássica perdeu representatividade*⁸⁵. As constatadas mudanças sociais, culturais e laborais, incidiram na mudança de hábitos, como sempre incidiu, mas nunca para a Arquitectura foi tão claro o contraste da adaptação às transformação de dinâmicas de um grupo familiar actual e adaptação às dinâmicas de um agregado familiar à 20 anos atrás.

Se na identificação de uma *família tipo* da actualidade a *constância que as relaciona é a mudança*, e a construção de espaços de *habitar* na actualidade requerem a adaptação de conceitos tradicionais para conceitos de flexibilidade, adaptabilidade e versatilidade, perguntamo-nos se na arquitectura actual doméstica e no presente mercado imobiliário *deveremos substituir a habitação tipológica pela habitação versátil*⁸⁶.

Entre os contextos do Desterro, acrescenta-se no intervalo a Este a nova colectividade proposta para reconciliar as densas estruturas residenciais da Colina de Sant'Ana, que por serem tipologicamente semelhantes acabam por servir uma faixa etária comum.

Para a habitação colectiva da nova estratégia projectual que se define **entre** espaços, sociabilidades e colectividades, pretendeu-se uma estratégia alternativa, não tipológica, versátil e simultaneamente coesa, pensada para uma margem de

84. LIERNUR, Jorge Francisco;
Arquitectura y modo de Habitar
p.56

85. Idem p.57

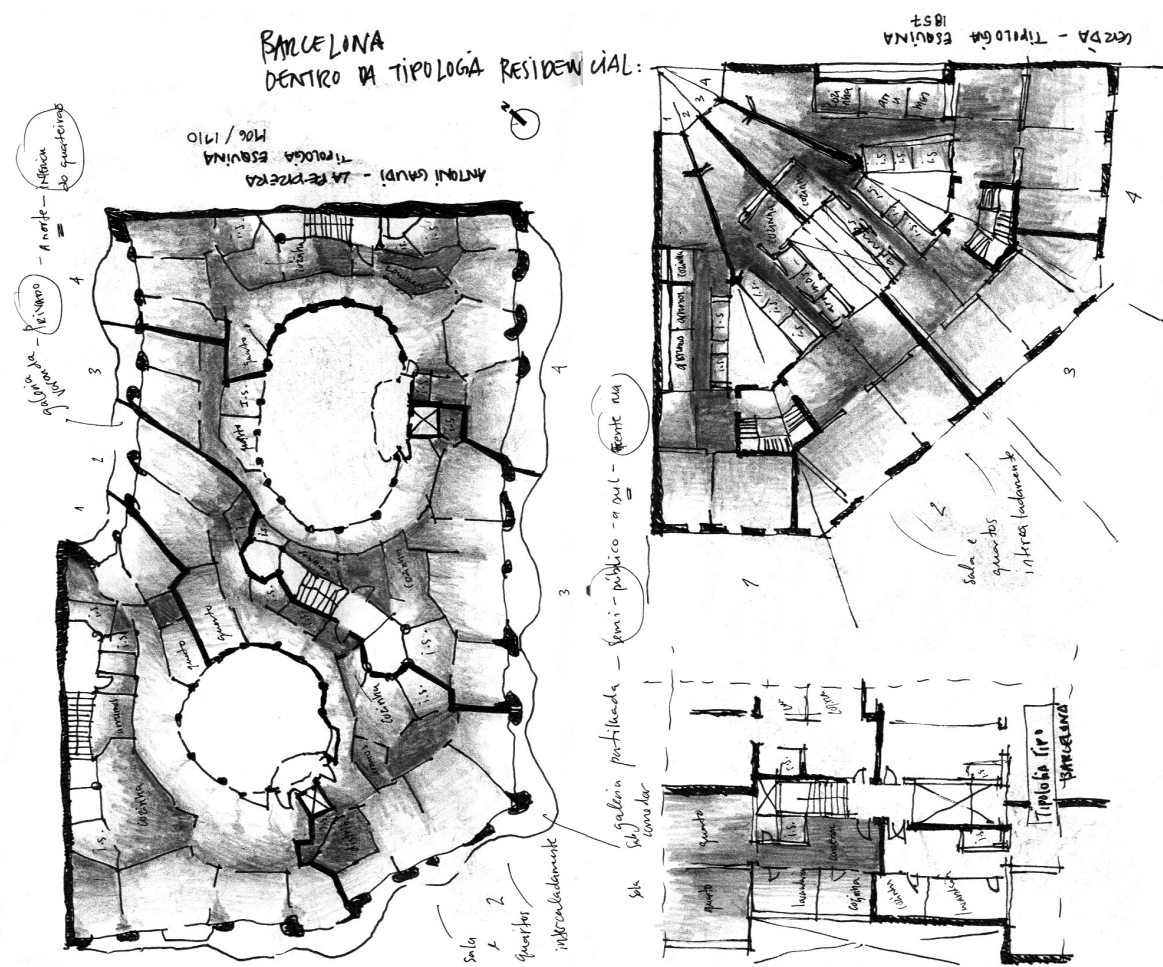
86. Ibidem p. 54

indeterminação e uma possibilidade flexível para a adaptação. Para alcançar a versatilidade dos espaços e simultaneamente construir uma estrutura sólida onde se cria uma comunidade, voltamos a equilibrar as características do fixo e as características do que é indeterminado, dentro do mesmo edifício.

Entre a indeterminação e a **fragmentação**, a estratégia habitacional do *Inbetweener* confronta-se por um lado com a necessidade de um interior flexível e ilimitado, que exponencie a permuta de usos, a mobilidade de elementos entre espaços e variação de dimensões espaciais. E, por outro lado, a necessidade de compartimentação, de espaços isolados e esferas privadas claras, para cumprir o desejo de refúgio da sociedade actual, aliado ao dever de estabilidade para uma solidez estrutural do edifício.

Estas condições de flexibilidade e de mutabilidade dentro de uma **unidade** habitacional giram em torno de figuras *rígidas* e estruturais, comuns ao edifício (entre outras, o sistema estrutural constructivo, o sistema vertical de acessos, a rede de águas e de esgotos, os espaços de cozinha e de ventilação, etc).

No Projecto, entre os apartamentos trocam-se espaços, flexibilizam-se dimensões e varia o número de fogos a habitar por piso, mas a lógica da organização do espaço interior da casa está sempre subordinada à relação que mantêm com os *clusters* e com os espaços exteriores que criaram (seja em galeria, em varanda, ou em corredor).



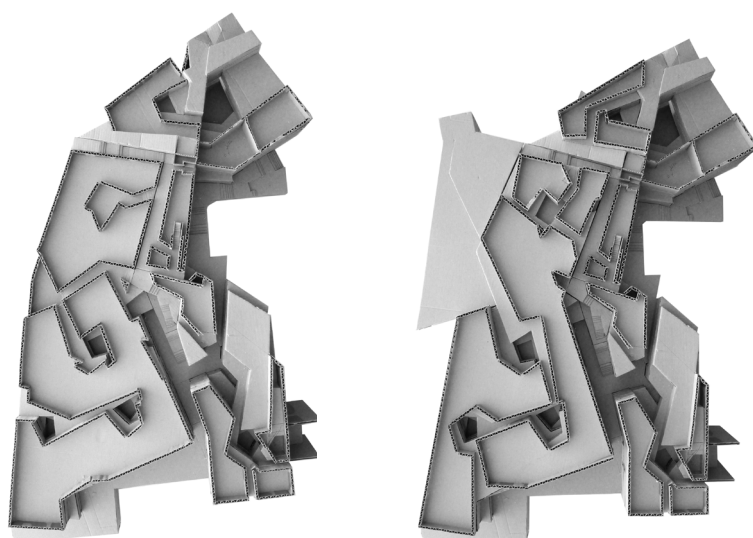
117. A lógica de espaço segundo condições morfológica ou estruturas tipológicas - Análise entre a Pedreira de Antoni Gaudí e a Tipologia de Esquina para Barcelona de Cerdà.

fonte: desenhos do autor

Estrutura Habitacional - tipologia e morfologia

A estrutura habitacional proposta neste Projecto faz parte de uma intervenção urbana que tem por princípio manter uma dialética forte com a envolvente construída e que *se comporta* segundo os contactos que vai mantendo com o contexto envolvente

Se a morfologia dos espaços desta unidade habitacional depende do contacto que cada piso mantém com o bairro, e se este tipo de contacto é variável em simultâneo com a envolvente, a estrutura e a agregação dos espaços variam de acordo com a morfologia de cada piso, que por não se repetirem nas mesmas condições (não criam um *tipo*), vão ajustando a configuração dos espaços a uma lógica não **tipológica** mas **morfológica**.



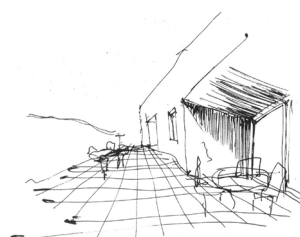
118. e 119. Sequência da morfologia dos espaços da nova estrutura habitacional em planta. O piso +43 e a cota coincidente com o centro da Rua Capitão Renato Batista (esq); O piso +46 e a cota coincidente com o topo da mesma Rua (direita).

A flexibilidade entre os pisos ocorre em simultâneo com a adaptabilidade ao lugar. Combinam-se soluções variáveis em cada piso mas continua-se a reconhecer uma lógica comum entre as figuras estruturais que os ordenam.

Tal como as galerias em torno de um Claustro conectam as partes funcionais de um mosteiro, os descritos corredores sobranceiros de cada *layer* em torno do *cluster* impõem o início de uma distribuição funcional da lógica interna do novo edifício. Entre acessos exteriores e acessos fixos interiores, estas galerias vão intercalando no projecto uma função distributiva e uma função puramente social de partilha e interacção sem obrigatoriedade de passagem. São ruas, ou *palco*, ou *balcão*⁸⁷. Nas três situações trata-se de um *espaço de filtro* entre o exterior e o interior.

A lógica da casa está subordinada à lógica da distribuição do conjunto (que se pode ou não associar a estes espaços exteriores) e à lógica vertical de serviços fixos (i.e. esgotos, águas, ventilação). As compartimentações interiores da casa giram em torno destas colunas verticais, que se tornam quer em elementos axiais de separação entre os espaços comuns e os espaços individuais, quer em espinhas dorsais segundo as quais se alinham os espaços individuais e comuns.

A flexibilização dos espaços, neste projecto, faz-se **entre** as casas e não dentro das compartimentações internas da casa. Assim, a lógica dos espaços da casa mantém-se igual enquanto se trocam espaços entre os próprios apartamentos e se amplia a possibilidade de variação no arrendamento das casas. *Entre* as casa, acrescenta-se ou subtrai-se um quarto que varia entre 10 e 14m², ou agrega-se um anexo que varia entre os 19m² e 23m², equipados como uma compartimentação que pode ser independente, e se identifica no projecto como o *acrescento* "parasita".

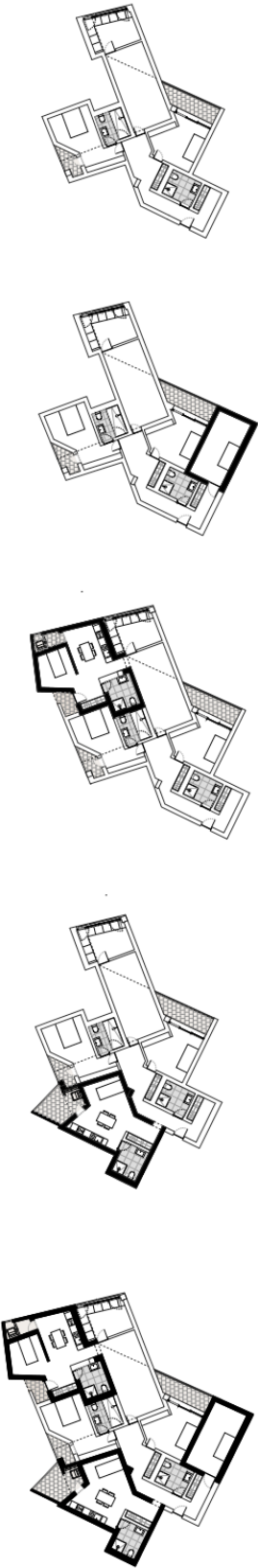


120. e 121. "São ruas, ou palco ou balcão"

fonte: desenhos do autor

87. EBNER, Peter; HERRMANN, Eva; HOLLBACHER, Roman; KUNTSCHER, Markus & WIETZORREK, Ulrike
Typology + : Inovative Residential Architecture. p. 54

Nota: segue em anexo, restantes variações



Os pisos transformam-se dentro de uma margem de permutabilidade dos espaços entre os apartamentos, variando entre fogos de um a seis quartos, sala e cozinha, com ou sem o *acrescento*.

O “parasita”

O espaço representativo por excelência da estratégia para a lógica de permutabilidade dos espaços domésticos do *Inbetween* é o citado *acrescento* que pertence à morfologia da casa mas não está necessariamente incluído na lógica interna dos seus espaços e pode nem lhe pertencer.

Estes espaços agregam-se aos canais estruturais de serviços fixos e aos espaços internos dos fogos unifamiliares; não lhes sendo prejudiciais e podendo até ser totalmente independentes dele, a interacção entre ambos é facultativa mas ambos beneficiariam com ela.

Este espaço propõe-se como uma solução simples para um indivíduo só, e simultaneamente como um elemento articulador, acrescentado entre apartamentos que, que amplie a oferta, a variação e a flexibilidade de situações para habitar.

Estes espaços “*parasitas*” são espaços arrendáveis, que servem situações de transição. Para a habitação temporária, económica e simples para um; ou para estúdios num período solitário de trabalho; um refúgio da cidade onde ficar por uns tempos; o primeiro atelier do arquitecto recém-licenciado; a casa para a avó, para a empregada ou enfermeira; divorciados indecisos ou decididos mas em mudança; ou pode ainda tornar-se num micro negócio de rendimento para a família, para o couchsurfing, para estudantes, para erasmus, para o



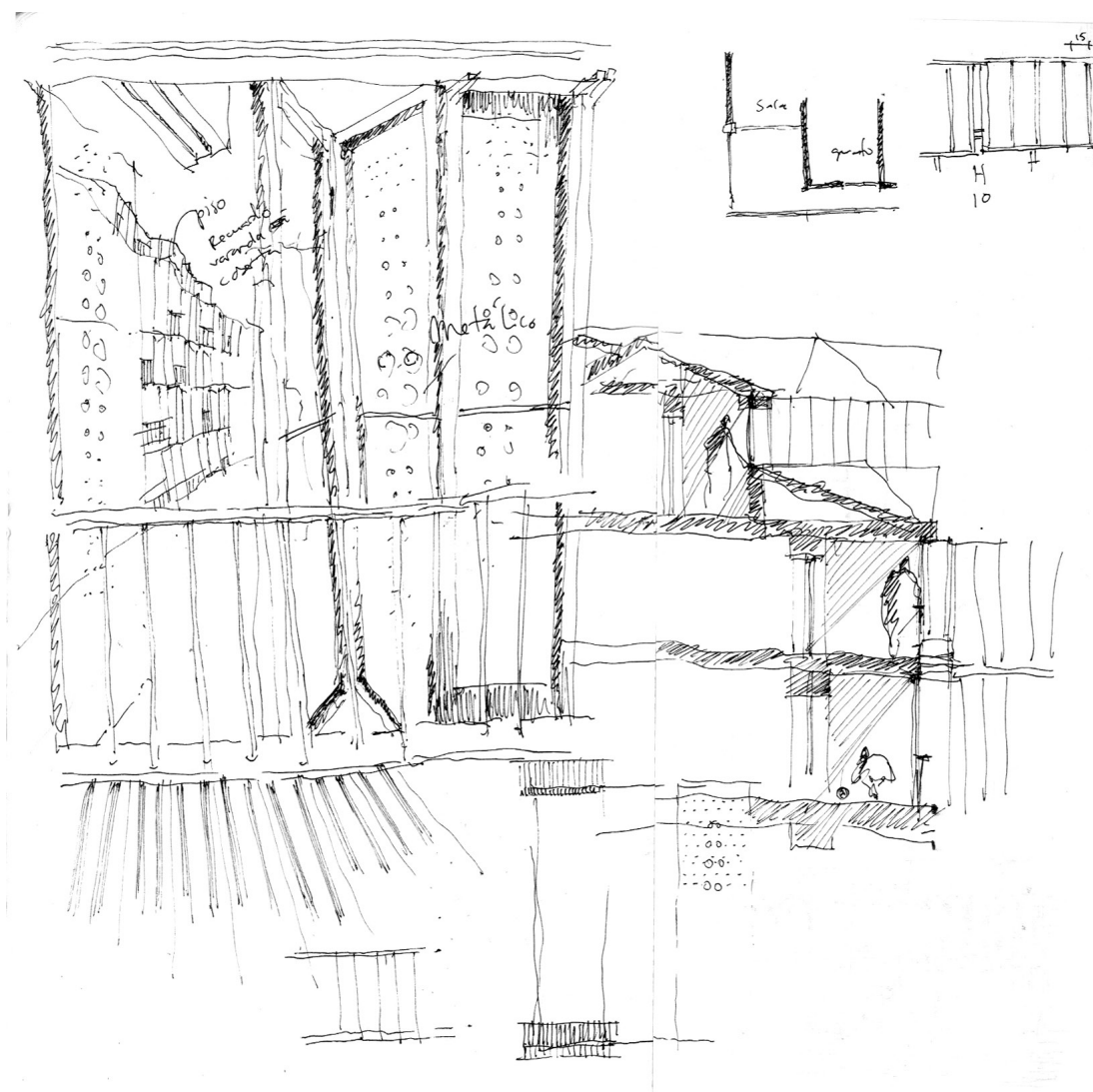
122. A rêmora e o Tubarão

fonte: desenhos do autor



123. Movimento Metabolista, Kisho Kurokawa

fonte: <http://www.kisho.co.jp/>



124. *Cortinas de metal* e um limite transparente do interior para o exterior. Estudo em perspectiva, planta, corte e remate da cobertura.

fonte: desenhos do autor

sobrinho ou para coisa nenhuma, e arrendar-se à família como um espaço acrescentado às divisões da casa.

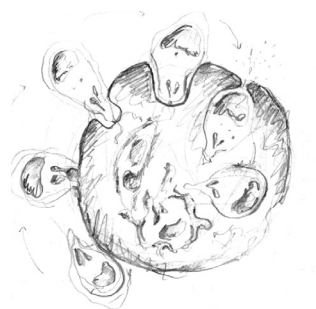
A morfologia destes espaços varia em simultâneo com o sistema distributivo comum ao edifício (uma vez que está sempre dependente da sua acessibilidade) e simultaneamente com a organização espacial do(s) apartamento(s) com o qual(is) vive associado. O estúdio partilha a mesma bateria de instalações fixas do apartamento contíguo mas isso não implica necessariamente uma comunicação entre eles.

Surgem assim diferentes *tipos* de estúdios que se repetem em condições semelhantes. O estúdio tem assim uma definição tipológica, que varia, quer segundo a relação estabelecida entre a porta e o tipo de acesso até ela, quer entre apartamentos e tipos de acessibilidade a eles.

A área do espaço varia entre os 18m² e os 24m², mas a lógica da sucessão de funções mantém-se idêntica.

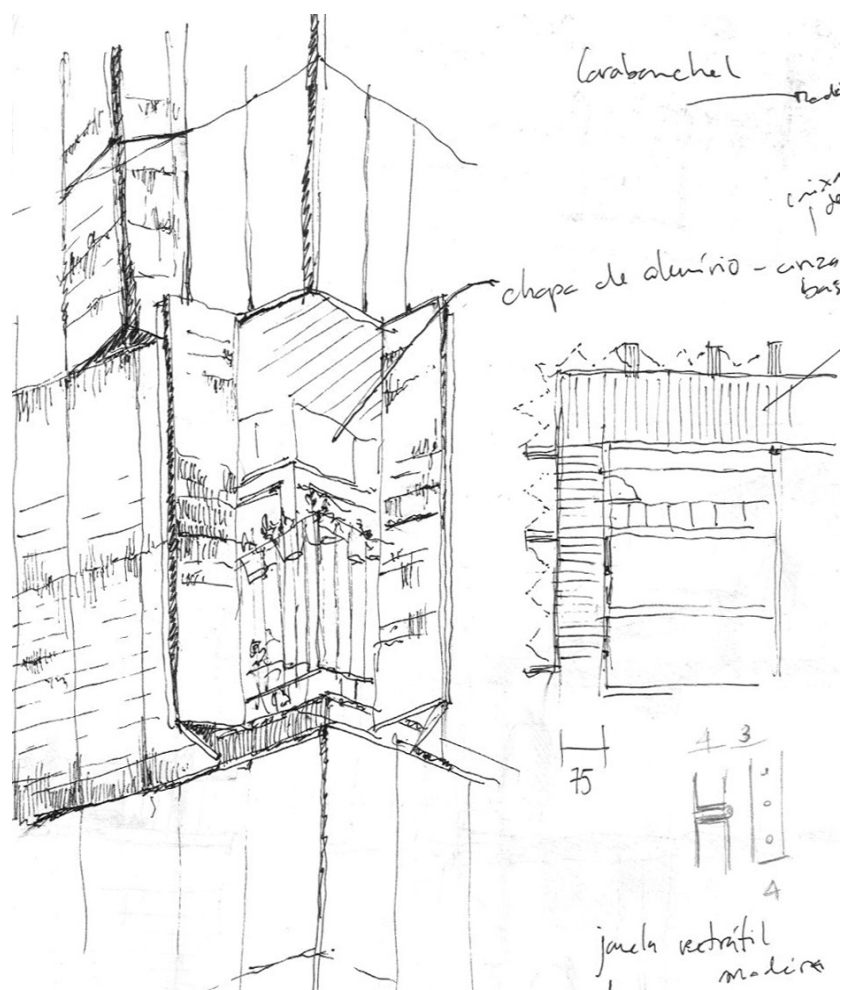
Embora não existam separações físicas entre funções nos 18/24m² de espaço, as condições fixas como os *pontos de água* (cozinha, casa de banho) e os pontos de acesso relacionados com os anteriores são determinantes para o encadeamento lógico de funções. Estas funções evoluem sempre da esfera menos pessoal, do vestíbulo, do armário, da casa-de-banho e das portas para a comunicação entre apartamentos, para a zona central de refeição e trabalho, terminando no espaço de dormir, onde a transição de pavimento anuncia a mudança de intimidade.

A tipologia propõe-se por vezes sem vestíbulo, e a organização espacial do estúdio inverte-se, começando no espaço de



125. Relação entre a morfologia e os tipos de contacto entre o apartamento e o acrescento.

fonte: desenhos do autor



126. Estudo das *Cortinas de metal* em esquina (Sobre as 88Vendas em Carabanchel de Foreign Office Architects)
Descobrir a profundidade de uma varanda, de um espaço semi-exterior, ou de um interior contíguo. Estudo em perspectiva e planta.

refeição e cozinha, evoluindo para a zona íntima da *casa*.

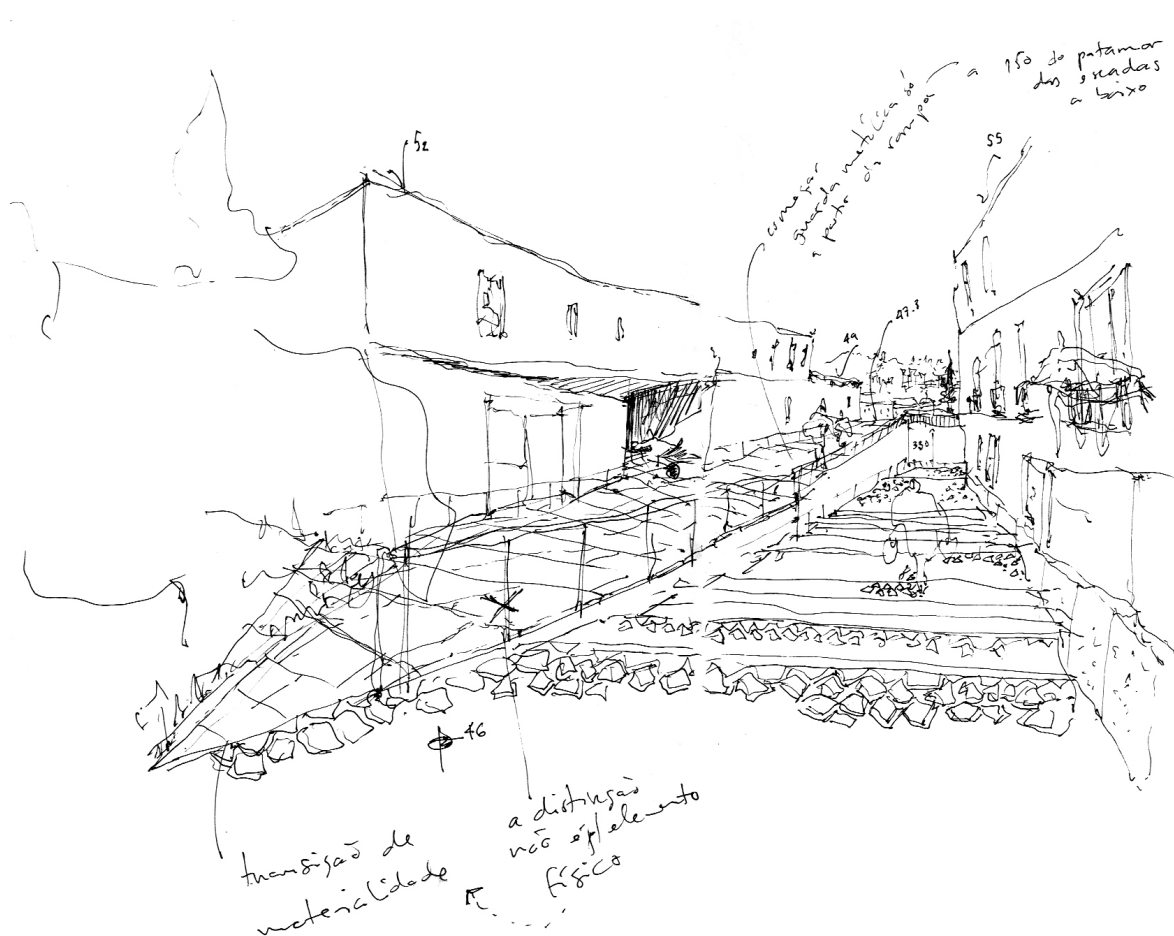
A cada tipologia associa-se um espaço exterior privado de varanda, por vezes desenhado na galeria exterior de distribuição, onde cabe uma cadeira, um estendal e um pequeno tanque de cerâmica.

Em alçado, o parasita identifica-se por uma sucessão de painéis metálicos interligados (dim. 50cm x 265cm) deslizantes e perfurados, que pelo seu sistema em fole criam no alçado do conjunto uma sensação de movimento e fluidez e uma imagem da fachada em constante mutação. Os painéis funcionam como persianas e com as portas de vidro deslizantes tornam-se na única fronteira entre o volume total do interior desta tipologia e o exterior.

Sistema Estrutural Construtivo e Alçado

Um sistema estrutural que funcione em simultaneidade com a morfologia deste organismo vivo precisa de um esqueleto estrutural relativamente flexível que colabore com a morfologia e com a dinâmica do edifício. Assim sugere-se a solução de pré-esforço sobre lajes maciças vigadas de betão armado. Entre outras valências (e.g. económicas) este sistema estrutural, por substituir os cabos de pré-esforço das lajes por cargas equivalentes em tensão, reduz o número de juntas obrigatória no edifício e amplia a dimensão do vão entre pilares. A esta estrutura de lajes maciças vigadas em pré-esforço acrescentam-se, na estrutura do edifício de programa mais público, elementos verticais de betão, a ela transversais.

A estrutura sem vigas de betão, liberta o alçado da regra



127. Início do percurso pedonal axial a Norte e a transição para o miradouro em último plano. A pedra natural, o ornamento, as janelas e as guardas.
fonte: desenhos do autor

estrutural e a casa da obrigatoriedade de tectos falsos e de compartimentações interiores.

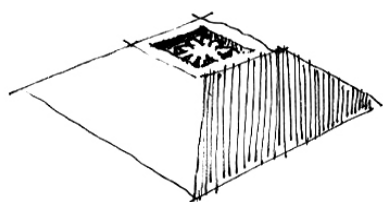
As cortinas de metal que revestem as pequenas tipologias atrás descritas introduzem uma composição na fachada do edifício, impõem uma regra e sugerem uma temática para o alçado dos espaços públicos, que as intercalam entre uma métrica de planos verticais de betão; e para o alçado dos espaços privados, onde os painéis em fole percorrem os vãos curtos mas extendidos a toda a altura do quarto, sugerindo uma forma de estar entre a janela e a varanda, como nas janelas pombalinas da cidade tradicional.

Enquanto se deslizam os painéis vai-se descobrindo o espaço interior do outro lado do vidro ou o espaço semi exterior profundo de um terraço ou de uma galeria.

Matéria

Para terminar a identidade dos novos lugares, encerra-se o Projecto com uma nova composição, desta vez não espacial, mas de articulações de côr, tacto e som entre a matéria que reveste e identifica no Projecto os novos espaços. A leitura da estrutura mega e complexa torna-se mais clara pela informação prévia do significado do espaço, subentendida nas características da matéria que os reveste.

Assim, os novos percursos principais, que propõem uma extensão entre a rua da cota da Avenida Almirante Reis e a rua da cota do bairro, cortam o novo espaço construído pela pedra branca calcária da calçada portuguesa que estende o passeio público para o que já foi o interior do quarteirão.



128. Estudo da dinâmica entre azulejos agora como objectos tridimensionalizados.

fonte: desenho de Zé e autor

Os percursos poéticos, que decorrerem entre tecto e parede, iluminam-se pelo tom claro de lajetas de lioz que revestem o plano do chão. No embasamento dos edifícios que acompanham os percursos pedonais do projecto estende-se a pedra de revestimento em Lioz (40cmx60cm), para criar um leve relevo e um guia visual em alçado. Entre o pavimento em lioz dos caminhos que conduzem aos *clusters* e o remate em lioz nas paredes, traça-se um contorno em gravilha cujo som se estende para os espaços de transição entre a esfera mais pública e a esfera mais privada entre espaços urbanos.

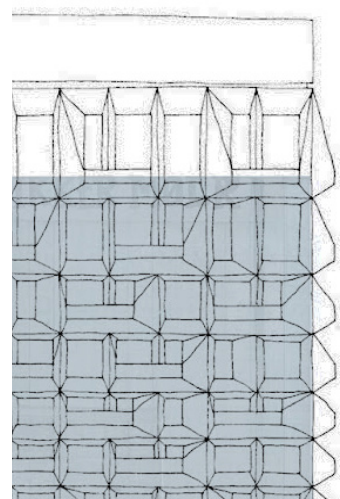
Nos clusters, os espaços exteriores revestem-se por lajetas de moleanos bujardado, cuja vincada textura amplia o atrito e replica entre pisos o som dos cenários do dia-a-dia em comunidade. O revestimento em moleano sde todas as galerias e varandas exteriores dos *clusters*, reforça a leitura de sucessivos pisos térreos sobrepostos. Entre elas varia apenas o acabamento da pedra calcária, que na esfera mais privada perde a rugosidade do acabamento bujardado para a textura do acabamento amaciado.

Em alçado, os clusters intecalam os painéis metálicos deslizantes com apontamentos, ou extensões totais, na parede, de azulejos azuis, que, para ampliar o índice de reflexão da luz dentro de um espaço tão contido como o *cluster*, se tridimensionalizam e se vão distorcendo para não compôr apenas uma dinâmica entre azulejos mas aumentar a possibilidade de incidência de luz.



129. Azuleijos da Cidade de Lisboa. Arco de Jesus, Alfama.

fonte: fotografia do autor



130. Estudo para a dinâmica entre Azuleijos tridimensionais.

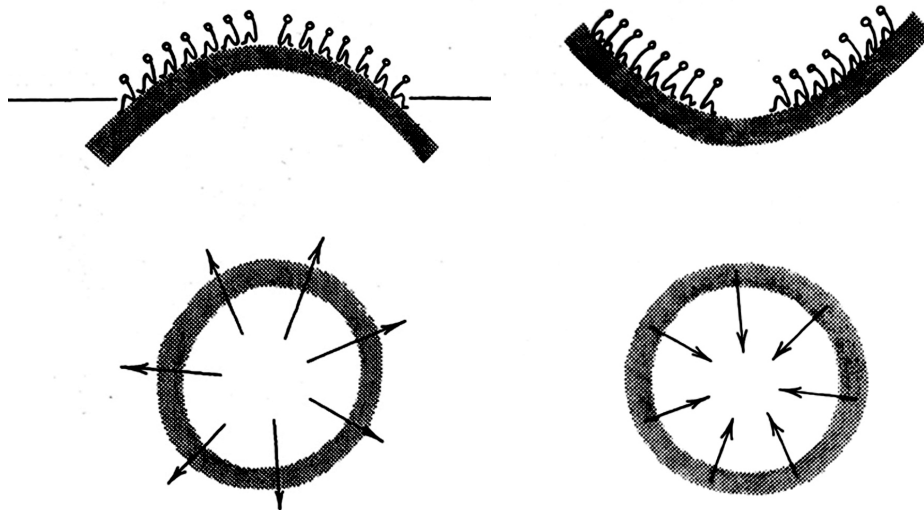
<http://afasiaarq.blogspot.com/2014/09/cobe.html>

Embora sejam um novo tipo de espaço urbano, os *clusters* têm uma identidade estreitamente vinculada com a identidade dos espaços onde decorria a vida colectiva da cidade tradicional. No desenho das lajetas de moleano do espaço central recortam-se os círculos onde crescem laranjeiras, que, por ser uma árvore perene, indicam vida permanente no



131. O espectador e o espectáculo no centro da *nova micro-urbanidade*.

fonte: desenho do autor



"The Horizon and the Shifting Centre

*People seated concentrically in a hollow, gazing inwards towards the centre; and people seated concentrically on a hill, gazing outwards towards the horizon. **Two kinds of centrality. Two ways of being together - or alone.***

*The images, of course, have **ambivalent meanings** - though the hill reveals what the hollow may conceal: that man is both centre-bound and horizon-bound (the horizon and the shifting centre, the centre and the shifting horizon).*

*Both hill and hollow, horizon and centre, are shared by all seated concentrically either way; **both link and both lure.**"*

EYCK, A. Van em Aldo Van Eyck - Works (1999), Compilation by Vincent Ligtelijn 1999, p. 126

5. Considerações Finais

Este é o produto de uma incessante pesquisa, um exercício que procurou forma, procurou função, procurou as pessoas para nele habitar, afundou-se na sociologia, na filosofia, na antropologia e na liberdade de não ter que responder a nenhuma das três. Durante a pesquisa caminhou-se no lugar, em busca de algo sub-entendido que esteja a escapar. Caminhou-se fora, da cidade, do país, estudaram-se outras hipóteses. Debateu-se sobre o conceito de identidade, num limbo entre ceder e resistir, caminhou-se sobre o conceito global e sobre o tempo, reflectiu-se sobretudo sobre o tempo. Procurou-se, incessantemente uma resposta, uma pista para o lugar, para a cidade, para a cultura, e quando se entendeu de que se tratava da busca de mais uma verdade inatingível, a proposta descansou para ser o que é sem a pretensão de mais coisa nenhuma.

A pesquisa e a procura pretendiam chegar aqui, a este corpo final, com uma conclusão, propôr uma verdade, uma estratégia conclusiva para o centro, chegar ao verdadeiro significado da Cidade, e do tempo, e da eternidade. Pretendia-se poder dizer que conservar o passado é lutar contra a evolução de algo tão natural como o tempo; é o reflexo da angústia do nosso próprio fim, o reflexo de um medo transversal de assistir à substituição da memória que nos conservaria num tempo, uma alienação na tradição para servir a actualidade, movida pela satisfação de resuscitar, voltar a dar vida,

delírio de grandeza. A incessante pesquisa procurava um manifesto. Descobriu-se o equilíbrio, o valor, racional, da incoerência, o interesse do negociável, do moderador, da complexidade, da contradição do neutro determinado: o *inbetween*.

A ambiguidade do próprio título deste trabalho revelou-se contra o manifesto e contra uma posição hermética que diga o que a cidade deve ou não ser, que diga como deve ou não evoluir. A cidade evoluiu marginal, o choque hoje não será o choque amanhã, o impensável é interrompido para ser repensado, e ,se não o for, constrói cidade como sempre construiu.

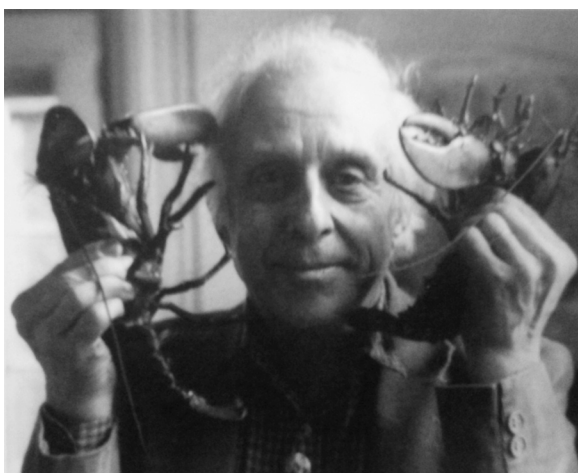
O *inbetween* propõe um conceito embrionário, que se foi construindo sobre uma pesquisa constante, num limbo entre tradição e contemporaneidade, contrariou-se até ao último dia, fundou-se sobre palavras de instabilidade, querer ser ele e o seu contrário, fê-lo recuar e embriagar-se numa certeza absoluta, que seria refutada na manhã seguinte. O seu processo tornou-se num próprio *in betweener*.

O *inbetweener* é objecto de adoração da paisagem, do urbano, do caótico, do belo e do perverso, das pessoas e de um repulso por elas, construiu-se exclusivamente para os entender. Por procurar a liberdade e o descompromisso foi esticando o limite. Até que ponto podia ser ele próprio dentro de um lugar tão forte?

Cedendo e resistindo, acomodou-se ao passado, ao urbano fluído e a uma secreta emancipação de ambos. Está assim entregue, uma ideia, uma reflexão, um tempo exclusivo.

"Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo"

Paisagens Completadas, Peter Zumthor "Pensar a Arquitectura"



132. *in between madness:* **Aldo Van Eyck** (1918-99) em *Aldo Van Eyck - Works*, Compilation by Vincent Ligtelijn 1999

6 - Fontes Documentais

Referência Bibliograficas

Volumes

ALEXANDER, Christopher

Notes on the Synthesis of form

Harvard University Press, Cambridge, Massachussetts,
and London, England ; Copyright 1964 pp16

BACHELARD, Gaston

A Terra e os Devaneios da Vontade, Ensaio sobre a
imaginação das forças

São Paulo: Martins Fontes, Coleção Tópicos, 2008

BRANDÃO, Pedro

O Sentido da Cidade, Ensaios sobre o mito da Imagem
como Arquitectura

Lisboa: Livros Horizonte 2011

BRAUDILLARD, Jean in The Anti-Aesthetic, Essays on
the Postmodern Culture

Nova-Iorque, The New Press 1998

BANHAM, Reyner

Megastructure. Urban fetures of recent past

Thames e Hudson: 1976

BORIE, Alain; PIERRE, Micheloni; PINON, Pierre
Forma y Deformación, los objetos arquitectónicos y
urbanos
Barcelona: Editorial Reverté, 2008

CASTELLS, Manuel
A sociedade em rede.
São Paulo: Paz e Terra, 1999

CULLEN, Gordon
Paisagem Urbana
Lisboa: Edições 70, 2010

DIAS, Manuel Graça
Arte, Arquitectura e Cidade - A propósito de Lisboa
Monumental de Fialho Almeida
Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2011

EBNER, Peter; HERRMANN, Eva; HOLLBACHER,
Roman; KUNTSCHER, Markus & WIETZORREK, Ulrike
Typology + : Inovative Residential Architecture
Suíça: Birkhauser, 2010

GRAÇA DIAS, Manuel,
Arte, Arquitectura e Cidade
Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2011

HERTZBERGER, Herman
Lições de Arquitectura
São Paulo: Martins Fontes, 1999

HUYSEN, Andreas
Present Pasts, Urban Palimpsests and the Politics of
Memory
Stanford, California: Mieke Bal and Hent de Vries,
Editors, 2003

INNERARITY, Daniel
O novo espaço Público
Lisboa: Teorema, 2006

KOOLHAAS, Rem
Três Textos Sobre a Cidade - Grandeza ou o Problema
do grande, A Cidade Genérica, Espaço-Lixo
Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2010

KURI, Roberto: A vivenda Urbana Agrupada. in
Arquitectura y modos de habitar, SARQUIS, Jorge,
Buenos Aires: 2006

LEFEBVRE, Henri
La Production de l'espace
París: Anthropos 1974

LIERNUR, Jorge: AAAdueño. 2amb. Va.Urq. chiche.
4522-4789, in Arquitectura y modos de habitar,
SARQUIS, Jorge, Buenos Aires: 2006

LYNCH, Kevin
A Imagem da Cidade
Lisboa: Edições 70, 2000

MAKI, Fumihico
Investigations in Collective Form
St. Louis: 1964

MORA, Luiz
Omnia Sanctorum - Histórias da História Real de Todos-
os-Santos e seus sucessores: Desterro: Vida e Morte de
Um Hospital
Centro Hospitalar de Lisboa Central, EPE: 2012

NORBERG-SCHULZ, Christian
Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture
Rizzoli, 1991

PORTAS, Nuno
A Cidade como Arquitectura
Lisboa: Livros Horizonte 2011

ROSSI, Aldo
A Arquitectura da Cidade
Lisboa: Edições Cosmos, 2011

SALGADO, Manuel
Colina de Santana: Documento Estratégico de
Intervenção
Assembleia Municipal de Lisboa: 2013

SARQUIS, Jorge
Arquitectura y modos de habitar
Buenos Aires: 2006

SMITHSON, Alison and SMITHSON, Peter
Urban Structuring
Londres: Studio Vista Ltd, 1967

TÁVORA, Fernando
Da Organização do Espaço
Porto. FAUP Publicações, 2007

Team 10:
In Search of a Utopia of the Present 1953-81.
Rotterdam: NAI Publishers

VENTURI, Robert
Complexidade e Contradição em Arquitectura
São Paulo: Martins Fontes 2004

Documentários

FINA, Luciana

In Medias Res: no meio das coisas [Documentário]

Lisboa: 2014

HERZOG, Werner

Cave of Forgotten Dreams [Documentário]

United States: 2011

TAÍNHA, Manuel in In Medias Res: no meio das coisas
[Documentário], FINA, Luciana, Lisboa: 2014

ANEXOS

Anexo I - Processo de Trabalho

Desenhos

Maquetas

Mote/Processo inicial

Anexo II - Peças Desenhadas

